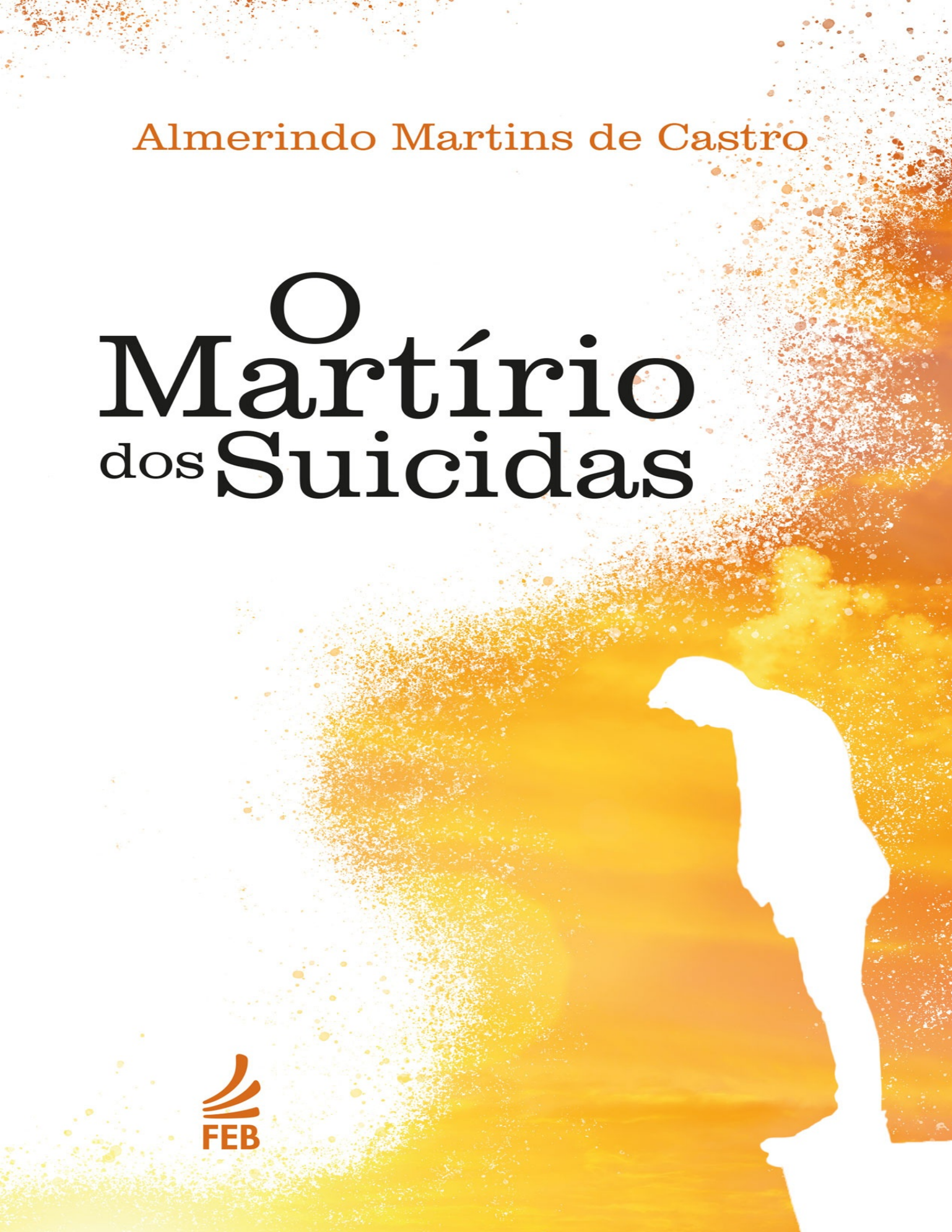
Almerindo Martins de Castro

O Martírio dos Suicidas



FEB

O Martírio dos Suicidas

O Martírio dos Suicidas

(SEUS SOFRIMENTOS INENARRÁVEIS)

Fatos e narrativas coligidos por

Almerindo Martins de Castro

FEB

Copyright © 1940 *by*
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

19ª edição – 9/2018

ISBN 978-85-9466-222-4

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6168/6177 – comercialfeb@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

C355m Castro, Almerindo Martins de, 1883–1987 (Comp.)

O martírio dos suicidas: (seus sofrimentos inenarráveis): fatos e narrativas coligidos / por Almerindo Martins de Castro. – 1. ed. – Brasília: FEB, 2018.

192p.

ISBN 978-85-9466-222-4

1.Espiritismo. 2. Suicídio – Visão espírita. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 10.00.00

Sumário

Prefácio à 6ª Edição
O Martírio dos Suicidas

PREFÁCIO À 6ª EDIÇÃO

> Os motivos de suicídio são de ordem passageira e humana; as razões de viver são de ordem eterna e sobre-humana. (DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. Brasília: FEB, 2016, cap. 10.)

Esta é uma nova edição de *O martírio dos suicidas*. O nosso sempre dinâmico e jovial companheiro, Almerindo Martins de Castro, apesar de seus noventa e poucos anos, efetuou algumas modificações e acréscimos no texto, sem dilatar-lhe excessivamente o conteúdo.

Poderão alguns perguntar por que razão continua esta obra na linha editorial da Casa de Ismael, quando possuímos hoje, na vasta literatura espírita, especialmente mediúnica, inúmeros e substanciosos tratados que virtualmente esgotam o assunto. Temos os livros de André Luiz, psicografados por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, diversos deles tratando de problemas de suicidas nos dois planos da vida; possuímos os da mediunidade de Yvonne A. Pereira, dos quais sobreleva o monumental *Memórias de um suicida*, ditado por Camilo, que revela com detalhes todas as peripécias da história do suicida; e dispomos, finalmente, de obras de Divaldo P. Franco, como *Nos bastidores da obsessão*, ditada por Manoel Philomeno de Miranda, e de outros médiuns e pesquisadores.

A resposta é simples. Este pequeno livro é destinado a exercer missão socorrista de urgência, a ser compulsado por aqueles que estão em aflição e desespero, atormentados ou desiludidos, vencidos e desorientados, vítimas do negativismo e da rebeldia, e que, por isso mesmo, reclamam ou imploram cabal esclarecimento às dúvidas e aos problemas que os convulsionam, mas em poucas linhas, em poucas palavras, ainda a tempo de serem libertados da ideia de autodestruição.

Singrando os mares do mundo, temos os mais belos e perfeitos transatlânticos, construídos conforme a técnica mais refinada e providos dos mais requintados instrumentos; todavia, neles também encontramos os minúsculos barcos que as ondas por vezes ocultam, mas que, nas horas de perigo, são os que executam a tarefa de salvamento. O opúsculo do Almerindo é um desses barcos, que vem recolhendo náufragos extenuados ao longo de duas gerações humanas.

Quantas vidas ele já salvou, quantos desastres terríveis, quanta viuvez e orfandade, quanto sofrimento ele conseguiu sustar? Deus o sabe.

Enquanto o suicídio campeia, e em certas áreas lamentavelmente recrudesce, quer inspirado por dores e dificuldades, quer motivado pelo tédio, no caso dos que se supersatisfazem com os bens da materialidade mundana, distanciados da fé raciocinada e da confiança em Deus, este pequeno manual de esclarecimento deverá continuar circulando entre a miséria moral e espiritual do orbe, em português e esperanto e, esperemos, em outros idiomas, cumprindo sua missão salvacionista e clarificadora de consciências.

Os enigmas do ser, do destino, da vida e da morte estão satisfatoriamente solucionados pelo Espiritismo. Mas os que ainda não o aceitam são igualmente irmãos que, nas suas dificuldades, precisam do nosso apoio e do nosso esclarecimento, em nome do Cristo de Deus. No capítulo da predisposição ao suicídio, não vacilemos: façamos chegar ao homem espiritualmente exausto o remédio, o alimento e o abrigo, através deste pequeno livro, à semelhança do que fez ao homem ferido na estrada aquele prestimoso viajante que descia de Jerusalém para Jericó e que a história evangélica eternizou como “o bom samaritano”.

Rio de Janeiro (RJ), 24 de agosto de 1978.

A EDITORA

O Martírio dos Suicidas

Uma das mais funestas ilusões da criatura humana é supor que a morte do corpo aniquila a consciência da personalidade.

Julgando que a função intelectual é exclusiva da massa encefálica, e que a alma ou Espírito não podem existir separadamente do corpo, muitos concluem que cortar o fio da vida material implica em extinguir para sempre a criatura, em dissolver na decomposição tumular todos os sentimentos e ideias que caracterizavam uma personalidade qualquer.

Esse é o triste e terrível engano do suicida.

Nascendo na Terra para desempenho de determinada tarefa, muitas vezes de rudes lutas, a criatura sente não raro faltar-lhe coragem para arrostar[1] certas amarguras, e deserta pela porta falsa do suicídio, verdadeiro alçapão que precipita a vítima num trevoso abismo de maiores dores e completo isolamento.

A vida é uma grande realização de solidariedade humana.

À semelhança do que ocorre no reino vegetal, onde a cada planta corresponde uma finalidade, assim toda criatura traz a sua tarefa de labor a executar, valendo pelo fruto que a árvore deve produzir.

Atirada ao solo, a semente germina e dá o seu contingente para a vida comum. Se falha, é reabsorvida (na química insondável e subterrânea), para que de novo constitua elemento gerador dos frutos que não deu.

Assim, o Espírito, lançado na vida dos mundos, tem de germinar em atos e sentimentos que valham por um labor progressivo, labor que o aprimora e eleva cada vez mais na escala da ascese moral. Se fracassa, atraído e enrodilhado pelos sentimentos e pelas ações inferiores, tem de renascer – para realizar esse progresso, que é o fim supremo da Criação.

Nessa lei incoercível, de renascimento e de reparação dos erros das existências anteriores, reside para muitos o mistério da vida, mistério que uns julgam desvendado pelas hipóteses da Ciência, e outros supõem resolvido pelos ritos e ensinamentos das religiões dogmáticas.

Mas, uns e outros, quando se encontram nas garras do sofrimento, esgotados todos os recursos da sapiência humana, muitas vezes apelam para o suicídio, na esperança ilusória de que, morto o corpo, cessem as torturas da enfermidade e do pensamento revoltado contra o acicate da dor.

Tão logo, porém, o incauto sofredor desfecha o golpe contra a própria existência, eis que o Espírito ou alma, liberto dos liames restritos da carcaça humana, mostra ao infeliz desertor que a vida de cada ser reside, não na carne do corpo perecível, mas num princípio – indefinível na linguagem da Terra – imortal, eterno, subordinado a leis que lhe impõem deveres iniludíveis, obrigações que tem de cumprir através de vidas sucessivas, tantas quantas sejam necessárias para chegar ao ponto do destino espiritual.

O Espírito não se separa do corpo, porque a ruptura do laço que prende um ao outro só se opera – normalmente – quando o desprendimento se faz sem a arbitrária violência do ato suicida.

Por muito que os sábios o neguem e os outros crentes o duvidem, a verdade é que cada um traz o seu tempo de existência terrena prefixado, e nenhum poder – humano – pode alterá-lo, para mais ou para menos.

O suicídio detém a trajetória do Espírito, fazendo-o parar violentamente no rumo pré-traçado, até que possa retomar a marcha normal na sua trilha.

Num paralelo material, pode-se comparar tal situação com a de um veículo que, com prévio destino, é subitamente precipitado numa ribanceira, tendo quebradas as rodas. Antes que seja reparado e reconduzido ao caminho de onde foi despenhado, não poderá reencetar a viagem e chegar ao término do seu trajeto.

É o que nos certificam os Espíritos suicidas. É o que nos diz, em tristonhas expressões, uma comunicação mediúnica do Espírito Hermes Fontes, o aureolado vate sergipano (1888–1930) que, aos 26 de dezembro, cortou o fio da vida neste mundo, na factícia certeza de que o túmulo seria o epílogo das suas desilusões de homem e de poeta:

> Tragou-me a voragem do desconhecido...
>
> Isolei-me demasiadamente da vida, e ao meu recolhimento profundo, fatal, só a dor me acompanhou.
>
> Eu não soube integrar-me nela. E, tomando vulto os espectros interiores dos meus próprios pesadelos, das minhas íntimas dúvidas, para escapar-me aos seus tentáculos atrozes, sonhei e arquitetei a volúpia do aniquilamento.
>
> A vida impõe o intercâmbio das emoções: o interior e exterior devem casar-se, sem que os vultos funestos do desânimo e da morte se apossem da nossa individualidade.
>
> É na integração do homem na vida que reside a felicidade.
>
> Quem se isola do mundo, e procura só no interior desempenhar a vida, sofre a asfixia dos seus sonhos e das suas esperanças.
>
> A morte tem, para os desiludidos, a aparência fulgurante de uma Canaã.
>
> O último sonho dos derrotados é a morte...
>
> Mas, ó almas desiludidas, volvei para outros horizontes o olhar das vossas esperanças!
>
> Não há morte! Ninguém pode eliminar de si próprio a vida, que é imortal!

Romper o equilíbrio orgânico da matéria é somente provocar um estado de vida em que os erros são mais nítidos ao Espírito, e as dores doem muito mais!

Não vos seduza, desiludidos, a miragem da morte!

Ela não é a Canaã dos vossos sonhos; não é a tranquilidade que ambicionais; não é o aniquilamento que vos seduz, como me seduziu a mim...

É, apenas, a porta tumular que conduz à consciência da nossa própria dor!

Se quereis o remédio para a vossa desilusão, para a vossa mágoa, para a vossa dor – amai-as.

O único meio de vencer os espectros do aniquilamento, os vultos fatais da sombra – é aceitá-los e amá-los.

São estágios precisos à evolução da nossa vida! Não há morte! O suicídio agrava e acentua a vida!

E não disse somente na comum expressão de toda a gente, mas também em identificadoras rimas, formosas e perfeitas, bem nos moldes das que fizeram a sua glória literária entre os homens:

Um dia eu me senti como se fora

O infeliz Aasvero legendário

E andei no mundo triste e solitário,

Sentindo frio n’alma sofredora.

Sonhei na morte a estrada salvadora

Ao meu grande martírio imaginário,

E sem notar o meu trágico desvairo,

Afundei-me na treva aterradora.

Tantas vezes a minh’alma enferma e aflita
Sonhou a paz nirvânica, infinita,
E apenas tenho a dor que me devora.
Ó Senhor, abrandai as minhas penas,
Eu sou inda, entre as lágrimas terrenas,
Uma lama mortal que sofre e chora.

*

Antes a nossa vida terminasse
No turbilhão de pó da sepultura,
Antes a morte fosse a noite escura
Onde o ser nunca mais se despertasse.
Ah! Se a nossa existência se acabasse,
Cessaria decerto a desventura!
Contudo a vida é o bem que se procura,
Morrer é ver a vida face a face.
Todavia, se sofro, ó Deus clemente,
É que sou criminoso, o delinquente,
E o enfermo sem paz e sem saúde.
Perdoai a minh’alma se blasfemo,

Ponde em meu coração o dom supremo

Da humildade que é auréola da virtude.

*

O verdadeiro sofrimento começa no momento do suicídio. Todas as narrativas das vítimas de tal desvario são unânimes na descrição das dores ligadas ao gênero de morte escolhido.

Se um veneno corrosivo, o ardor insuportável da queimadura, destruindo todo o esôfago, o estômago, os intestinos, na sensação máxima de intensidade; se um projétil de arma de fogo, a dor do ferimento, permanente, tirânica, impedindo todo o raciocínio que não gire em torno desse sofrimento; se a asfixia, por mergulho ou enforcamento, a absoluta falta de ar, a ânsia desesperada de respirar, nas contorções desordenadas de quem luta com as derradeiras forças para não morrer; se por incêndio das vestes, a inenarrável angústia da destruição das próprias carnes, tortura que palavras não descrevem e arrancam da vítima verdadeiros urros de dor, cruciantes e comovedores ao máximo da sensibilidade.

E assim veem as almas suicidas escoar-se o tempo, sem mais noção dele, até completar-se o que lhes estava marcado no relógio da vida terrena, quando reencarnaram.

E o suplício toma vulto maior no pensamento e no sentir, porque o Espírito, no seu insulamento de dor, perde a noção do tempo e tem a impressão de que vai sofrer eternamente.

Metido num círculo de treva, formado pela própria vítima – que se isola de tudo para só pensar na sua agrura – o Espírito cria a sensação de estar num deserto escuro, onde os seus gritos e gemidos têm ressonâncias tétricas, e a sua voz jamais é escutada por alguém.

Se percorre sítios ligados à causa do suicídio, o Espírito sofre em todos, sentindo-se arrastado num torvelinho, que não lhe permite raciocinar com acerto sobre nenhum dos problemas do próprio “eu”, pois tudo gira em torno da ideia central que o levou ao crime de *auto-homicídio.*[2]

Entrecortadamente, chora, blasfema, suplica, num meio-delírio comovedor, mas irremediável.

A carne, rasgada pelo gume de um punhal, necessita de imperioso período para cicatrização; a alma, atingida pelo golpe esfacelador do suicídio, precisa de irrecorrível lapso de sofrimento para balsamizar a lesão moral. São inúmeros e uniformes os testemunhos.

Qualquer que seja a condição social ou a crença religiosa, o réu desse crime contra a Lei Maior da Vida sofre, quase sempre revoltado, a pressão da incoercível força que o prende num novo sofrimento, quando o motivo do suicídio foi precisamente o desejo de fugir à dor, a amarguras intoleráveis de suportar. E, às vezes, a crença se torna um aumentativo das aflições, porque o indivíduo a despreza e rejeita – verificando-a impotente para atenuar o abatimento moral do que se acha no patamar do despenhadeiro, por onde se resvala para mergulhar na morte. Mas, consumado o ato criminoso, a realidade mostra afinal que o erro está em que as criaturas não se amoldam aos imperativos do destino, e sim pretendem que a vida se plasme aos seus gozos e interesses de toda ordem.

É do Além que nos chegam os testemunhos dessas verdades nos depoimentos das almas cruciadas e arrependidas, chorosas e penitentes, prevenindo os calcetas[3] das dores terrenas que as amarguras daqui são resgate bendito de faltas praticadas em vidas anteriores, enquanto que o *auto-homicídio* é um novo e pesado crime gerador de maiores e irremediáveis sofrimentos.

Não importa que pensamentos enganadores mascarem esse atentado com as formas de um pretenso altruísmo ou com as factícias aparências de um amor – que é apenas egoísmo disfarçado.

Com grande tristeza, comovente e resignada, veio a um idôneo cenáculo espírita o depoimento de uma jovem, que fora na Terra boníssima criatura, filha dedicada, extremamente religiosa, católica praticante, pertencente ao grêmio das filhas de Maria da igreja que frequentava.

Trabalhando num emprego relativamente bem remunerado, consagrava-se a cuidar de sua velha mãe, da qual se tornara arrimo, pois não tinham outros parentes, vivos. Mas, porque fosse de ótimos sentimentos e irrepreensível proceder, a jovem era alvo de muitos elogios pelo beatério da sacristia, e isso bastante a impressionava agradavelmente, gerando-lhe quiçá um fundo de desculpável vaidade.

Certa vez, ao passar por um grupo de beatas, ouviu dizer:

— Esta menina, se morresse hoje, ia direitinho para o Céu!

E percebeu que a frase era apoiada e repetida por todas, que se voltaram para olhá-la.

Tais palavras penetraram no mais recôndito do seu espírito e foram aprofundando a sua influência, criando na sua imaginação de crente acostumada às promessas de bem-aventuranças e perdões a granel um quadro mirífico de venturas celestiais.

— Ir para o Céu! – foi a moça repetindo, caminho de casa, deslumbrada com a visão que a sua fantasia forjou no pensamento.

E, cada vez mais empolgada pela ideia de ir para junto da Virgem Maria, chegou ao lar, foi para um aposento, e suicidou-se.

Narra o Espírito da jovem:

> Minha desventura, agora, não é feita de dores (que o meu corpo não teve), nem de remorsos, porque jamais pratiquei mal contra o próximo; mas da contemplação dos sofrimentos de minha infeliz mãe.
>
> Fugindo da vida, eu lhe causei a maior dor de toda a sua existência, e por mim ela chorou todas as lágrimas dos seus olhos. Cada soluço, cada lamento dos seus lábios feriam-me a alma, qual se fossem punhais de fogo. Depois, quando pude ver, aos meus olhares surgiram os quadros da miséria, da fome e do frio que minha pobre mãezinha tem curtido – depois que lhe faltou o sustento que eu lhe proporcionava com o fruto do meu trabalho.
>
> Rolando, em casa de estranhos, por esmola, comendo do que sobra, mesmo contra o seu paladar; vestindo restos de roupas, às vezes insuficientes para atenuar o frio; olhada com indiferença por todos, ninguém lhe faz um carinho, nem lhe diz palavras de consolo; ninguém lhe zela pela saúde, e muitas vezes ela se tem sentido morrer, sem o socorro de qualquer medicação.

Tal é a minha tortura de todos os instantes: o quadro dos sofrimentos de minha mãe não se afasta de diante de mim. Dir-se-ia que em todo horizonte da minha visão não existe outra perspectiva. O meu suplício espiritual lembra o da gota de água, caindo sobre a cabeça do condenado – até perfurá-la – à força de bater ininterruptamente.

Coisa terrível o suicídio! Horrível mentira, a promessa do Céu aos pobres pecadores, indignos até do olhar de Jesus!

*

É instrutivo atentar-se em que o suicídio para alcançar o convívio dos deuses parece uma herança assimilada dos velhos credos, pois era praticado desde há muito na Índia, a grande fonte de sabedoria onde, além da Filosofia, os juristas das eras cesarianas beberam os elementos do seu pretenso Direito Romano.

Essa horrível e enganosa prática, que o domínio inglês coibiu nos territórios então tomados, era largamente exercida em Allahabad, à margem direita do Ganges, na confluência do Juna com esse rio.

Eis, em rápidas linhas, notícia que se encontra no livro – *Pela Índia*, autoria de Adriano de Sá, ilustrado engenheiro militar do Exército português:

No areal que medeia entre a cidade e os rios, celebra-se anualmente uma feira (Mela), concorrida por mais de um milhão de pessoas, que vêm banhar-se neste lugar especialmente sagrado e que acampam ao longo dos rios, enchendo as suas margens de animação, de bulício, de pitoresco e de imundície.

Nesse local, dez vezes santo, estacionam habitualmente, rodeados de um sem-número de discípulos (*chela*) ou de simples crentes (*astan*), muitas centenas de faquires, cheios de devoção e cobertos de cinza, ocre e de piolhos, com longos cabelos empastados de lama, hediondos, repelentes.

Ali se conservam extáticos, imóveis por largo tempo, uns de joelhos, outros de braços no ar, deitados outros sobre “leitos” cujos “colchões” são agudas pontas de pregos, sofrendo todos, sem um queixume, os mais dolorosos tormentos. Todo um estendal de martírio, de êxtase de devoção doentia...

> O governo inglês obstou a continuação de uma prática religiosa, antiquíssima, que aqui costumava ter lugar. Muitos devotos se suicidaram, afogando-se na confluência dos dois rios, na ingênua crença de que iam direitinhos para o Céu. Era bastante original a maneira desse suicídio, e não lhes faltava a religião com o seu conforto, naquele momento extremo.
>
> O "paciente" ia, com um ou mais sacerdotes bramânicos, em barco, para o meio do rio. Chegados ali, os padres "depunham" o homem na água, tendo-lhe atado a uma das mãos grande panela de barro e dando-lhe para a outra mão uma colher, ou uma "chareta" (pedaço amainado) de coco.[4]
>
> Enquanto a panela se conservava vazia, o desgraçado flutuava; mas, animado de fervor religioso, ia com a "chareta" enchendo gradualmente de água a panela, que, pouco a pouco, mergulhava, até afundar de todo, panela e devoto, desaparecendo nas sacras águas do sagrado rio, a caminho do céu hindu...

Ainda ligando-se ao mesmo assunto, o erudito autor, referindo-se à visita feita ao monte sagrado de Chamendi, no Misore (marajado de cinco milhões de habitantes), narra:

> Pude examinar de perto um enorme carro, pesadíssima bisarma (coisa disforme) de madeira, opulentamente ornamentada e sobrecarregada de esculturas dos numerosos deuses da mitologia bramânica, que costuma figurar nas procissões.
>
> Esses carros, que servem para transportar a imagem do deus que se festeja, chegam a ter dezesseis rodas, de mais de dois metros de diâmetro.
>
> São puxados pelos fiéis, que disputam, lutando violentamente, esta grande honra, e não poucos têm sido os que, nessas pugnas, ficaram esmagados debaixo dos monstruosos carros descomunais. Resta-lhes a consolação de que vão diretamente ao paraíso bramânico...
>
> Há mesmo devotos fanáticos que, nas grandes procissões, se atiram voluntariamente sob as rodas dos carros, a fim de por elas serem esmigalhados – e alcançarem, de tal forma, o céu hindu.

> Quando isso sucede, toda a enorme multidão de fiéis desata em louvores aos seus deuses, atroando os ares com gritos e uivos que nada têm de humanos.
>
> Onde se dá maior número desses sacrifícios (suicídios) voluntários é em Puri, na região de Orissa, durante a procissão que sai do grande templo de Jagarnat, nome sob o qual é ali adorado o deus Vixnu, cujo enorme carro, de dezesseis rodas, tem catorze metros de altura e é arrastado, dizem, por quatro mil e duzentos devotos!

Apesar, porém, da ilusória crença fanática desses infelizes, quando podem dar notícia do seu estado, subsequente ao suicídio, as suas palavras acusam sempre desolação, agrura, arrependimento, convencidos já da necessidade de reparar o crime praticado, reencarnando para completar o interrompido estágio terreal.

É que, passado o período de perturbação – constituído de inenarráveis agruras – o Espírito constata a impossibilidade de alterar impunemente o ritmo da Natureza, em todos os setores da vida cósmica.

Tudo quanto está traçado nas finalidades de cada coisa ou de cada ser deve ir até o final, sem que a criatura humana lhe possa – impunemente – modificar o rumo, a duração, a estrutura substancial, o destino, em suma.

E sempre que a pretensa liberdade dos vermes humanos se aventura a perturbar as harmonias naturais das coisas ou dos seres, tem a imediata reação, as dolorosas consequências, que custam lágrimas e padecimentos bem terríveis de suportar, acarretando ainda reparações que só a seu tempo podem ser iniciadas, como que a atestar a insignificância da criatura e a superioridade das Leis – não escritas na Terra –que governam os mundos e os destinos do Espírito imortal.

Essa a lição eloquente que nos vem nos ensinamentos do Além-Túmulo, embora a Humanidade continue entronizando deuses e teorias de sua criação, engodo para as almas desprevenidas, pretendendo unificar o poder das castas sacerdotais.

E aí estão os testemunhos, unânimes na condenação do suicídio, embora variando na intensidade e forma específica do sofrimento, segundo a mentalidade e a sensibilidade da vítima, e ainda conforme o móvel que influiu no ânimo da criatura, arrastando-a ao suicídio.

De outra fonte feminina, mas de mentalidade diametralmente diversa, vem edificante ensinamento que sintetiza um vergonhoso ultraje e muito humilhante sofrimento para a sensibilidade de mulher:

> Jovem caprichosa, contrariada em meus impulsos afetivos, acariciei a ideia da fuga, menoscabando todos os favores que a Providência Divina me concedera à estrada primaveril.
>
> Acalentei a ideia do suicídio com volúpia e, com isso, através dela, fortaleci as ligações deploráveis com os desafetos de meu passado, que falava mais alto no presente.
>
> Esqueci-me dos generosos progenitores, a quem devia ternura; dos familiares, junto dos quais me empenhara em abençoadas dívidas de serviço; olvidei meus amigos, cuja simpatia poderia tomar por valioso

escudo em minha justa defesa, e desviei-me do campo de sagradas obrigações, ignorando deliberadamente que elas representavam os instrumentos de minha restauração espiritual.

Refletia no suicídio com a expectação de quem se encaminhava para uma porta libertadora, tentando, inutilmente, fugir de mim mesma.

E, nesse passo desacertado, todas as cadeias do meu pretérito se reconstituíram, religando-me às trevas interiores, até que numa noite de supremo infortúnio empunhei a taça fatídica que me liquidaria a existência na carne.

[...]

Imensa repugnância pela deserção, de súbito, iluminou-me a alma; entretanto, na penumbra do quarto, rostos sinistros se materializaram de leve e braços hirsutos me rodearam.

Vozes inesquecíveis e cavernosas infundiram-me estranho pavor, exclamando: – “É preciso beber”.

A bênção do socorro celeste fora como que abafada por todas as correntes de treva que eu mesma nutrira.

Debalde minha mão trêmula ansiou desfazer-se do líquido fatal.

Esvaíram-se-me as forças.

Senti-me desequilibrada e, embora sustentasse a consciência do meu gesto, sorvi, quase sem querer, a poção com que meu corpo se rendeu ao sepulcro.

[...]

Em razão disso, padeci, depois do túmulo, todas as humilhações que podem rebaixar a mulher indefesa (XAVIER, Francisco Cândido. *Vozes do grande além*. Brasília: FEB, 2010. cap. 39).

*

Eis mais algumas narrativas autênticas, colhidas em fontes idôneas, e que detalham os sofrimentos e as impressões de alguns desesperados – colhidos nas malhas traiçoeiras da morte voluntária:

Um dia, em seleta reunião de psiquistas, apareceu um Espírito, que, comunicando-se pelo médium, revelava a mais extraordinária dor. Gritava aflitivamente, como se estivesse sendo martirizado. A custo foi acalmado um pouco; e a custo, entrecortadamente por gemidos e gritos, contou a causa do seu sofrer.

Disse o nome. Mulher. Fora quitandeira em uma das ruas de Alcântara, Lisboa. Casada. Tivera filhos. O marido era mau, mandrião,[5] jogador e ébrio. Não trabalhava e obrigava-a a sustentá-lo e a prover às necessidades da família com os mesquinhos ganhos da sua pouco rendosa indústria. Para tê-la sob o seu jugo explorador, dava-lhe maus-tratos. Insultava-a, agredia-a. Quando isso não bastava, agredia os filhos, para fazê-la sofrer.

Arrastou assim uma vida de angústias durante anos. Cansou. A paciência esgotou-se-lhe. Começou a pensar em fugir ao martírio, suicidando-se. Acreditava que um instante de resolução, uma dor rápida, poria termo àquele longo arrastar de dores, àquele infernal suplício de todas as horas. Pensava, porém nos filhos... Que seria deles? Eram os filhos o laço que a aguentava presa ao potro do sofrimento.

Surgiu a ocasião em que o laço quebrou. Não pôde mais. A fome e as dívidas vinham minando o lar. As facilidades, para que o seu carrasco pudesse levar vida sem trabalhar, diminuíam, e os maus-tratos aumentavam em proporção oposta à dessa diminuição. Os filhos estavam doentes e ela alquebrada, sem forças para trabalhar. Para tratar dos filhos, não podia agenciar a vida; para agenciar a vida, ficariam as criancinhas ao desamparo, em casa. Não podia mais. Decididamente, era melhor morrer.

Em seguida a uma das habituais altercações, acompanhada do espancamento martirizante, a pobre, louca de desespero, correu à linha de trem de Cascais, quando passava, veloz, junto ao cais d'Alcântara, e precipitou-se debaixo dele.

Ia acabar tudo, pensava.

Nesse instante supremo, lembrou-se dos filhos, mas já não podia recuar: o corpo, cedendo ao impulso, tombara sobre os *rails*. No mesmo instante, sentiu as rodas passarem sobre o corpo; ouviu ranger os ossos na trituração; suas carnes, dilaceradas, sacudiam-se, palpitantes; fragmentos dos membros rolaram com o impulso do choque que os decepara, e, coisa horrível, sentia que não morria. Via-se desfeita, esmagada, informe; ouvia o crepitar dos ossos; parecia que uma dor a torturava, composta de muitas dores desiguais, localizada cada uma em um dos membros espalhados no solo, jorrando sangue e palpitando em contrações...

Viu acudir gente, gritando. Notou que examinavam, compungidos, os seus restos. Viu chegarem as autoridades e, em seguida, um homem ajuntar todos os pedaços do seu corpo espostejado, e metê-los em um caixote de madeira.

Queria afastar-se do sítio, mas não podia. Gritava, mas ninguém lhe dava atenção. Agarrou-se a um polícia, pedindo-lhe que a levasse para casa, mas o polícia não a atendeu. Parecia até que não a sentia, nem ouvia. Não fez dela o mais ligeiro caso. Deixou-o e agarrou-se a outras pessoas. Sucedeu o mesmo. Ninguém lhe respondia; ninguém se importava com ela.

Entretanto, ouvia sempre o rodar do trem, sentia-o passar, esmagando, cortando e arrastando-lhe o corpo e ouvia o ruído do esmagar dos ossos. Era horrível!

As autoridades afastaram-se. Dois homens levaram-lhe o corpo esmigalhado em fragmentos.

Não compreendia como se via morta e em pedaços, ao mesmo tempo que lhe parecia estar viva e a sentir dores, muitas dores em todo o corpo.

Imaginou que dormisse e fosse vítima de um pesadelo. Mas, rapidamente, via toda a sua vida, até ao momento de arrojar-se para debaixo do trem, em procura do descanso da morte. Lembrava-se dos filhos. E, coisa espantosa! parecia-lhe que só podia vê-los, e ao trem, ao seu corpo despedaçado, ao caixote com o seu cadáver em bocados, escorrendo sangue, que ia estendendo dois fios vermelhos pela rua fora...

Não via mais nada.

A princípio, ainda ouvia os comentários das pessoas que tinham presenciado a cena do suicídio e as conjeturas que faziam sobre quem ela seria. No meio dos seus gritos, dizia-lhes quem era e onde morava; mas ninguém a atendia, todos a desprezavam. Nem a olhavam...

Pouco a pouco, foi deixando de ver e ouvir essa gente. Só lhe ficou o rodar do trem e os estalidos dos ossos.

Algum tempo depois, começou a notar ao redor pessoas que não conhecia, horrendamente feias, que riam dela, a empurravam, e lhe diziam graças e sarcasmos por ter querido fugir às dores da vida, matando-se.

Pareciam-lhe demônios, e apavorou-se, com o medo de que a viessem buscar para o inferno. Suplicou-lhes que a deixassem... Redobravam de risadas e de empurrões. O riso era de endoidecer... E não deixava de sentir a trituração do seu corpo, de ouvir o rodar do trem, a fratura dos ossos, o esmagar da carne!...

Não parava mais. Aqueles demônios, que tinham tomado conta dela, nunca mais a deixaram. Iam uns e vinham outros... Riam às gargalhadas, gemiam, berravam. Diziam-lhe que eram seus eternos companheiros e, iguais a ela, perdidos, porque, também, se tinham matado por suas próprias mãos... Sofriam tal qual ela, mas cada um de seu feitio. Havia momentos em que pareciam todos doidos furiosos. Cada um berrava à sua maneira. Ouvia-os, sentia-os, mas não os via. Só uma vez lhe parecera tê-los visto. Eram todos de negro, e faziam caretas de sofrimento. Parecia-lhe que alguns deles estavam esmagados, como vira o seu corpo; outros com a cara inchada; outros com fios de sangue a escorrer dos ouvidos!...

Era coisa do inferno e não quisera ver mais... Mas, quer fechasse os olhos, quer não, via-os do mesmo modo. Para ela, era tudo noite escura; mas noite escura através da qual via os filhos, como os deixara, doentes e famintos; o trem a correr por cima dela, o seu corpo a partir-se pelo cortar das rodas... E o trem a passar sempre por cima das suas carnes... Não acabava nunca; não cessava mais o ruído, nem deixava de sentir dores, nem de ouvir o *rijjjjj-rijjjjj* dos ossos e da carne sendo esmagados.

Às vezes, sentia-se arrastada pelos companheiros, como se fosse arrebatada por um furacão, e assim ia ver os filhos a sofrerem, o marido mergulhado numa vida de abjeção...

E lá seguia depois, no redemoinho, crendo-se perdida para sempre.

A pobre contara estas coisas a pedaços, sufocada em gemidos, e revelando-as com exclamações de dor.

Mostrava-se desconfiada e receosa. Quando o dirigente da reunião procurava confortá-la, encaminhando-a para a resignação e para o arrependimento, chorava mais aflitivamente, e exclamava que não sabia resignar-se, nem arrepender-se.

Pedia que a deixassem ficar onde estava, isto é, no corpo do médium. Dizia que, ao menos, ali não sofria tantas dores, não aturava os demônios, nem se sentia com o corpo em bocados.

Quando não houve meio de prolongar mais a situação, que estava sendo pesada e penosíssima para todos, a pobre retirou-se, não sem ter deixado, numa exclamação final, reveladora de tanto penar, de tanta tristeza, a mais dolorosa impressão que a comunicação com Espíritos pode dar, em tais circunstâncias.

A exclamação foi:

– E é isto a morte, meu Deus!

Sim! Era aquilo a morte, em que ela havia procurado descanso! Aquele inferno inconcebível!

*

Em outra oportunidade, e logo de começo, o médium, ao cair em transe, revelou enorme sofrimento. O rosto congestionou-se-lhe repentinamente. Arroxeou; inchou; os olhos abriram-se desmesuradamente como se fossem rebentar; a língua saiu para fora da boca uns cinco centímetros. Ao mesmo tempo, a respiração sibilava-lhe com estertor.

Os assistentes aterraram-se. Recomendada calma, confiança e muita piedade para aquele infeliz que assim se manifestava, e depois de ligeiros passes magnéticos, o médium falou. Com grande esforço, começou, com palavras a cada passo cortadas por estertorosos rugidos.

Tinha sido um pequeno comerciante, brioso e honesto, porém infeliz nos negócios. Tentara vários meios de vida. O último fora pequena mercearia em uma das tortuosas vielas do bairro de Alfama.

Família grande, filhos doentes, negócios maus, falta de freguesia, tudo concorrera para que arrastasse vida quase miserável.

Vivendo mal, chegou um dia o desastre. Os credores tomaram-lhe conta da casa. Fora ele quem, não podendo solver seus compromissos, a entregara.

– Aquilo tinha de ser – dizia ele, referindo-se à ideia de pôr termo à vida, como meio de fugir aos tormentos que o torturavam.

Pensou na família, na mulher, nos filhos; mas, concluíra como remate a esses pensamentos:

– Ninguém morre de fome. Eu é que não posso mais... Eles cá se arranjarão... Sós, todos terão dó deles... Eu é que não posso mais...

Nesta altura, o diretor da reunião lembrou-lhe:

– E por que não tentou outro modo de vida?

– Qual?

– Qualquer. Todos são bons quando se ganha o pão honradamente...

– Já tinha tentado tantos...

– Tentasse mais. Não dissera que ninguém morre de fome? Quando não houvesse mais meio de trabalhar, pediria esmola. Não pensou que era fraqueza fugir, e egoísmo deixar os filhos ao abandono, na miséria, para, por esse preço, ganhar o descanso?

– Sim. Mas eu não podia mais.

Prosseguindo, contou que, ao entregar a casa aos credores, lançara um último olhar para o estabelecimento onde tanto sofrera, e, sem despedir-se da família, caminhara sem rumo pelas ruas da cidade, cogitando nos meios de matar-se. Todos temiam, receando não morrer deles. Resolveu, finalmente, enforcar-se. Arranjara um cordão roxo e forte, e dirigira-se ao bairro Estefânia. Ia aparvalhado. Não se lembrava senão de que ia ver-se livre da vida que tanto o martirizava.

Algum tempo mais, e estaria descansando para sempre. A morte era o sono amigo, era o sono eterno.

Escolheu uma oliveira, que tinha ramada saliente. Parecia convidá-lo. A custo subiu. Atou o cordão, depois de ter feito a laçada corredia. Experimentou se estava bem sólido. Estava. Meteu a cabeça na laçada, olhou para a cidade que se estendia para o horizonte, e sorriu pensando:

– Vou ver-me livre de ti, e do inferno da vida...

Deixou-se cair. Sentiu que o sangue lhe subiu vertiginosamente à cabeça; os ouvidos zuniram-lhe furiosamente; parecia-lhe ter dentro o eco de um trovão; a língua rompeu pela boca fora, faltou-lhe o ar, sacudiu-se, debateu-se, perneou, procurando um apoio com os pés e com as mãos, e perdeu os sentidos.

Ao voltar a si, viu-se no chão, mas sentindo tudo que pouco antes tivera. Parecia-lhe estar mais leve. Olhou em redor, e viu o corpo dependurado na árvore. Pareceu-lhe o seu próprio corpo, que balouçava ainda levemente... Recordou-se, então, de que quisera matar-se... Horrorizou-se de pensar que não houvesse morrido e que teria de recomeçar...

Notou que sentia as aflições da morte. Deitou a correr; e de então até à hora em que nos falava, não mais tivera descanso, nem mais deixara de sofrer a sensação do enforcamento.

Agora sabia que tinha morrido para o mundo: passava martírios, pensando nos filhos, que não mais tinha visto, e maldizia-se porque, supondo buscar o sossego eterno, se tinha perdido para sempre, adquirindo um sofrimento, do qual, uma hora só, era mais horrível que o total de todos os outros de que quisera fugir.

Tempos passados, soube-se que sofria já muito menos, e, por um arrependimento sincero, ia em caminho de regeneração.

Tal regeneração, porém, não faz desaparecer o sofrimento. O que pode desaparecer mais rapidamente é a sensação das dores físicas inerentes ao ato do suicídio.

Ficam ainda as consequências morais, que pungem o infeliz na intensidade correspondente ao seu atraso espiritual e aos motivos por que se matou.

*

Ainda em outra oportunidade, em uma reunião de sinceros e idôneos investigadores espiritualistas, na qual havia excelente médium, manifestou-se o Espírito, identificado, de certa mulher, revelando extraordinário sofrimento.

Depois de esforços feitos para averiguar quem era e por que sofria, foi possível reconstituir o seu caso trágico:

Era natural de uma povoação suburbana do Porto. Casada, tinha dois filhos, sendo um de colo e o outro de três anos. Viviam na miséria. O marido era mandrião, vicioso, explorador e carrasco da esposa.

A vida era para ela verdadeiro suplício. Canseira, fome, pancada; sem um momento de alegria, sem uma clareira de paz no desespero do seu viver.

Um dia, resolveu pôr termo à dolorosa situação. Não queria, porém, deixar os filhos entregues a tal pai, pois seria o mesmo que deixá-los ao abandono, ou pior. Ao abandono, as autoridades tomariam conta deles; ficando com o pai, seriam futuros desgraçados ou futuros criminosos.

Deliberou que morressem com ela. Assim acabaria tudo, e não iria para o outro mundo com o remorso de os deixar ao desamparo. E, depois, eram dois anjinhos que a acompanhariam e pediriam a Deus por ela, pensava.

Na ocasião escolhida, tomou o pequenino, que dormia no berço, pegou no outro pela mão, e dirigiu-se com eles, a chorar, em direção à linha do trem de ferro, esperando o que devia passar para o Porto.

Esperou, e, quando o comboio passava na sua vertigem, atirou, num safanão, o pequeno que levava, para cima da linha, e, sem querer ver mais, nem olhar onde ele ficava, atirou-se também com o que levava ao colo.

Ouviu o trem chegar, e um repentino ranger e esmagar de corpos.

Perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, pareceu-lhe tudo um pesadelo. Lembrou-se rapidamente do que se tinha passado, e imaginou que sonhava, porque ouvia ainda o ruído do trem a passar, e o ruído dos corpos a desfazerem-se debaixo das rodas.

Figurava-se-lhe estar a ver a cena. Não ouvia, nem via nada. Sentia o corpo numa espécie de formigueiro, de dormência, que ia desaparecendo gradualmente, transformando-se em sensação de dor.

Crente de que sonhava, fazia esforços para acordar; esforços que serviam só para ir desfazendo o torpor, a dormência em que jazia, e aumentarem as dores que sentia por todo o corpo.

De repente, deparou com o filho menor, partido, ao meio da linha, e jorrando sangue dos cortes. Deu um grito horrível: recordou-se de tudo. Procurou, então, o outro filho. Não o viu, e sim ao seu próprio corpo feito em pedaços, e estes espalhados pela linha afora. Parecia-lhe que endoidecia. Quis levantar os dois pedaços do filho menor, porém, não pôde.

As suas mãos tocaram-nos, mas não tinham força para os mover.

De súbito, pensou que o corpo que estava retalhado pelo chão não fosse o seu.

Não podia ser, porque ela estava ali viva a sofrer. De quem seria? Arrastou-se para ver a cabeça, um pouco distante, misturada a farrapos de vestes.

Ao mesmo tempo, aterrou-se: notou que estava ouvindo o trem chegar com toda a velocidade. Ouvia o ruído das rodas, e o silvo da máquina. Olhou, e, alongando a vista por toda a linha, não viu nada.

Olhando sempre, para que, se o trem chegasse, não a apanhasse, dirigiu-se ao local onde estava a cabeça. Quis apanhá-la, mas não pôde. Procurou ver-lhe a fisionomia, e viu a sua própria, em contrações, fazendo caretas horríveis. Estava cheia de sangue, com pedaços de pele arrancados.

Gritou, gritou que a acudissem, mas ninguém a ouviu.

Havia, porém, uma coisa que mais a horrorizava ainda: não saber do filho mais velho, e ver o pequenino cortado ao meio, em parte esmagado, intestinos de fora, palpitantes.

Se fechava os olhos, via-o do mesmo modo; se desviava o olhar para o lado, afigurava-se-lhe que os pedaços do corpinho seguiam a mesma direção. Esfregava os olhos porque lhe parecia ter a figura do filho estampada neles. Esse sofrimento, e o de não ver o outro filho, nem saber dele, faziam-lhe esquecer as dores que sentia.

Persistia em querer morrer. Deitou-se na linha à espera que outro trem passasse e a matasse.

Não sabe quanto tempo esteve assim. Não se lembra de a fazerem sair de lá, de passar mais trens, nem se retiraram ou não os pedaços dos corpos que estavam espalhados no local.

Só se recordava de que, ouvindo sempre o trem, de vez em quando parecia-lhe ouvir os filhos chorarem, o marido berrar e insultá-la.

Parecia-lhe, nesses momentos, continuar na vida de miséria e de martírio a que quisera fugir.

Então chorava, gritava, pedia a morte a Deus.

Não tinha a noção do tempo.

Não havia dias para ela. Era sempre noite. Na escuridão, não via outra coisa além do filho esfacelado na linha férrea.

Passado não sabe quanto tempo, resolveu ir procurar o outro filho.

Não sabia aonde, nem por onde ia. Queria fugir dali. Se pensava na sua casa, parecia-lhe que estava nela. Ouvia o marido, ouvia o filho mais velho; mas, vendo tudo na casa, não os via a eles.

Parecia-lhe, sem saber por que, que ambos – pai e filho – sofriam muito.

Supunha ter a impressão de que estavam doentes, cheios de fome. E então, esquecendo o seu próprio sofrimento, pensava em ir trabalhar para eles, como antigamente.

Sentia grande dor ao lembrar-se de que morreriam à míngua, por culpa dela.

Mas, repentinamente, entrava a chorar, por sentir que estava cega e, por isso, não mais podia trabalhar.

Deixava a casa, aflita. Iria para a rua pedir esmola, pensava.

Na rua, de vez em quando, ouvia vozes; ouvia que passava gente; estendia a mão, pedindo esmola, que ninguém lhe dava. Parecia-lhe que não a queriam ver, nem socorrer.

Ouvia os vizinhos. Berrava por eles, e nenhum lhe respondia.

Então, acusava-se, remordia-lhe a consciência.

Reconhecia que tinham razão em a desprezarem, por ela ter matado os filhos, um dos quais continuava a ver na sua eterna cegueira.

E arrepelava-se,[6] e chorava.

As dores do corpo eram nada, comparadas às dores que sentia na consciência.

Ter morto os filhos da sua alma, que adorava, e não se ter morto a ela, era coisa que não lhe passaria nunca. “Quando morresse” iria para o inferno, sem remissão. E antes fosse logo: no inferno padeceria talvez menos do que estava sofrendo.

Lembrava-se de rezar; mas, esqueciam-lhe as orações. Queria pedir perdão a Deus; mas, se o tentava fazer, a cabeça perdia-se-lhe numa grande confusão.

Parecia-lhe, às vezes, que ao barulho constante do rodar do trem e do estalar de ossos, se juntava o ruído de risos escarninhos, vindos de muito longe, misturados com ditos a ela referentes.

Acusavam-na da morte dos filhos e ameaçavam-na.

Receava ser presa. Pensava esconder-se, já que não podia matar-se; mas, a cegueira não a deixava enxergar o local. Deixava-se andar à ventura, sem destino.

Começou então a reparar que o seu corpo se tornava, de vez em quando, mais leve, e as dores mais toleráveis. E acalmava um pouco.

Nessas ocasiões, tinha a impressão de que, em vez de risos e acusações, chegavam até ela o eco sumido de palavras de dó e de bondade, os murmúrios de preces dirigidas a Deus, em seu favor.

Ouvia choros e soluços, de mistura com o seu nome, que ora lhe pareciam próximos, ora afastados, mal se distinguindo. Imaginava sonhar.

Nesses momentos, o ruído do trem ia-se sumindo, sumindo, até quase desaparecer; e, na sua alucinação, parecia-lhe que o corpinho dilacerado do filhinho se movia, tomava vida e a olhava, sorrindo.

E, ao longe, muito ao longe, alguém rezava por ela... Sentia um bem-estar rodeá-la, que a fazia mais feliz, que lhe elevava o corpo.

E, nesse estado, notava que podia pensar em Deus, pedir-lhe perdão, e rezar.

Então, animava-a a esperança de que não se perderia para sempre.

Mas, esses momentos de paz e de sonhos passavam depressa. Vinha logo o estado do costume. Não ouvia mais choros amigos, nem rezas piedosas.

E lá seguia, sem destino, sem ver para onde, sem ver mais que o corpo retalhado do filho. Caía novamente no desespero.

Deixou de querer ir a casa, porque, quando ia lá, sofria muito mais, pelo remorso de não ter continuado a olhar pelos filhos e pelo marido que Deus lhe dera. Era a sua obrigação. Fora mãe má e também mulher má. Matara os filhos e abandonara o esposo. Se ele era mau, devia desculpá-lo. Era seu marido. Era o seu dever. Ele não ganhava para os filhos? Ganhasse ela, pois tanta obrigação tinha um quanto outro, porque eram filhos de ambos.

E se, quando pensava nisto, não queria ir, era quando se sentia forçada a ir, como se fosse arrastada...

Não sabia quanto tempo andou assim. Só se lembrava de que os momentos de sonho se iam amiudando. Ia sentindo cada vez menos vivo o remorso do que tinha feito. Lembrava-se, já sem grande aflição, de que fora o seu amor pelos filhos, e o desespero de vê-los com fome e frio, que a levara a fazer o que fizera.

Certo dia, num desses instantes de paz, pareceu-lhe ouvir dizer-lhe alguém, uma voz de criança, que breve acabaria o seu maior sofrimento. Receou estar louca, pois teve a ilusão de que era o próprio filho morto quem lhe falava.

Passou-se mais tempo. As suas dores já não lhe doíam tanto. Só lhe doíam a morte dos dois filhos e a sorte do marido. O barulho do trem já pouco o ouvia. Não sabia se desaparecia, ou se se ia habituando.

Davam-se já largos espaços de tempo que não via o filho esquartejado.

Amiudavam-se os momentos felizes, em que lhe parecia ouvir rezar por ela. Seria verdade? Haveria quem se lembrasse daquela desgraçada?

Fosse ou não verdade, o certo era que sentia nesses instantes um grande bem-estar. A sua cabeça desanuviava-se, e podia orar e pedir perdão a Deus, sem grande dificuldade.

Chegou um dia – aquele em que se encontrava – em que sentiu pequena mão pegar na sua, e conduzi-la, ao mesmo tempo em que a voz, ouvida já e que supusera do próprio filho, lhe dizia: – “Vem”. O seu corpo *enroscou-se, misturou-se* com aquele corpo onde falava, como se ambos fossem de fumaça que se juntasse. E ali estava. Dissera tudo. Queria agora saber o que nos levara a perguntar-lhe tanto, e por que viera até nós.

À primeira pergunta respondeu-lhe o diretor da reunião: o nosso interesse e a nossa piedade; à segunda: não sabíamos.

Foi feito então o caridoso trabalho de demonstrar àquela infeliz todo o seu erro. Ouviu contrita, compungida. Arrependeu-se com todas as mostras da mais íntima sinceridade; chorou dilacerantemente.

Acabava, assim, de limpar do espírito as máculas negras que a sua fraqueza e má ação nele imprimiram, e que tão horrível martírio lhe acarretaram, natural e justa punição pela sua tentativa de fugir

ao pagamento de dívidas anteriormente contraídas perante a Lei que regula a evolução espiritual dos seres na Terra.

Igualmente, tudo foi empregado para que a pobre recuperasse todos os seus sentidos, até ali obscurecidos e obliterados pelo ato condenável. Essa mercê, conquistada pelo próprio esforço dela, pela resignação com que sofreu, pela justiça que reconhecia no seu penar, pelo intenso arrependimento que a dominava, foi-lhe concedida; e a infeliz, num transporte de indizível gozo e de indescritível felicidade, pôde ver o Espírito do filho, que ela levara à morte, e que a perdoava; e ver também o filho maior, que não mais enxergara, e estava ainda vivo na sua aldeia. Havia escapado da morte.

Na preparação do meio espiritual, onde podiam brotar o arrependimento e a resignação da desvairada mãe, trabalharam eficazmente a piedade e a prece daqueles que se lembravam dela, na Terra e no Espaço.

A oração e a piedade, conduzidas até ela pela fé e pelo pensamento, rodeavam-na de uma doce atmosfera espiritual, que a confortava e, ao mesmo tempo, permitia que surgissem nela e dela irradiassem os sentimentos de bondade, de contrição e de súplica, que temos em nossa alma.

A bondade dos outros a envolvia qual uma carícia, e a tornava boa; e assim mais facilmente pôde galgar a ladeira do sofrimento, e atingir a luz da redenção.

Era aquele estado de bem-estar que ela encontrava no seu martírio.

Hoje se vota carinhosamente aos filhos e ao marido, e, talvez mais do que a eles, a procurar insuflar pensamentos e sugestões de coragem, de fé e resignação nos infelizes que vê neste mundo em desespero, e a pensarem em despenhar-se no abismo pavoroso do suicídio, em que ela também caiu.

*

Fora e acima dos dramas prosaicos que as dificuldades pecuniárias das classes pobres tecem diariamente, há outras tragédias que se desenrolam no cérebro de homens cultos e abastados, a quem falta coragem para suportar as desilusões do amor ou de seus sonhos e ambições, na política ou na alta finança, bolsista ou cambial.

Defrontando-se com as situações difíceis de resolver ou suportar, muitos suicidas célebres deixaram à posteridade frutuosa lição sobre a fragilidade moral da criatura humana, fácil de empolgar-se de entusiasmo, porém falível no momento de dar testemunho do seu denodo, da sua varonilidade moral, do seu espírito de sacrifício em holocausto de uma ideia, de uma causa grandiosa.

Falta-lhes a coragem sublimada que heroifica a personalidade, quer se trate da glória pública, que os povos sagram, quer da benemerência com que a tradição oral nas famílias perpetua a lembrança dos seus antepassados.

Desde bem remotos tempos, a crônica dos povos registrou eloquentes exemplos.

Demóstenes, o grande e celebrado orador grego, cuja glória foi tão trabalhosamente conquistada, terminou pelo suicídio.

Herói de muitas campanhas tribunícias, lutador impávido contra as tiranias que se exerceram sobre a sua pátria, tendo sofrido injustiças dos seus patrícios, prisão, experimentado as agruras do exílio, nada prenunciava que se acovardasse no momento de dar a vida em sacrifício e protesto contra o domínio estrangeiro na Grécia.

Quando morreu Alexandre, o Grande, Demóstenes, que estivera exilado, veio percorrer, triunfalmente, o país, pregando a guerra contra a opressão macedônica que pesava sobre a Grécia.

Inflamados pela eloquência do tribuno, os atenienses cumularam-no de homenagens e arregimentaram-se para dar combate às tropas de Antipater, já em marcha para castigar a rebelião.

Vencidos, na inesquecível batalha de Cranon, Demóstenes marchou de novo para o exílio, na ilha de Calauria, onde o foi buscar um destacamento de soldados.

Aí, sem a coragem do martírio pela liberdade da pátria, sem aquele ânimo dos primeiros cristãos – que alicerçou o testemunho da verdade evangélica, Demóstenes suicidou-se, com um estilete envenenado.

Não menos eloquente e instrutivo é o exemplo de Ptolomeu, rei de Chipre, que viveu no último século anterior à era cristã.

Irmão do monarca do Egito, vivia em perfeita paz com o então poderosíssimo povo romano, do qual se mostrava mui fiel aliado.

Imensamente rico, tão rico quanto avarento, seus tesouros foram causa de ruína.

O tribuno romano, Clodius, famoso pela turbulência, pela maldade e falta de escrúpulos (perseguidor de Cícero e de Catão), tendo caído em poder de piratas, que exigiram resgate, pediu a Ptolomeu que pagasse por ele a soma exigida; mas o rei, na sua imensurável avarícia, só lhe enviou dois talentos de prata (cerca de cinco mil cruzeiros[7]), quantia muito inferior ao preço estipulado pelos salteadores.

Clodius, por vingança, propôs a deposição de Ptolomeu, convertendo-se o seu reino em província romana. Cícero combateu vivamente o projeto, mas a lei nesse sentido foi aprovada, e a Catão, que se achava no Oriente, foi incumbido executá-la.

Catão, consciente da injustiça que se praticava e desejoso de evitar violência, propôs a Ptolomeu a renúncia do trono, assegurando-lhe, em compensação, o posto de grã-sacerdote de Vênus, na cidade de Pafos, dignidade que era a imediata à do rei, tal a importância do templo e culto à deusa, e de pingues[8] rendimentos.

Ptolomeu recusou; mas, não podendo conformar-se com a perda do poder, nem estando em condições de declarar guerra aos romanos, resolveu suicidar-se, destruindo, ao mesmo tempo, os tesouros que haviam acendido a cobiça e motivado a torpe vingança do perverso Clodius.

Equipou um navio, e para ele fez transportar coisas e dinheiro, em montante incalculável, fazendo-se ao mar, no intuito de afundar a embarcação, sepultando-se sob as águas, com as suas imensas riquezas.

Mas, nos insondáveis arcanos dos sentimentos do avarento, uma luta bem diversa mudou completamente os sombrios desígnios do rei, comprovando a velha máxima de La Rochefoucauld: “Nosso orgulho cresce muitas vezes à custa do que cortamos nos outros defeitos”.

Em Ptolomeu não foi o orgulho, mas a avareza que aumentou, com o cerceamento da vaidade, do orgulho, da revolta, da vingança.

Esse homem, que tivera a coragem de morrer, e concertara um plano de execução para tal, fraqueou ante a ideia de perder os seus amados tesouros, as suas adoradas riquezas que, mesmo no fundo do oceano, ele não poderia conduzir para além das fronteiras da outra vida.

E, então, voltou ao palácio, de novo restituiu todos os valores aos seus anteriores esconderijos, e, recolocados esses “deuses” nos “altares” do seu *templo da avareza*, o pobre rei envenenou-se, e morreu.

Aliás, a preocupação de prender-se às coisas e às criaturas da Terra, tem levado muitos incautos ao suicídio, convencidos de que, desertando da vida com o propósito de reunir-se a alguém no Espaço, podem, a seu arbítrio, encontrar o Espírito predileto.

A desilusão é tremenda, e não menor o desespero, e ainda mais terrível o sofrimento.

O suicida é um prisioneiro temporário do martírio espiritual.

Em vão tentará mascarar o seu criminoso egoísmo, sua disfarçada revolta com os factícios coloridos – do amor, – da saudade; a situação verdadeira – o crime contra a lei das provações – surgirá aos olhos do suicida, fechando-o num círculo de treva e de amargura, que só será desfeito pela luz da Misericórdia Divina, no momento preciso em que se completar o tempo da vida interrompido pelo réu do *auto-homicídio*.

Bem conhecidas são as páginas autênticas vindas do Além, traçadas por Espíritos de indiscutível valor intelectual, e que, inscientes das verdades e leis da vida espiritual, desertaram da Terra na ilusão de que o arbítrio humano tenha algum valor ante as forças imensuráveis do Cosmo e do Espírito.

É o caso e lição de Júlio César Machado, o brilhante e fino escritor lusitano.

Tinha ele um filho, o Julinho, que se tornou sua obsessão. Para onde fosse, levava-o pela mão, enlevado, a impingi-lo, catando elogios, num exagero de sentimentalidade digno de reparo.

Alberto Pimentel narra este ligeiro incidente, muito expressivo:

> Certo dia, num jantar em casa de Batista Podestá, o pequeno Júlio levantou-se da mesa, e foi engalfinhar-se nas costas de um amigo do pai, que o recebeu amavelmente. Daí a momentos, o pequeno correu a trepar pela cadeira de outro amigo de Júlio César, sendo repreendido. Não tardou que o pai, com as lágrimas nos olhos, saísse com o filho, depois de haver apertado a mão, muito expressivamente, ao amigo que tinha afagado o Julito, e interrompendo desde essa hora as suas relações com o outro amigo, que o repreendera.
>
> Esse imenso amor pelo filho estremecido foi que o alucinou e perdeu. O filho que ele adorava até ao fanatismo sucumbira a uma alucinação de momento, e desde esse dia toda a felicidade de Júlio César principiou a desmoronar-se, qual um talude do qual, em se despegando um punhado de terra, nada fica de pé dentro de poucas horas.
>
> O suicídio foi o caminho escolhido para encontrar de novo o filho idolatrado.

Eis o comentário da manifestação do Espírito do iludido suicida, quando, depois de morto, verificou o erro que cometera e sofreu a dolorosa consequência do seu ato de desespero, comentário aliás muito divulgado:

> Júlio César Machado, jornalista português, foi um dos mais finos e graciosos espíritos das últimas gerações literárias lusitanas. Cintilante de *verve*, de estilo leve, sutil qual uma renda de seda, ele fazia dos seus folhetins monumentos de graças, talhados com o cinzel que a sua morte levou. A sua obra literária era um fino e espiritual sorriso.

Esse homem tinha um filho que adorava que era “o enlevo da sua alma, a alegria da sua alegria, a musa do seu sorrir, a causa do seu viver”, tal qual o triste o disse em uma comunicação mediúnica.

A morte levou esse filho.

Subitamente na minha vida se fez o vácuo – diz ele. – A minha ironia quebrou-se qual corda seca de um violino. O meu coração dava estalidos roucos de dor. Veio a tentação. Eu não riria mais, eu não viveria mais sem o meu filho. Era necessário que eu lhe fosse ao encalço.

Eu acreditava na vida eterna, e sabia que meu filho havia marchado para essa vida. Era indispensável que eu o seguisse e recuperasse para os meus carinhos. Não podia viver sem ele. Era indispensável que me fosse, rápido, em sua procura. Em seu seguimento eu ia à conquista da minha alegria, da minha felicidade, da minha vida, que não poderiam existir sem ele. Assim pensava eu, assim pensava a mãe.

E assim o sentirão os corações de muitos pais, pode-se dizer.

Resolveram ambos partir para a região ignorada, onde a morte lhes escondera o filho amado. Embarcaram pelo suicídio, na “casquinha de noz encantadora que, através do mar das suas lágrimas, os levaria ao reino da felicidade a reconquistar a alegria perdida!

A mãe não morreu; mas ele, o pai, “seguiu”.

A morte, ao ver-me caído na armadilha, envolveu-me no seu sendal negro, e arrastou-me – acrescenta.

Senti então que, em vez da sonhada felicidade, eu era levado em um torvelinho, ou, pior ainda, em um turbilhão, onde me debatia inutilmente, desesperadamente, sem poder sair dele, preso, por misteriosa e invencível atração, ao seu futuro temeroso, ora levado a regiões medonhas, ora demorando nos sítios terrenos de onde queria fugir, e onde tudo me lembrava impiedosamente a minha irremediável desgraça, não conseguindo nunca a mais ligeira indicação sobre meu filho.

E nem tinha esperança de que a libertação me viesse pela morte, como parece à avezinha presa na gaiola, porque para mim a morte não existia mais.

E, de então até hoje, ainda não saí dessa angustiosa situação, presa de uma ansiedade que não conheço igual.

Debato-me, corro, precipito-me, a gritar, a gritar sempre pelo meu filho adorado, pela alegria da minha vida, pela luz dos meus olhos, e o meu filho não chega nunc a.

Eu, que me matei porque não podia viver sem ele, tenho de viver sem ele porque me matei!

Não o verei mais? Horror! Horror! Mil vezes horror!

E segue o infeliz, numa desorientação lancinantíssima:[9]

Haverá justiça nesta condenação? Quem me condenou? Quem é esse juiz bárbaro, horrendamente bárbaro, que não viu que não vê, que não quer ver, que se eu buscava meu filho na morte, que o levara, era porque a minha vida sem ele não era vida?

Era crime amá-lo tanto? Mas se o amor a meu filho é crime, por que nos deu Deus o amor?

Perdoai-me, Senhor, que blasfemo! Mas, ó Deus de piedade, ó Pai de Misericórdia: Tu, que és Pai, Tu que és Bom, Tu que és a Justiça e o Amor, por que não me perdoas? Pois Tu não vês, Senhor, que foi o amor que me cegou? Não vês que a tentação me armou o braço, traiçoeiramente, na despreocupação da minha vida feliz?

Mas se eu não hei de ver mais meu filho, por que mo deste, Senhor? Se eu havia de perder para sempre a felicidade, para que ma mostraste? Para que ma fizeste conhecer?

Que eu viva em tormento eterno, que eu sofra esta ansiedade sem fim, que é o pavor de quem não tem ânimo para suportar aí a dor; que o meu ser se revolva, instante a instante, nas lacerantes agonias dos

> réprobos, dos criminosos contra as tuas leis, ó Deus de piedade; mas deixa-me ver o meu filho!
>
> Deixa que eu, desta região inconcebível, onde me debato sem descanso, onde jaz sepultada para sempre a luz do meu dia, a paz da minha vida, a alegria do meu amor, possa ver o meu filho, o meu filho, Senhor, o meu filho!
>
> Que o veja uma vez só, num instante fugidio, e eu bendir-Te-ei sempre; e eu gozarei nesse instante centuplicada toda a felicidade que perdi no momento louco em que me deixei vencer pela tentação de me matar, na fagueira e ilusória esperança de ir juntar-me a ele.

E, depois, em lamentações onde as lágrimas e os soluços ressaltam, dirigindo-se a Deus:

> Que desdita a minha! Eu que me matei para ir viver com ele, para me aproximar dele mais rapidamente, dele me afastei para sempre!
>
> Deus, meu Deus! Ouve, atende minha súplica! Tu que és Pai, vê a minha dor!
>
> Não sofro pelo que sofro. Sofro porque não vejo o meu filho. Aumenta, Senhor, o meu penar, se à Lei da Tua Justiça é necessário exemplo e obediência; mas, em troca, deixa que eu tenha a consolação de ver o meu filho! Olha para a minha alma. Vê Senhor, se algum sentimento condenável ou revoltoso me conduziu à morte. Verás, Senhor, que foi só a fraqueza de não poder viver sem a vida que meu filho me dava.

Que pungente exemplo surge desta comunicação!

Foi só para ver o filho, para continuar a viver com ele, que o desolado pai se matou. Mas, porque não soube esperar, porque não soube resistir à prova a que o seu coração foi submetido, não o pôde ver mais.

E o mais doloroso, o mais tragicamente aflitivo, não é não o ter visto, nem não o ver pelo tempo necessário para que o arrependimento redima a sua falta contra a lei que regula a existência humana. É a sensação aterradora da desesperança, que o amargura, com a ideia de que NUNCA mais o verá! Há de reavê-lo, há de, mas quando?

Quando a dor houver apagado do seu perispírito a mancha negra de ter desobedecido a Deus, suicidando-se.

Aliás, a extrema preocupação pelos filhos determina, nos espíritos menos preparados para as contrariedades naturais da vida, estados de alma perigosos.

Em dezembro de 1928, nesta capital, ocorreu um desses dolorosos desfechos de existência, com o secretário da Escola Quinze de Novembro, homem culto, jornalista, professor, estimadíssimo dos seus subordinados e nos meios sociais.

A *Gazeta de Notícias*, de 30 daquele mês, deu, nos seguintes períodos, uma concisa narrativa do lamentado caso:

> Espírito culto, inteligente, tornara-se, desde que iniciou a nova carreira como educador, querido pelos companheiros e discípulos, aos quais dedicava um amor verdadeiramente paternal.
>
> Foi, pois, essa notável figura, que deu cabo da existência na madrugada de ontem.
>
> Em seu domicílio, após uma grande contrariedade, ferido no seu coração de pai amantíssimo, desfechou um tiro no ouvido direito, falecendo instantes após.
>
> Solicitados os socorros da Assistência do Méier, esta acorreu com presteza no intuito de salvá-lo, porém, nada mais pôde fazer, pois foi encontrá-lo já sem vida.
>
> O Dr. Pinheiro contava 54 anos de idade e, nos últimos tempos, vinha sendo atacado de pertinaz neurastenia. Pessoas da família do ilustre morto dizem que ele se sentira muito contrariado ao ter conhecimento que um de seus filhos, aluno do 3° ano da Escola Militar, vira-se reprovado em uma das matérias, após ter sido aprovado em todas as outras.
>
> Dirigindo-se à Escola Militar, a fim de saber o resultado dos exames de seu filho, encontrou-o profundamente desgostado e contrariadíssimo.
>
> Voltando para a residência, pouco mais de nove horas da noite, demonstrou enorme agitação, assim permanecendo até três horas da madrugada.
>
> Agitado dessa forma lembrava, às pessoas da família, a dor que sentiria ao ver seu filho interromper a carreira por ser desligado da

Escola, principalmente tendo assistido aos seus exames e julgar ter ele merecido ser aprovado.

Em horrível tensão nervosa, aproveitando-se da ocasião em que todos dormiam, pôs termo à existência de forma tão impressionante.

*

Farta, eloquente e autêntica é a documentação que os Espíritos têm trazido aos da Terra, cientificando-os dos horrores que os esperam, se cometerem o crime do *auto-homicídio*.

Fora de preocupações e ambientes seitistas, têm surgido manifestações insuspeitáveis de Espíritos, que se identificam de maneira convincente, unânimes nas narrativas dos atrozes sofrimentos reservados aos suicidas, quaisquer que hajam sido os móveis propulsores de tão desesperado e ilógico procedimento.

Mas, apesar disso, ninguém cogita das consequências de tal ato, dominado que cada um seja pelo medo ou pela revolta impotente ante uma determinada situação difícil ou presumivelmente irremediável.

Muitas são as causas dessa deserção, porém, a que maior contingente oferece é a falta de coragem para sofrer.

Já os velhos dicionários de Teologia assim definiam o suicídio: “Ação de matar-se a si mesmo, para livrar-se de um mal que não se tem coragem de suportar” (BERGIER, v. 4, p. 415, vocáb. *Suicide*).

Grande foi outrora a controvérsia em torno do assunto, pois incrédulos apontavam nos mártires cristãos genuínos suicidas, enquanto que os doutores da Igreja sustentavam a ausência da ideia suicida nesses crentes puros, de vez que *não fugiam* ao sofrimento, mas, ao contrário, buscavam todos os martírios, para sofrer em testemunho da fé, inclusive a perda da vida do corpo, para que o Espírito fosse ao encontro do Mestre.

Não existia, nesse caso, a revolta ou o medo do desertor em face das agruras.

O suicídio sempre foi considerado, mesmo na antiga teologia pagã, uma demonstração de rebeldia contra a Providência Divina.

A própria Bíblia, a vetusta[10] fonte por excelência, não individua no seu livro inicial esse criminoso atentado contra um dos mais sagrados preceitos da lei mosaica, mas menciona e pune expressamente o homicídio – forma de destruição da vida corporal, que somente Deus pode conceder ou eliminar, nas relações de causa e efeito a que estão subordinados os seres espirituais nos mundos e no Espaço.

É a lição em *Gênesis*, cap. 9, v. 6, que diz: “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem será derramado o seu sangue; porque o homem foi feito à imagem de Deus”.

A ausência do vocábulo *suicídio* provém de haver sido tal palavra composta (de *sui* e *coedes*, si e morte), no século XVIII, pelo padre jesuíta Guyot Desfontaines (1685–1745), autor de um *Dicionário Neológico*, escritor de muita erudição, mas de pouco invejável biografia.

A despeito, porém, do acatamento que devera inspirar o cânon religioso, o atormentado crente deserta da vida, sem ligar mesmo importância à ausência de sufrágios pela alma, que lhe serão negados dentro das leis eclesiásticas.

Tal foi o caso do Dr. Raul Martins, juiz íntegro, cidadão probo, inteligência culta, católico fervoroso, que desertou da vida a 21 de novembro de 1920.

Vítima de um desses terríveis eventos que a maldade tece, ele deixou escritas estas desalentadas palavras: “Confesso-me vencido e sem mais forças para lutar contra a perfídia humana.”

Segundo consta dos jornais da época, uma comissão de oficiais de justiça promoveu, no *Centro Espírita Antônio de Pádua*, à rua Senador Pompeu, 162, uma sessão de preces em prol do Espírito do digno magistrado, que era estimadíssimo entre os seus subordinados.

Pelo médium respectivo vieram palavras do sufragado, que, em resumo, diziam: “Sofro, e necessito das vossas preces; mas, não censureis aqueles que foram causa da minha queda; orai também por eles.”

Igual sufrágio de preces foi feito na Loja Teosófica Pitágoras.

O Jornal, de 2 de dezembro, assim detalhou a tocante cerimônia:

> O Sr. Juvenal Meireles de Mesquita, presidente dessa agremiação, antes de dar a palavra ao capitão do Exército Eugênio Nicoll, que ia fazer, como fez, uma conferência acerca da interpretação dos planos da Natureza, realizou um ato devocional em intenção da alma desse magistrado, a quem a religião católica, de que ele fora fervoroso crente, e à sombra da qual viveu e educou seus filhos, negou o conforto espiritual, justamente no momento em que dele mais carecia.
>
> Fez o Sr. Juvenal uma ligeira exortação aos presentes, sob o justo fundamento de que todas as almas são filhas do mesmo Pai, sendo, portanto, a mais clamorosa das injustiças negar-lhe o que nenhuma religião nega aos seus prosélitos, e lamentou que o Catolicismo, que podemos considerar uma grande seita do Cristianismo primitivo, religião que assentava suas bases na doutrina do amor e da fraternidade, pratique semelhantes iniquidades.[11] A Teosofia, entretanto, que a todos considera como irmãos, prestará àquele saudoso juiz o conforto espiritual a que todas as almas têm direito.

Trinta e três meses depois, o Espírito Raul Martins dava esta comunicação, largamente divulgada desde então:

> Nada poderá suceder de mais funesto ao homem do que o suicídio.
>
> Dessa desgraça inominável já houve verdadeiras epidemias nos tempos ominosos[12] do materialismo romano.
>
> Nas modernas sociedades, múltiplos são os seus fatores. Sob diversos aspectos e formas, o suicídio contribui com enorme porcentagem para

o obituário em geral, ora determinado pelas obsessões dolorosas, ora pelas dificuldades e desalentos da vida terrena.

O suicídio supõe sempre a ilusão, de que se acha o candidato possuído, de se libertar da insuportável carga de dores e tristezas que o acabrunham e lhe envenenam a vida.

Todavia, que funesta ilusão!

Fala-vos quem, sob as torturas de uma dolorosíssima opressão moral, também cedeu à atração do abismo e supôs libertar-se da conta que, de muito, lhe estava assinada, interrompendo o curso da existência.

Enganei-me, meus caros irmãos.

Longe de extinguir o sofrimento, este recrudesceu e se tornou mais íntimo e profundo aqui no Espaço, onde não há noite, nem sono, e parece eterna a provação da alma.

Cedi à vaidade mundana da honra e do prestígio.

E, no entanto, vejo agora, no meu mal sem remédio, que bem melhor fora abstrair dessas futilidades para cuidar do que é eterno e imorredouro: a existência do ser e seu progresso através das etapas do Universo.

Contam-se por milhões os desgraçados que, como eu, se debatem na treva depois de terem sido pasto da ignorância e do orgulho.

Se eu tivesse podido saber que todos os ouropéis da vida terrena não valem uma só das verdades que aqui constatais diariamente, teria certamente evitado, por um ato de coragem e resignação, esta horrível geena[13] em que agora me debato.

O suicídio é a maior desgraça que pode suceder ao Espírito.

Ato de rebeldia insensata contra os desígnios da Providência, encarna o desespero do réu que se quer libertar, por fraqueza, do compromisso anterior que assumiu por seus erros.

É uma afronta à Divindade, inútil e covarde.

Inútil, porque jamais poderá o ser aniquilar-se, visto que ele é eterno qual o próprio Pai e Senhor de quem emana.[14]

Vede agora a triste situação em que se encontra o suicida ao desprender-se do corpo; mais vivo do que nunca, sobrevém ao pungente padecer a surpresa alucinante de se ver indestrutível, incapaz de modificar de um só detalhe o destino que lhe foi traçado.

Sofre no espaço as consequências do seu orgulho, com a obrigação de voltar à matéria para terminar a missão que tão loucamente interrompera!

Sede fortes, vós que me ledes, quando vos assaltar o sofrimento.

Afugentai, com todas as forças da vossa alma, a negra visão do suicídio, porque, desventurados, se nele cairdes, se cederdes às suas tenebrosas sugestões, então se abrirá para vós o verdadeiro inferno, aquele em que, sem metáfora, mas real e dolorosamente, há *choro e ranger de dentes*.

No suicídio se nivelam todas as dores, porque ele determina o maior e mais desesperado de todos os sofrimentos.

A dor, a negra, a profunda dor, dentro da tremenda impressão de que não haverá misericórdia, nem remissão para o réprobo, o covarde, o trânsfuga, que jogou à face da Justiça do Divino Pai o saldo da sua conta.[15]

Pensai nisto e jamais admiti, nas vossas amarguras, a ideia desse terrível tentador – o suicídio.

Não é isolado em nosso meio social esse caso, de um homem culto e prestigioso, católico militante, recorrer ao *auto-homicídio* para fugir ao sofrimento.

Em maio de 1932, um dos mais ilustres expoentes do Supremo Tribunal Federal, inteligência primorosa, erudita cultura jurídica, caráter íntegro, fazia pelo submarino do suicídio a derradeira viagem para a treva da erraticidade.

Sentindo-se atingido por grave enfermidade, incurável – a despeito dos “grandes progressos da cirurgia contemporânea”, caiu em profundo abatimento moral.

De *A Noite*, de 16 daquele mês e ano, são os períodos que concisamente dão ideia do quanto deve ter sofrido o ilustre magistrado, na sua perturbação de espírito:

> O ministro vinha sofrendo há muito de profunda neurastenia, que muito se agravou com forte acesso de gripe de que fora acometido.
>
> Assistido pelo médico da família, e, embora melhor do acesso gripal, passou a sentir dores violentas nos intestinos e no estômago. O facultativo medicara-o então, atendendo a tais incômodos, e o ministro teria descoberto que a medicação indicada era a que se dá aos portadores de úlceras. Tratava-se de uma medicação típica da grave moléstia.
>
> Ninguém mais pôde fazer o ministro disfarçar os seus receios. O próprio médico procurou, inutilmente, roubá-lo à dúvida que o atormentava, afirmando-lhe que não era aquele o seu mal e que a medicação tinha também outras aplicações. O ministro passou a ficar taciturno, apreensivo, até que, ontem, declarando aos seus íntimos que sabia morrer dentro em breve, manifestou desejo de confessar-se. Que chamassem o Cardeal D. Sebastião Leme, uma vez que o seu estado de saúde o privara de comparecer à Páscoa dos Intelectuais, ontem realizada, e na grande cerimônia religiosa receber as graças de Deus.
>
> Não demorou o cardeal, amigo da família, a atender o pedido do ministro. Sabendo da sua vontade, fez-se acompanhar do padre Franca, que o confessou.
>
> Ao cardeal contou o ministro os seus receios, a dúvida tremenda que o consumia, ao saber possível estar sofrendo de úlcera no estômago, não escondendo o desejo que tinha de matar-se, que lhe parecia maior que o poder da sua vontade, superior às forças que lhe devia emprestar a fé profunda em Deus, que sempre animou a sua alma, colocando-o acima dessas fraquezas humanas.
>
> Quando o cardeal saiu do palacete da rua Barata Ribeiro nº 89, em Copacabana, o ministro parecia reconfortado e não mais atordoado pela ideia de suicidar-se. Hoje, foi sabida sua morte, em condições trágicas, de maneira impressionante.

> O ministro levantara-se cedo, barbeara-se e fora para o banheiro. A sua longa demora despertou suspeitas nas outras pessoas da casa, que desceram ao quarto de banhos.
>
> Ninguém atendia. Foi então arrombada a porta e constatada a brutal realidade de tudo. Estava morto o ilustre jurista, no interior da banheira, mas, vestido ainda no seu pijama. Havia cortado os vasos do pescoço, com um profundo golpe, usando para isso a navalha com que se barbeara, tendo o cuidado de colocar-se assim, para evitar, provavelmente, que o sangue, na grande hemorragia que o matou, se espalhasse pelo chão do aposento.

A religião não influi, não tem força para deter a insânia momentânea do sofredor, quando o Espírito fraqueja e se deixa dominar pelas influências exteriores de outros Espíritos, que agem conluiados, conforme as circunstâncias, as afinidades de interesses ou de sentimentos.

Nesse caso, eloquentíssimo, quanta argumentação, poderosa e rica de fundamentos cristãos, deve ter sido empregada pelo ilustrado sacerdote confessor, secundado pela insinuante palavra do seu superior eclesiástico!

Não é intuitivo que, emocionados pela iminência do desmoronamento daquele lar fervorosamente católico, os eminentes representantes da igreja católica fossem assistidos e inspirados na doutrinação daquela alma empolgada por um Espírito da treva – a querer arrastá-la para o hediondo crime do suicídio?

No entanto, cessada a influência da palavra que parecia tê-lo convencido e confortado, a vítima tomou de novo o curso da sua perturbação e afundou no erro.

A ideia do suicídio é uma obsessão que deve ser extirpada pelo próprio Espírito, e contra a qual nenhuma palavra tem poder decisivo. A prova está nos suicídios de sacerdotes católicos e de freiras de tirocínio claustral.

A documentação, nesta assertiva, poderia ser copiosa; mas, para documentação que exclua a suspeita de vaga afirmativa, bastarão dois casos típicos.

O primeiro, noticiado pelo *O Globo*, de 9.8.1946, refere ao suicídio da freira Olga Merosova, praticado em Jerusalém, na Igreja do Santo Sepulcro.

O outro, mencionado pelo *Diário de Notícias*, em sua edição de 13.2.1949, aponta o suicídio do padre Andrea Blanchi, que, com um tiro de revólver no estômago, se eliminou da Igreja, na casa de hóspedes de “Santa Marta”, no Vaticano.

*

Eloquente é também o epílogo do drama que foi a vida do grande escritor português, Camilo Castelo Branco.

Obsidiado, pessimista, médium que jamais deu valor ou prestou atenção às suas faculdades mediúnicas, nem mesmo aos notáveis fenômenos ocorridos na sua desregrada existência, ele próprio preparou o seu triste fim.

Dispondo de grande cultura, um tanto habituado aos trambolhões da vida – que ele nunca soube bem viver, velho hepático e não menos antigo dispéptico,[16] foi atingido por um mal de olhos que o levou gradativamente às fronteiras da cegueira completa.

Sempre esperançado de melhoras ou cura, foi passando o tempo, até conseguir consultar-se com abalizado especialista, que o foi examinar na própria residência e de quem esperava a última palavra decisiva sobre o mal. Isso em junho de 1890.

Não tendo obtido arrancar do médico o diagnóstico, ou antes, o prognóstico da enfermidade, Camilo Castelo Branco, andando sutil, veio ficar à escuta, enquanto pessoa da família acompanhava o oculista à saída.

Somente aí o esculápio deu sua opinião sobre a moléstia do grande escritor: tratava-se de um caso perdido, de irremediável cegueira.

Ouvindo a terrível revelação, que lhe pretendiam ocultar, Camilo Castelo Branco, que, desde um lustro antes pensava no suicídio, deu um tiro na cabeça.

Da torturante cogitação que durante tal interregno trabalhou esse Espírito, já exaustivamente verrumado pelas necessidades da vida material, diz com eloquência a carta que escrevera:

> Em 26 de novembro de 1886.
>
> 10 horas da noite.
>
> Os inenarráveis padecimentos que se vão complicando todos os dias levam-me ao suicídio – único remédio que lhes posso dar. Rodeado de infelicidades de espécie moral, sendo a primeira insânia de meu filho Jorge, e a segunda os desatinos de meu filho Nuno, nada tenho a que me ampare nas consolações da família. A mãe desses dois desgraçados não promete longa vida; e se eu pudesse arrastar a minha existência até ver Ana Plácido morta, infalivelmente me suicidaria. Não deixarei cair sobre mim essa enorme desventura – a maior, a incompreensível à minha grande compreensão da desgraça. Esta deliberação de me suicidar vem de longe, como um pressentimento.
>
> Previ, desde os trinta anos, este fim. Receio que, chegando o supremo momento, não tenha firmeza de espírito para traçar estas linhas. Antecipo-me à hora final. Quem puder ter a intuição das minhas dores, não me lastime. A minha vida foi tão extraordinariamente infeliz que não podia acabar como a da maioria dos desgraçados. Quando se ler este papel, eu estarei gozando a primeira hora de repouso.

Não deixo nada. Deixo um exemplo. Este abismo a que me atirei é o *terminus* da vereda viciosa por onde as fatalidades me encaminharam.

Seja bom e virtuoso quem o puder ser.

Camilo Castelo Branco

São Miguel de Seide.

Mergulhado por esse trevoso salto no insondável abismo do suicídio, o incauto e orgulhoso literato defrontou-se com as terríveis e irrecorríveis realidades do Além-Túmulo, onde o Espírito se choca com a muralha inderrogável das leis eternas que regem a verdadeira vida.

Longe de encontrar o repouso que filauciosamente[17] a si próprio anunciara e prometera, o pobre escritor encontrou sofrimento, remorso, dores, cárcere de visões aterradoras, um cenário de expiações dolorosíssimas – ante o qual o seu pessimismo iconoclasta[18] foi impotente para minorar o mais leve de todos os padecimentos.

E assim, preso ao ergástulo[19] das punições espirituais, ficou, acorrentado à época própria, precisa, em que sairia da perturbação sofredora – para comunicar-se com o mundo que criminosamente abandonara antes do término inelutável.

Muito tempo depois, mais de quatro lustros decorridos, solicitado a dizer sobre o suicídio, eis o que seu Espírito transmitiu a um médium seu patrício:

Equivale a pedirem-me sinistra sinfonia para a ópera do horrível.

Não sei dizer quanto é preciso; e tudo que disser não será, por assaz deficiente, a sombra da verdade necessária. Mas não recuso o meu contingente, nem quero perder a ocasião, que me oferecem, de mais uma vez bradar aos incautos que se defendam de cair no abismo em que me precipitei, em aziaga hora.

Supõe-se aí que o suicídio é a morte.

Alguns creem que, na devolução das carnes verminadas à podridão, está a extinção da vida e do sofrimento.

Para esses é a libertação, a quebra da grilheta chumbada ao artelho de forçado do martírio; como para outros é só remédio pronto a embaraços inextricáveis de momento.

Há quem o creia cômodo fecho a uma vida de angústias; como há quem nele veja fácil alçapão por onde se pode fugir às chicotadas do

destino.

Para uns é cura radical de dores; para outros, astuciosa maneira de fugir à sorte adversa.

Alguns o têm como remate forçado e benemérito de desilusões; outros o buscam como portaria franca para a região da esperança.

Aos descrentes é finalização lógica para dificuldades e desgostos; aos infelizes recurso último do desespero acovardado.

Uns creem conquistar com ele a eterna paz do nada: o sono tranquilo de que não se acorda mais; outros imaginam-no alavanca irresistível para forçar a porta do esquecimento.

Querem uns, com ele, esmagar remorsos de justiceiro pungir; querem outros, com ele, escalar mais rapidamente o Céu.

E a todos enganam as tredas[20] e alucinadoras miragens da tentação.

Não é morte; não dá libertação; não constitui remédio.

Não extingue angústias, nem abre caminho à fuga redentora das açoitadas do destino vingador.

Não sara dores, nem acaudilha deserções.

Não põe fim às desilusões da alma, nem encaminha visionários às sonhadas bandas da esperança.

Não dá, para os descrentes, razão à sua estultícia; nem aos infelizes consolação permeadora do seu desespero pusilânime.[21]

Não conduz o mísero à suprema paz do nada, nem o acalenta no eterno sono inacordável.

Não abre aos tristes a letárgica região do olvido; não dá aos remorseados mordaça para calar a grita da consciência; nem ajuda os crentes a tomar de assalto o Céu.

Para todos, o suicídio é o desengano.

Simulando defender do infortúnio, impele violentamente ao salto mortal para o horror.

Não sei de nada que lhe seja comparável.

Nem a blasfêmia, que eu suponho a suprema ofensa à razão; nem o fratricídio, que eu acredito a suprema ofensa à Humanidade; nem o matricídio, que eu presumo a suprema ofensa à Natureza.

O suicídio é a suprema ofensa a Deus.

Nele, as dores redobram de intensidade; a alma impregna-se de desesperos, que parecem infindáveis no tempo e na angústia.

Constitui a cristalização da dor; a aflição da ansiedade que nada satisfaz; a dentada triturante e perene do remorso.

Eu fui suicida. Querendo fugir à cegueira dos olhos, fui mergulhar-me na cegueira da alma.

Pensando furtar-me à negrura que cobria o meu viver, fui viver na treva onde os suicidas curtem raivas, sem repouso; e blasfemam quando suplicam.

Fui viver na pávida[22] região onde os réprobos se mordem e agatanham; onde gargalham, de olhares em fogo e rangendo os dentes, os furiosos com juízo.

Aonde o suicídio arroja os seus mártires, num repelão brutal de louco, não penetra a Luz de Deus, nem a carícia da esperança.

Lá, ruge-se, geme-se, chora-se, soluça-se, ulula-se, blasfema-se, pragueja-se e maldiz-se. Não existe paz; não se sabe, nem se pode orar.

– É a caverna do sofrimento, de que Dante só vislumbrou o portal.

Sei que rábicas convulsões lá me sacudiram; que lágrimas ferventes queimaram meus olhos cegos; mas não agrega dizê-las.

As dores descomunais não se descrevem. Sentem-se, no seu ecúleo titânico, mas não se definem. Entram pelo infinito; são o inenarrável; são o incompreensível.

Quando o suicida supõe trancar, com a morte, a porta da agonia, abre a do ciclo infernal do desespero.

Matando-se, não aniquila a vida; destrói, só num ato de inepta rebeldia, o meio eficaz e providencial do seu progresso; e recua, voluntariamente, a hora desejada da sua felicidade.

A vida, além do suicídio, pertence à fase humana que os homens da Terra não conhecem, para que não têm ideias apropriadas, e a que a necessidade não criou ainda palavras representativas. De umas e outras, todas as que aí mais dolorida, mais trágica e mais sugestivamente pintem o aspecto do horrível, não dão a impressão esfumada dos tormentos que o suicida entra a curtir, quando, por ingênua ou velhaca presunção, supõe conquistar, por uma violência da sua vontade, o termo do seu sofrer.

Isto é assim. É bom? É mau? É assim. É como é, e, como é, temos de aceitá-lo.

É possível que por aí haja quem fizesse coisa mais de perfeição; mas Deus esqueceu-se, lamentavelmente, de os consultar antes de completar a sua obra.

Foi uma falta grave; mas já vem tarde a grita indignada dos mestres desse mundo, para remediá-la.

Ponham de lado prosápias de emendar o que está feito.

Guardem as sabedorias, que podem melhor servir para adubar manhas e poucas-vergonhas nos conclaves palreiros[23] da asnice em que aí pontificam.

Conjuro os que me lerem a que me creiam sem experimentar.

O desastre será irremediável, se não o fizerem.

Aceitem, aceitem o fato tal ele é.

Aceitem a vida como a puderem fazer. Corrijam-na, corrigindo-se. Amoldem-se às situações, ainda as mais desesperadoras.

A tudo mais Deus provê de remédio; mas Ele é que é o juiz da oportunidade de aplicá-lo.

Aceitem as dores, a cegueira, as deformações, as aberrações, o desespero, as perseguições, a desgraça, a fome, a desonra, a degradação, a ignomínia, a lama, tudo, tudo que de mau, de injusto, ou de rastejante em desprezo a Terra lhes possa dar, que são ainda coisas excelentes em desiludida comparação ao que de melhor possam chegar, pelo caminho do suicídio.

Igualmente emocionante e bela a mensagem que ao nosso Chico Xavier transmitiu Camilo Castelo Branco, em 1936 – *Aos que sofrem*:

Ainda uma vez, ao escrever para o mundo, faço-o dirigindo-me de preferência aos sofredores e aos torturados. Quem, como eu, amargo fel experimentou nas lições mais dolorosas, durante muito tempo sentirá o travo[24] rude, oriundo dos arrependimentos tardios e dos remorsos acerbos. O suicídio não é o sono acariciado pelos covardes e desvalidos que se debatem na imensa noite dos condenados; é a maré traiçoeira que arroja os náufragos da descrença e do tormento nas escarpas pontiagudas do pavor. Não é o silêncio apetecido que expulsa mágoas, que sana dores, que cura feridas, que enxuga lágrimas, que deixa dormitar o Espírito atribulado em imperturbável quietação. É o padecimento único não vislumbrado, que duplica a ansiedade e o amargor do pranto dos acovardados.

Um suicida não é mais do que tudo – um réprobo. E quase um réprobo de Deus, se Deus não fosse o amor ilimitado e a piedade infinita.

Os infelizes conservam o pessimismo como alegria mórbida e quase sempre esse fantasma terrificante se apodera dos fracos e dos descrentes, apaga-lhes a derradeira centelha da fé e da esperança que lhes resta, e a noite impenetrável se faz sentir nesses corações apavorados pela tortura; abismos tenebrosos abrem-se-lhes sob os pés e as vítimas da cegueira, desamparadas e trêmulas, são absorvidas nas trevas fatais. Porque é necessário frisar que a cegueira dos olhos pouco representa em face da cegueira do coração; os desiludidos se aproveitam das sombras para efetivarem a sua criminosa evasão e, mal-avisados pela estultície, engasopados pela solércia[25] da tentação, repelem as dores, fecundas de luminosidades desconhecidas, para ingressar, surpreendidos, no detestável país onde os desesperançados rugem de dor, estertorando-se sob as tenazes da amargura.

Numerosos trânsfugas miseráveis supuseram encontrar, pela escusa saída do suicídio, termo aos seus dissabores, remédio às suas aflições, sedativo às suas úlceras, tranquilidade aos dias negros da fome e da miséria; as mais cruéis desilusões os aguardam, porém, nas portas do túmulo.

A inviolável quietude da morte é apenas uma figura mitológica que a realidade esmagadora faz rolar impiedosamente do pedestal que a ignorância lhe oferece.

Devolver carnes apodrecidas à terra não é conquistar o descanso desejado, porque o corpo morre todos os dias; para que se efetue o seu desenvolvimento, é mister que desapareçam e nasçam novas células conservadoras da energia vital.

A infância é o embrião da mocidade e a velhice uma sombra da juventude.

A morte nada mais representa do que um ato de transição. A imortalidade é atributo somente da alma que pensa, que luta, chora, sofre e sonha. O Espírito é o depositário da vida, dos sentimentos e das responsabilidades que Deus lhe outorgou; daí o não poder discricionariamente aniquilar aquilo que lhe não pertence e de que se

fez temporariamente senhor, sem graves danos para a sua existência futura.

Pouco se ocupam dessas verdades, todavia, aqueles que se candidataram a semelhante despautério, e constantemente é um crânio que se estoura, um organismo que se esteriliza a poder dos tóxicos, um enfraquecido que se arroja ao mar. É o eterno pandemônio dos náufragos e dos covardes. Não contavam, porém, os desgraçados – onde me conto eu – com os espectros da dor além do ataúde que arquiva um arcabouço de ossos verminados, e estarrecem-se espavoridos em tardios clamores que ninguém escuta. Soluçam e se escondem, mas a consciência, esse juiz austero e incorrupto, como testemunha silenciosa dos nossos atos e dos nossos pensamentos, faz-se ouvir cada vez mais irritadiça e acrimoniosa,[26] com a severidade de suas enérgicas reprimendas.

Reconhecemos, então, a inutilidade dos nossos desvarios, e constatamos a angustiosa realidade dos nossos padecimentos que se nos apresentam sem termo. Já os nossos olhos se liquefizeram na terra e as lágrimas abrasam as nossas faces que se tornam lívidas de pavor; já repousa na sepultura o nosso esqueleto, imóvel e asqueroso, para as transformações no seio fecundo da Natureza, e sentimo-nos enregelados de frio atroz que nos perfura os ossos, que nos faz transidos de medo e receio. Ululamos, gritamos, suplicamos, choramos. Brada-se, estertora-se, geme-se, blasfema-se. Muitas vezes reina silêncio no exterior, mas o ádito[27] do nosso ser é um âmbito misterioso onde se ouvem rugidos do remorso, lamentações de arrependimento – onde se lobriga um imensurável sudário de trevas horrorosas.

Dentro de nós tudo é uma noite tempestuosa onde não cruzam relâmpagos. Fora de nós domina igualmente outra noite medonha, auscultando um isolamento absoluto.

O suicídio é a suprema das infelicidades que atingem um Espírito. O suicida é uma alma falida que arrasta um ciclo imenso de anos de

desolações e de dor, o peso tremendo das suas indignidades e das suas desventuras.

Quantos por aí desconfiam do cálice de pranto que os aguarda, tentando a arriscada experiência que lhes serve de escarmento, de amaríssima lição!... Existirá a paz na morte? Uma vida nova raiará além da escuridão da sepultura? – interrogam ansiosos; porém, havendo ou não, a existência na Terra constitui-lhes um dissabor perene, uma intervalada tortura que se renova a cada momento. E zás!... Sem nenhum preâmbulo abalançam-se à viagem fatídica, que é a romagem horrorosa dos desesperados do destino!...

Que é do silêncio apetecido, onde o repouso imperturbável, o deserto do – não ser? Milagrosas miragens da morte enganadora, falazes promessas da Matéria, que se alimenta de aparências e de ilusões!...

O suicídio é um dragão, mais feroz do que o de todas as lendas, que alicia os fracos para a caminhada do sofrimento e do horror. Muito se tem escrito e explanado sobre ele, porém, tudo quanto se tem exposto acerca dessa desgraça dos homens permanece muito aquém da verdade. A potencialidade descritiva dos cérebros mais fortes paralisa-se, imobiliza-se nas regiões infernais onde o suicídio as conduz, sob a fúria desse aquilão pavoroso que calcina sem destruir, fere sem matar, espanca, vence e amargura as suas vítimas já de si tão infelizes, torturadas no potro do tormento, escórias do mundo, ralé das sociedades, párias vis, míseros farrapos humanos que os homens aventurados, aparentemente, pisam e humilham com o cuspo nojento da sua repugnância.

Há, todavia, uma Lei única sobre os destinos dos desgraçados. Deus a preside. É o *quantum satis*[28] da questão. É preciso aceitar essa Lei, como se nos apresenta, conforme é. É necessário que se aceite a dor mais nefasta, que se recebam as bofetadas da sorte ruim, as desgraças que assassinam, as traições, as lágrimas, o fel de todos os amargores, as calúnias e as hipocrisias dos ingratos. Aceitá-las como um bem e com humildade. É o que a Lei nos sugere para a felicidade do porvir.

> O homem necessita desviar-se do estrabismo que o infelicita, fonte de excessos nos seus julgamentos errôneos. Reconheça-se que a indefectível justiça de Deus paira sobre todas as pseudoanomalias terrestres – e o espantalho da dor desaparecerá da face do mundo, expulso pela razão que o aniquila. O mal não mais persistirá e o sofrimento detestado será melhormente recebido à luz de mais claras interpretações.
>
> Que me ouçam os sofredores e os desiludidos!
>
> A experiência de um constitui escarmento para muitos. Que se evite a lição própria com o amarguroso exemplo dos outros.
>
> A miséria, a masmorra, a moléstia, o abandono, as atribulações são vésperas de uma eternidade luminosa, de uma primavera de alegrias perenes, para quem as sabe acolher.
>
> Os pechosos[29] em quem a amargura se transforma na azedia que os atenaza e vergasta, que continuem sorvendo voluntariamente as suas teriagas.[30] Prossigam, prossigam. Que não nos escutem, e, se o suicídio constituir o remate terrível do romance de suas vidas infrutíferas, tarde reconhecerão a sua loucura ou a sua idiotia, e que não se apavorem na tétrica jornada do desespero e da desolação.

Apesar de formosas e comovidas, as patéticas advertências do infeliz escritor não convenceram precisamente a um dos da sua progenia,[31] e que, talvez, trouxesse do passado árduos compromissos, saldáveis com lágrimas e dores.

Disse *A Notícia*, de 7.3.1951:

> LISBOA, março (U.P.) – Na aldeia de Boa Vista, suicidou-se, no dia 2 do corrente, Alexandre Castelo Branco Vilaça, de 37 anos, bisneto do romancista Camilo Castelo Branco. Alexandre matou a mulher que o repudiava, D. Maria Augusta Carneiro, de 42 anos de idade, suicidando-se em seguida.

*

Vale assinalar alguns suicídios de grandes intelectualidades portuguesas, entre as quais avulta a figura profundamente sofredora e simpática de Antero de Quental, o poeta que talvez mais haja vertido pranto oculto, chorando sobre a sua provação bem dura, e que ele, no seu materialismo filosófico, jamais poderia compreender.

Contemporâneo de uma geração fulgente, de João de Deus, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, João Penha, Gonçalves Crespo, para só citar os mais conhecidos, Antero de Quental viera ao mundo estigmatizado por ignoto mal, que lhe vedava as deliciosas vitórias do amor, a ventura de constituir família.

Vivendo na intimidade de moços alegres e sadios, vendo e imaginando quantas venturas a existência doava aos sãos, só ele, o condenado, não poderia sorrir também!

E, um dia, a 11 de setembro de 1891, depois de sofrer mais uma das crises que o imobilizavam, de nervos doridos e lassos, ao convencer-se de que estava encarcerado na tristeza e de que a alegria jamais lhe abriria as portas da sua dourada mansão, pulou pela brecha do suicídio, e foi cair no vale da morte.

A propósito de tão chocantes deserções, que encheram de mágoa todos quantos sabiam do valor desses grandes vultos da lusitana terra, *A Época*, conceituado órgão diário que se publicava nesta capital, inseriu os seguintes comentários e transcrições, que, apesar de conhecidos, nunca perderam, nem perderão o valor instrutivo, sempre oportuno para quantos se encontrem, de um momento para outro, no beirai do desânimo ou do desespero, tentados pela ideia terrível do suicídio:

> Os que estudam a doutrina e a fenomenologia do Espiritismo, a cuidar que ele é a verdadeira luz a iluminar o rumo do progresso humano — espiritual, moral e social — e a descobrir, a cada passo, acusações horríveis contra ele!
>
> Sob o ponto de vista religioso, diz-se que ele é a ação tentadora e perdedora do diabo; que é o caminho mais curto e mais rápido para o inferno.
>
> E o Espiritismo a esfalfar-se, pregando o amor, o respeito e a adoração a Deus; a prática constante do amor, do bem, da caridade e do perdão para com o próximo!
>
> Sob o ponto de vista filosófico, diz-se que ele é a negação da verdade, do positivo, do material, das conquistas extraordinárias e irrefragáveis do método moderno de investigação e de análise; que é a ressurreição de velhas crendices, de supersticiosas lendas, de fanáticas manifestações, de religiosidades obsoletas. E nós a proclamarmos que ele é a ciência das religiões; que, filosoficamente, é perfeito; que nele se encontra a explicação, até hoje inatingida, dos fenômenos cósmicos, patológicos, psicológicos e sociais; que, como ciência, acompanha par e passo os métodos mais rigorosos de análise, de indução e dedução;

que, no campo da experimentação, as suas conquistas são já enormes, inatacáveis e iluminadoras!

Sob o ponto de vista social, acusam-no de atacar a sociedade e a família, quando os espíritas não fazem outra coisa senão proclamar e ensinar os princípios mais puros do respeito mútuo, da mútua tolerância, do amor universal, da moral social, da justiça, da autoridade e do dever!

Até agora, sob o ponto de vista patológico, acusa-se o Espiritismo de causador de nevroses que conduzem à loucura e ao suicídio, e não sabemos a quantos outros desvios da paranoia, quando ele procura prevenir ou reduzir muitos casos de pretendida loucura, e condena, com a violência trágica do exemplo horrível, a covardia do suicídio; e busca fortalecer os ânimos abatidos pelo desespero, pela fome, pelas dores, pelas injustiças e pelas lutas cruentas e aflitivas, que a sociedade, egoísta e indiferente, tão prodigamente semeia e cultiva, aconselhando a resignação, a conformidade com a própria sorte, a compartilha de todos os sofrimentos, na esperança de que isso sirva, como serve de fato, para o aperfeiçoamento espiritual da vida eterna.

Sabedores, verdadeiros, videntes, são todos esses senhores ilustres, que, sem querer estudar o Espiritismo, como coisa maléfica do demônio, ou como coisa própria de cretinos, dando-lhe a consideração do terror, ou a desconsideração do desprezo, — se arrojam a julgar e a condenar na mais pura e na mais celestial das... audácias.

Não se conhece, não se estuda; mas acusa-se, ataca-se e repele-se por palpite, por intuição e pelo ingênuo atrevimento da ignorância...

Agora, que a imprensa deu mais uma vez o grito de alarme contra o suicídio, surgem novamente as acusações ao Espiritismo, como fator dessa horrível covardia humana.

Não é arriscada a profecia de que os que a fazem não conhecem o Espiritismo senão por ouvir falar nele. Nunca o estudaram, nem superficialmente. Se tivessem, num repelão de consciência, ou num assomo de justa curiosidade, lido alguma coisa do muito que há escrito

sobre o Espiritismo, para poderem falar com algum conhecimento e autoridade sobre o assunto, teriam deparado, aos primeiros .ensaios da leitura, com a condenação formal e absoluta ao suicídio.

Não há espírita convicto que se suicide.

Todo espírita sabe que a maior — a MAIOR, veja-se bem — das ofensas que se fazem a Deus é a de perpetrar o suicídio.

É vulgar, nas sessões espíritas, aparecerem Espíritos sofredores e desesperados; pois não é fácil encontrar nenhum mais desesperado, nem mais horrivelmente sofredor, do que os dos suicidas.

O Espírito do suicida continua a sofrer todos os tormentos a que procura fugir pelo esconderijo da morte, como sente, por tempo indeterminado — só limitado pelas atenuantes e pelo arrependimento absoluto — todos os sofrimentos físicos do processo que escolheu para se matar.

Há suicidas por fraqueza própria, por descrença, e por tentação de Espíritos desencarnados.

Em todas as três hipóteses o antídoto mais eficaz está no Espiritismo.

Os fracos buscam o suicídio porque não se sentem com força e coragem para enfrentar as dificuldades da vida, as quebras de haveres e de honra, as dores físicas ou morais, os desgostos ou as contrariedades quotidianas que providencialmente vêm para os experimentar e aperfeiçoar.

Os descrentes buscam-no porque, desconhecendo as leis que regulam a evolução do espírito humano, negando Deus e a eternidade da alma, procuram na morte o termo lógico das dificuldades e dos martírios que na vida terrena os assoberbam.

Os que são tentados não são espíritas, nem conhecem nada de Espiritismo.

Sentem-se perseguidos, ilaqueados por impressões sugestivas que se supõe mania, alucinação ou loucura, e não podem resistir a essas impressões tenazes e assassinas, que os impelem constantemente ao suicídio.

No primeiro caso, o Espiritismo é remédio porque, por todos os modos, procura encorajar os tíbios, incitando-os a persistir na luta, confiados em que Deus virá oportunamente em seu auxílio, por intermédio das legiões de Espíritos abnegados que se votam, no Espaço, ao longo apostolado do bem.

O Espiritismo ensina a doutrina moral e robustecedora de que todas as dores e sofrimentos são provações necessárias ao progresso da alma, e que. ao invés de lhes fugir ou maldizer, antes as devemos bendizer, por amigo e providencial socorro para o nosso indispensável progresso.

O Espiritismo ensina e prova que, em circunstância alguma, nos poderemos eximir a essas provas necessárias, e que, para quanto mais tarde as relegarmos, ou quanto mais nos insurgirmos contra elas, mais demoradas e mais terríveis terão de ser.

Na terceira hipótese, é ainda no Espiritismo que está a defesa.

Um espírita sabe que a insistência com que se pensa no suicídio constitui sugestiva e odienta perseguição de inimigos desencarnados, ou uma experiência necessária para avaliar de que modo ele se comporta ante a tentação maior que se pode fazer a alguém.

Em qualquer dos casos, reconhece que lhe cumpre não sucumbir.

Sabe que, em legítima defesa, precisa reagir por todos os modos: — pela fé em Deus; pela súplica ao Espírito que o persegue; pela oração; pela calma; pela moralização da sua vida; pela distração; pelo trabalho; pela abnegação e pela renúncia de todas as coisas cuja privação ou cujo desgosto motivam e auxiliam a tentação.

O Catolicismo condena o suicídio com as fulminações de Deus, e afasta o suicida do seu grêmio; — a moral social execra-o como

deserção social do homem, como covardia indesculpável.

O Espiritismo não o condena, como as religiões, nem o execra como a sociedade, mas, acima de ambos, mostra apenas, praticamente, de forma tocante e apavorante, qual a extensão, a monstruosidade do sofrimento a que o suicídio conduz.

Isto, que em traços rápidos aqui se esboçou, dizem-no, por todos os modos, os livros espíritas; dizem-no as comunicações dos Espíritos; di-lo a investigação consciente e honesta nos trabalhos de experimentação psíquica.

O autor destas linhas, antes de ser espírita, era um tendencioso ao suicídio. Descrente da vida eterna, não compreendia a necessidade de viver.

Não amava nem desejava a vida...

As parcas alegrias que ela lhe concedia, não compensavam, senão em ínfima proporção, os pesares e os sofrimentos que o atormentavam e que, aos seus precavidos olhos de “espírito forte”, tomavam grandezas de avalancha esmagadora.

O Espiritismo o curou.

Sabe, agora, para que se concede a vida, e para que sofre. E isto aligeira o sofrimento, obriga a corrigir defeitos e ambições.

Tornou-se imune aos vírus.

Só com a irresponsabilidade completa da mais completa loucura hoje suicidar-se-ia.

E quantos assim? Muitos.

Sofrem, choram, deixam-se rodar, apodrecer, sucumbir em tormento; mas reagem serenos e firmes, não fogem pela porta larga que a covardia ou a tentação traidora lhes pode abrir.

Defende-os o próprio egoísmo, quando não o amor, o respeito a Deus e às suas leis.

Sabem que, por efeito dessas leis, pagarão usurariamente uma falsa libertação.

Sabem que, como disse Antero de Quental em uma das comunicações *Do país da luz* (cap. IX, v. II): “Os maiores martírios da Terra são doces consolações em comparação com os mais suaves sofrimentos de um suicida”.

Como se pode, pois, acusar o Espiritismo de ser fator de suicídios?

Demonstra-se a verdade de tal afirmativa, publicando algumas comunicações e alguns relatos de fatos cujo assunto é o suicídio.

Essas transcrições, para os crentes, revelarão verdades e exemplos consideráveis e temerosos; para os que não acreditarem na verdade espírita ainda constituirão prova positiva, indestrutível e benéfica da condenação ao suicídio e de que trabalhamos afanosamente em impedi-lo, falando incisivamente, pela persuasão e pelo exemplo terrorista, à imaginação, ao egoísmo, ao medo dos fracos, e à dúvida e à hesitação dos que se dizem incrédulos e materialistas... que nem sempre são verdadeiramente incrédulos e materialistas a valer...

Começarei pela comunicação de Antero de Quental, dada em 25 de janeiro de 1907.

Dolorosa autoridade tem aquele grande pensador para falar acerca de tão empolgante assunto. Em um momento mais desalentado da sua vida triste de pensador, da sua alma macerada e duvidosa de doente, matou-se, supondo conquistar a paz que não encontrava no mundo. E, em vez da paz, foi ao encontro do mais trágico sofrimento.

Nas palavras que se vão ler, repassadas de melancolia, de amargura e de arrependimento, encontram-se gritos lancinantes de dor e de desilusão; encontra-se lição profunda e magistral para todos quantos creem que basta saltar, em fuga, para a cova, para que de todo desapareçam, a quem foge, os motivos que o levam a procurar alívio na morte.

Que as medite quem as ler. Saiba e reflita, porém, quem as meditar que Antero era um bom, era um justo, era um santo, como lhe chamavam. E, se um Espírito assim, elevado e bondoso, sofre como ele diz sofrer, que sucederá a outros que não têm a protegê-los a pureza virtuosa das suas almas, nem o estoicismo filosófico da sua tristeza doentia? Ouçamo-lo:

— Venho cumprir a minha promessa. Muito gosto sinto nisso. Cumpro assim uma obrigação, espontaneamente tomada, e tento levar aos tristes da Terra um pouco da experiência por mim adquirida à custa de tanto sofrimento.

É do suicídio que vou falar.

Há pessoas aí para quem o suicídio constitui uma libertação aparente. Sentindo-se vítimas de enfermidades que reputam incuráveis, ou de

desgostos que creem sem consolação, começam a odiar a vida e a senti-la como um fardo pesadíssimo que as esmaga.

Anseiam pela morte.

Se creem em Deus, pedem-lha, de preferência a pedirem o alívio dos seus sofrimentos. Se não creem, maldizem a Natureza ou a fatalidade das coisas, que se conserva indiferente ao seu martírio, e lhes não traz, presto, o termo dele.

Não procuram pelos meios naturais, contidos em si próprios, combater o enervamento, a apatia sofredora e fatalista em que se mergulham.

Parece que sentem um doloroso prazer em avolumar em si próprios as causas do seu penar, inventando novos motivos de dor, agrandando os existentes, exprimindo a sua fraqueza por lamentos e queixumes amargurados e permanentes, criando em volta da sua personalidade uma atmosfera de tristeza, que realmente parece não poder romper-se senão pela morte.

Quando um sofredor chega a pensar no suicídio, esse ato maldito fica desde logo suspenso sobre a sua cabeça, como recurso derradeiro, como esperança sorridente! Não se pensa mais na libertação da desgraça pelos meios humanos, como a paciência, a resignação, a conformidade, a reação, a força de vontade, a luta encarniçada contra as causas reais ou presumidas do seu sofrer, a lembrança das pessoas queridas, que fazem sofrer também, e que, por amizade, abnegação ou dever, eram obrigados a respeitar e afastar da sua própria mágoa enfim, nem mesmo pela dignidade própria, pela valentia, e ainda pelo medo que a morte, o desconhecido, exerce sobre todas as criaturas terrenas.

Nada disso lhes açode no seu desalento.

Pensam logo no recurso extremo que está na sua mão, mas não lhes pertence: — o suprimirem a vida, que involuntariamente possuem.

Nós, os tendenciosos ao suicídio, desprezamos os vastíssimos recursos que Deus nos forneceu para podermos sair triunfantes da adversidade e da tentação; e recorremos só àquele que Ele não nos permite usar.

A tentação ao suicídio é um pesadelo em que nos envolvemos e de que somos tomados, acordados.

Apossa-se de nós, revolve-nos em si, domina-nos, sem nos deixar fazer o mais ligeiro esforço para o afastar.

Aquele que quiser reagir acordará desse pesadelo e reagirá. Não é preciso muita energia. Basta um pouco de vontade e de bom-senso.

Às vezes, um ligeiro acidente na nossa vida, um acréscimo de dor, ou um simples prazer, inesperadamente vindo, ocasiona a reação. Bastava que tomássemos essa reação como a deveríamos tomar, e persistíssemos nela para nos libertarmos, de vez, da obsessão que nos arrasta ao suicídio.

Se nesses momentos de tréguas a razão fosse auxiliada pela vontade, o fraco, que só pensa em abandonar a luta, como um desertor covarde abandona o seu posto de honra, não mais pensaria na fuga; e alma nova viria enrijar a sua fibra dessorada e fortalecer o seu Espírito abatido.

A curto trecho os seus sofrimentos, reais ou imaginários, desapareceriam, ou, quando menos, aligeirar-se-iam, por modo que já não se fariam sentir com dureza; e raiaria nova aurora de paz e de alegria para o desgraçado que, pouco antes, supusera sem remédio a sua dor e sem fim o seu martírio.

Quantos, ao lerem-me agora, sentirão na sua alma feliz a profundeza desta verdade? Quantos elevarão a Deus uma prece de conforto próprio, e de louvor a Ele, ao reconhecerem que foi assim que se libertaram dos tentáculos da monstruosa *pieuvre*, bem mais terrível que a de Victor Hugo?

E ainda não sonham o horror de que se libertaram a tempo!

Infelizmente, quando um lampejo da razão ilumina o nosso cérebro, entenebrecido pelo desalento, nós deixamo-lo fugir, como se fosse um relâmpago que nos surpreendesse, perdidos, em noite de pavorosa tempestade.

Ao clarão desse relâmpago, vê-se a paisagem negra e desolada, cheia de precipícios, de torrentes caudalosas; mas não procuramos orientar-nos, para não nos perdermos, despenhados ou envolvidos nas torrentes.

A luz deslumbrou-nos, e a nossa razão não a soube aproveitar a tempo para orientar-se. E lá voltamos a caminhar, às cegas, transidos de sofrimento e de desespero, maldizendo tudo, ansiados pelo termo da jornada, e blasfemando contra quem mandou o escuro, o vento e a água, e contra nós próprios, porque, não tendo podido adivinhar a tempestade, a tempo de impedir a viagem, nos sentimos tomados e acossados por ela.

Quem há que, depois de uma noite assim tempestuosa, que chegou quase a supor não ter fim, ou, pelo menos, em que esperou não acabar com a vida, não ria, ao ver despontar a manhã tranquila e luminosa, dos pavores e dos receios de que se sentiu presa durante aquele tempo?

As recordações desses momentos eternos de desespero ficam constituindo fatos inapagáveis na sua memória, e são perene motivo para intimamente louvar-se da sua coragem, se foi pela luta que se lhes escapou; da sua sabedoria, se foi pela prudência; da sua fé, se foi pela paciência em esperar a passagem da tormenta; e servem para citar como exemplo e conselho àqueles que se vejam em transes semelhantes.

O suicida é o desgraçado que, surpreendido pela tempestade, se toma de espanto e desespera do fim, preferindo deixar-se arrastar às brenhas em que se precipita voluntariamente, procurando ser esmagado.

Para esse não raia a manhã, que vem próxima; e não raia, não porque ela não venha, imutável, serena e clara; mas porque ele não soube encher-se de coragem para esperar, e esqueceu-se de que ela viria, fatalmente, a despeito de tudo.

Um pouco mais de constância e firmeza, e a luz de Deus, o bálsamo suavíssimo de tanta dor quase infinita, viria espancar as trevas e os terrores apocalípticos que lhes desvairavam a imaginação, fazendo-lhes ver monstros fabulosos nas coisas em que a claridade lhes deixa ver árvores cheias de flor e fruto, rochas lavadas e claras, assentes nos seus eternos troncos graníticos, que os séculos edificaram, e só os séculos derruirão.

Eu fui destes, e ter-me-ia sido bem fácil ser dos primeiros.

O meu Espírito fraco, porém, não se sentia com fôlego para prolongar a resistência.

A tristeza, feição natural do meu organismo, vinha pouco a pouco fazendo esboroar o pedestal de energia em que a minha razão e a minha vontade assentavam.

Cada desilusão nova criava um elo para a cadeia infernal que me acorrentava à dor e me puxava para o suicídio.

Por fim, já não carecia de motivos exteriores; eu mesmo os inventava, numa ânsia desesperada de torturar-me.

A tristura em que me envolvia não me tornava revoltado; fazia-me, antes, um resignado à fatalidade, à morte. E daí esse eterno aspecto melancólico e passivo, que me granjeou a consideração de santo.

Em minha consciência não protesto contra aquela consideração, porque alguma coisa de real nela existia que me valeu a tempo.

Nunca soube protestar, nem maldizer.

Sentia-me morrer na morte das ilusões e esperanças que tive, como têm todos na infância.

Parecia que a fatalidade invencível pesava sobre o meu organismo moral, a esmagar-me, sem esperança de alívio; mas, tudo isso não me impelia à raiva, nem à blasfêmia.

Intimamente sentia bem que Deus existia.

Que eu não podia ter nascido só para vítima do atroz sofrimento em que era dilacerado; e que alguma coisa mais do que aquilo que os homens conheciam haveria para além desse mundo, onde me supunha enteado.

Essa crença mais me desvairava a razão, por não compreender como sofria tanto sem achar em mim justificação para isso; e, sem ideia blasfema ou irreverente, nos largos momentos de meditação, admirava-me de que o Deus em que eu cria, e que acreditava de bondade, de justiça e de amor, me deixasse só, entregue ao meu desespero e à minha angústia, sem vir em meu socorro, reanimando as esperanças que caíam, fortalecendo ou substituindo a saúde que desaparecia.

E queria, no meu cérebro finito, que alguns centímetros mede e alguns gramas pesa, compreender e julgar o infinito, o incomensurável!

O não ter encontrado nunca a mais racional solução para este problema não me derrubou da minha íntima crença espiritual, tanto mais mística e serena quanto mais me aproximava do fim, que a tentação fazia antever, à minha ânsia de liberdade; mas aproximava-me mais deste fim, não sei bem se pelo desejo de lhe conhecer o “depois”, se pelo anseio de lhe pôr termo, confiado em que a vida, que esperava ver surgir, me compensaria.

À proporção que ia afrouxando na resistência, ia-me familiarizando com a ideia da morte; e esta familiaridade concluía por achar coisa natural que, não vindo ela buscar-me, eu fosse em sua procura.

Alguns rebates de medo pelas consequências, que me faziam, às vezes, estremecer a consciência, foram desaparecendo, ou, pelo menos, foram diminuindo de valor, pelo hábito de os sentir.

Não compreendia, confesso, esses rebates, ante a sorridente esperança, única que tinha, da libertação pela morte; como, às vezes, me surpreendia também, sem grande motivo próximo, em grave aflição

num grande desejo de morrer e num deliberado propósito de suicidar-me.

Essa surpresa e essa descoberta lançavam, sem eu saber, os clarões que eu desprezava!

Achava estranho que isso sucedesse em momentos em que tinha de me confessar mais livre de motivos reais de sofrimento; como achava igualmente estranho que, nas ocasiões mais torturantes, e em que o suicídio devia vir como derradeiro libertador, fosse quando sentia mais inflamados os rebates de horror por esse suicídio.

Na minha ânsia de explicar tudo, eu buscava logo as razões desses fatos; e dava-me por satisfeito ao reconhecer que, no primeiro caso, devia ser a minha dor que acordava de um adormecimento passageiro e distraído; e, no segundo, era o instinto de conservação a reagir contra a ideia da morte.

Procurava sempre a causai de tudo, exclusivamente em mim.

A minha educação positiva, o modo de ser para mim, por mim próprio criado, reagiam contra a ideia, possível e por outros preconizada, de que alguma coisa poderia vir de fora influir em nós.

Se pudesse ou devesse vir, teria vindo, fatalmente, o auxílio de Deus, tanta vez pedido para beneficiar-me, nos momentos em que me sentia livre de culpa e quase cria sem razão o meu martírio.

Logo que esse auxílio não vinha da única fonte que tinha poder para mo ministrar, nada mais podia servir de agente exterior para acionar os nossos sentimentos íntimos.

Era este o derradeiro argumento com que o meu positivismo adquirido e sistemático vencia a sentimentalidade e a crença modestíssima, nascidas e vindas da minha infância, e acalentadas na minha idiossincrasia de triste.

Assim, mal aparelhado para a resistência, tinha de cair, como caí.

A minha concentração natural avolumava, no meu íntimo, as causas apreciáveis de desgosto, e impedia que aqueles que me cercavam pudessem influir na sua destruição.

Procurava ocultar de todos o meu desígnio como um avaro procura ocultar o seu tesouro.

Receava que me arrancassem pela persuasão!

Enquanto poderia desejar que a persuasão e a lógica me destruíssem o desígnio do suicídio, não tomava este bastantemente a sério, nem o sentia tão próximo, que pudesse ou devesse manifestar a alguém tão condenável e desarrazoado propósito; quando o tomei a sério bastantemente, para o considerar como coisa deliberada, essa mesma deliberação impedia que eu pudesse manifestá-lo, com receio de que mo obstassem.

Era o sentir-me bem na torrente maldita que me levaria ao despenhadeiro, em vez de lutar pela vida, agarrando-me aos ramos, na aflição desesperada que leva um náufrago a agarrar-se numa navalha de barba, se lha estendessem!

Vencido, aniquilado, tomado da máxima covardia, cedi. E dizem, às vezes, que o suicídio não é uma covardia!

Que faz quem se suicida?

Foge. Que é quem foge? Um covarde.

E não se diga que para buscar a morte é preciso coragem. Não. A morte, que se busca pelo suicídio, não é a morte, é a libertação de um sofrimento que nos tortura, e a que não temos força para resistir; é a fuga duma luta a que não sabemos ser superiores, ou que não temos a energia para sustentar.

O suicida não procura a morte a sangue-frio, para se entregar a ela; procura-a como um bem; busca-a como a um refúgio, a um prazer.

Não a teme, estima-a. É o local onde supõe esconder-se de um inimigo que o persegue, e a que se não sente com valor para fazer frente; é o sítio roto e sem vigilância por onde supõe evadir-se de um lugar, que crê intolerável prisão. Na sua ação não há um átomo de valor; há o egoísmo mais condenável; o abandono do seu posto na peleja; o esquecimento dos sentimentos de brio que o deviam animar na solidariedade da vida para com os outros, e o desprezo dos sentimentos de interesse que essa mesma solidariedade levou outros a lhe prodigalizarem.

É uma completa defecção moral e material. É a confissão absoluta e eterna da sua covardia, da sua inópia, da sua pusilanimidade e do seu desrespeito a Deus, que lhe deu essa vida, e a todas as noções de pundonor e de coragem, que o deveriam levar a manter intacto um depósito que lhe fizeram, e a conservar um lugar que lhe destinaram.

Suprema fraqueza, suprema covardia!

Eu cedi a essa covardia. Tenho que expiá-la.

Compreendi, então já tarde, a razão dos debates da consciência contra o suicídio, e daqueles solilóquios fúnebres em que me surpreendia, enaltecendo a ideia de suicidar-me, como que prelibando o prazer que pela morte me viria.

Era que a tentação demoníaca da lenda não constitui uma palavra vã, nem o amparo do anjo de guarda é uma ficção de velhas beatas e de dogmas religiosos.

O demônio da tentação é que pode não ser a lendária figura da Idade Média, mas, criaturas perversas, filhas de Deus como eu e tu, vivendo no mal e do mal agentes, que vêm pôr à prova a nossa constância, a nossa firmeza, a nossa fé; e os pretensos anjos de guarda, aquelas santas individualidades que souberam resistir à tentação, conformar-se na adversidade e praticar e amar o bem, que, ao ver-nos baquear, tombar para o abismo, tentam advertir-nos ou suster-nos na queda...

Ah! que se soubessem por que preço pagamos a libertação, pelo suicídio, ninguém se suicidaria!

Os maiores martírios da Terra são doces consolações em comparação com os mais suaves sofrimentos de um suicida!

E é porque Deus castigue? Não; é porque tem de ser.

É da lei. É fatal, como é da lei girar a Terra no seu eixo, e as estrelas na sua órbita.

Esse sofrimento não é cego e igual. É harmônico, equitativo, justo, como é justo, equitativo e harmônico tudo que obedece à lei imutável do Universo, que Deus firmou com a sua vontade e perfeição.

E nós, aí na Terra, a querermos apreciar com a nossa inteligência microscópica a grandeza do Infinito!

É querermos iluminar o mundo, na treva de uma noite, com a luz de uma lamparina!

Avalias tu, ou alguém, que é o Infinito?

Se avaliares, terás apreciado Deus e a sua obra.

A comunicação que se segue é de Joaquim Mousinho d'Albuquerque, e está no 1° volume de *Do país da luz*, cap. XXXIV, edição da FEB.

Não é só um grito estrangulado de dor e desespero, mas também um conselho sereno e refletido, de quem muito padeceu, e aprendeu no seu sofrer. É o denodado Mousinho, o comandante das tropas triunfadoras de Chaimite, na África, quem vai dizer do suicídio.

COMUNICAÇÃO DE MOUSINHO D'ALBUQUERQUE (28 de novembro de 1906)

Quem promete constitui dívida. Prometi que também te daria uma comunicação. Constituí-me, também nisso, teu devedor. Vou pagar para não acumular na minha dívida mais esta fração. Que não solva para contigo o que não posso, terá desculpa; agora que me faça insolvente até naquilo em que me é tão fácil e até tão aprazível satisfazer, é que nada desculpará.

Entre muitos assuntos, que disputam a minha atenção, quero escolher um que tenha alguma coisa de útil e de produtivo.

Banal é tudo quanto se passa no mundo e com aqueles que ainda nele se encontram, para que os que já dele não são venham com banalidades e bagatelas.

A emancipação pela morte abre-nos vastos, e infinitos horizontes novos, ao mesmo tempo que limita, e cerra até, pontos de vista que supúnhamos de uma vastidão sem fim e de uma grandeza absoluta. É que o nosso modo de ver na Terra é tudo quanto há de mais falso e convencional.

Não temos ideias absolutas. São tudo coisas relativas e pequenas. Tudo fantástico, como as vistas de um teatro.

Olhadas a distância, semelham castelos, jardins, mares sem fim, palácios encantados, dando-nos a sensação da maravilha e da verdade.

Examinadas, tateadas de perto, enchem-nos de desolação e de tristeza, por conhecermos que são tudo míseras telas de papel ou de aniagem mal borradas de tintas grosseiras.

Fui um dos loucos, dos visionários, a quem a luz demasiada da ambição e da glória deslumbrou, provocando a fantástica ilusão da miragem.

Desorientou-me e ceguei.

Tudo que me cercava tudo que via e ouvia, tudo que sonhava e a que aspirava era ilusório e falso, como ouropéis de histrião; e eu — ai de mim! — tomava tudo por verdadeiro e de valor real.

Quando supus despertar do delicioso sonho em que o meu orgulho e a minha vaidade me embalavam, senti-me pequeno e perdido.

Então todo o meu ser se revoltou.

Achei fementido o riso da mulher em que supunha amor; achei banal a honra e o galardão em que distinguiam o ato da loucura generosa que me celebrizou; achei falsa a amizade dos que me estendiam os braços e me enalteciam o valor; reconheci a inveja e a intriga contra mim daqueles que, aparentemente, me lisonjeavam; e vi a fragilidade do amparo, que eu supunha sólido e eterno, para os momentos dolorosos da tempestade, começada já a desencadear-se.

E no meu íntimo senti uma grande onda de tédio pela vida, e por tudo de que ela se compõe. Tédio e pavor.

Ao mesmo tempo que me entediei, afligi-me por ver cair, em minha volta, tudo que me seduziu, tudo que amei, tudo que supunha me era devido por direito de conquista, e por direito da força.

Eu, que não tremi, quando no Kraal do Gungunhana vi milhares de guerreiros, a quem um aceno faria precipitar sobre mim e sobre os meus queridos companheiros de glória ou de morte; eu, que nunca soube o que era medo em frente das carabinas e das azagaias das “mangas” de guerreiros africanos, senti-me covarde e fraco para me segurar no terreno escorregadio e falso, ricamente alcatifado, que pisava, e para arrostar com as frases dúbias, os sorrisos equívocos, as manifestações misteriosas e significativamente desdenhosas daqueles que pouco antes eram vulgares aduladores, ou, quem sabe, sinceros e amistosos admiradores meus.

Quis fugir. O ciúme, a inveja, a fraqueza, torturavam-me. O meu cérebro, a despeito da minha aparente serenidade, era um inferno! A cada momento surgia um expediente, um projeto, que era logo abandonado e substituído por outro ineficaz como ele.

Em todos pensava, todos tentava, para evitar a deserção derradeira pela morte voluntária.

Nenhum, porém, encontrei que me parecesse mais digno e mais forte.

Via que o meu ocaso chegava aceleradamente, e não me sentia com forças para encarar com sangue-frio e coragem a minha derrota.

A audácia, que foi durante muito tempo a minha estrela, desaparecera. Atemorizei-me feito uma criança.

O meu colossal orgulho apontava-me a Rocha Tarpeia em que ia tombar do Capitólio; e toda a minha força restante, reunida, atingiu só a soma de energia necessária para liquidar, logicamente, uma situação angustiosa para mim, e que estava sendo embaraçosa, e talvez embaraçosíssima, para alguém mais.

Na minha saída inopinada do mundo, libertando-me de um sofrimento, que se me ia tornando intolerável, prestava ainda um serviço àquelas pessoas que, por bem justa gratidão, me mereciam esse derradeiro serviço.

Nem sempre vi como agora vejo.

Já depois da minha morte terrena, fui gravemente injusto e mau para quem só reconhecimento me merece. Disto me penitencio, especialmente perante aqueles diante de quem disse coisas bem condenáveis e bem dignas de execração!...[32]

Eram filhas da turbação e da dor!...

Mas, prosseguindo, direi que a morte violenta se me antolhava como liquidação forçada e única para passar à inatividade absoluta.

Dentro do meu íntimo, eu não acreditava na sobrevivência à morte, de qualquer parcela do meu ser.

Matéria, só matéria, supunha eu; e à matéria volveria com uns gramas de chumbo através do meu cérebro.

Pus por obra este meu último plano de ataque; e, por bem ou mal meu, mais uma vez o êxito coroou a minha ação. Pum! Um tiro, e ficaria encerrada a página última do livro da minha vida.

Supremo engano! Essa página voltava-se simplesmente; e, na página seguinte, encontravam-se as coisas mais pavorosas que imaginação

alguma pode conceber!

E eu, que queria desertar da refrega, ia cair em pleno arraial inimigo, cheio de mutilações e de sofrimentos horrorosos.

Quando supunha chegar para mim o descanso, a morte trouxe-me o martírio indizível da prolongação da vida, na sua manifestação mais tormentosa!

Apossou-se de mim o remorso mais terrível; e parece que todos os tormentos de ordem moral, consequência de uma vida de orgulho, de vaidade, de desregramento e de íntima negação vieram, como demônios fabulosos, gritar permanentemente, nas minhas malditas recordações, a inanidade da minha vontade, a improficuidade da minha ação; o erro da minha descrença e a loucura do meu suicídio, ao mesmo tempo que a sensação da dor física da hora extrema se aferrava, aferrava persistentemente ao meu cérebro, como se a bala que o atravessara não acabasse nunca a sua trajetória destruidora e terrível.

Então eu, que queria fugir pela deserção da morte, do campo de batalha, onde me sentia vencido, entrava apavorado em fabuloso campo de desespero, para mim inteiramente inesperado; e no meu ser, que eu sentia uno, íntegro e perfeito, revoluteavam todas as dores morais que me haviam conduzido àquele ato de rematada loucura, agravadas pelo remorso do passado, com a aflição pelo desconhecido que via abrir-se diante de mim.

Remorso do passado, de que supunha afastar-me e que, entretanto, continuava a queimar-me com ferro candente; aflição pelo que o meu juízo entenebrecido antolhava para o meu futuro.

Todos esses tormentos eram requintadamente aumentados com o fato absolutamente inconcebível de eu continuar a sentir todos os sentimentos, absolutamente todos, que a loucura e a perversão haviam aninhado no meu coração em vida; e agora, sem a mais ligeira sombra de esperança na misericórdia e no perdão de quem eu quisesse ou pudesse ofender, ou tivesse ofendido.

E, morto, assistia ao fragor que a minha morte causou.

Dava-me a impressão material do eco, infinitamente aumentado, a repercutir a detonação do tiro que aniquilaria a minha vida carnal.

Desvairado, perdido, aproveitando uma leveza e uma celeridade indizíveis e desconhecidas, corria vários sítios, apresentando-me, gritando aflito:

— Estou vivo e sofro; perdão, perdão!

Mas ninguém me ouvia, e creio que ninguém me via.

A aflição não podia ser maior, nem mais infernal!

Sentia-me precito, perdido para sempre!

Piedosas criaturas procuravam serenar-me, chamar-me à razão e ao arrependimento.

Eu blasfemava então como doido varrido.

Maldizia todos. Crivava de pragas horrorosas aqueles a quem a minha fúria insensata culpava do suicídio, que me perdia sem remédio.

Desconhecia ou queria desconhecer que o culpado fora só eu, exclusivamente eu. Deixara-me dominar pelo orgulho e pela vaidade, obedecendo, cega e passivamente, a todas as sugestões que eles imprimiam no meu cérebro, de natural leviano e impressionável.

Não tinha tido a fé e a paciência dos justos, que permitiria encarar resignadamente todos os acidentes que poderiam ter acontecido, mas que também era provável não se terem dado nunca; e, por virtude disso, sentindo-me fraquejar, na convicção íntima do aniquilamento, preferi atirar-me cegamente para a escura garganta da morte, por modo tão trágico e tão romântico, como traço derradeiro e acentuadíssimo da minha personalidade terrena.

Tudo isso eu via e sentia; tudo isso aparecia e desaparecia constantemente ante o meu juízo e o meu olhar espantado, enquanto a bala perfurava o meu cérebro dolorosamente, sem terminação, sem desfalecimento, sem uma suspensão de hostilidade e de martírio.

Para mim, não havia esperança de perdão, nem consolação possível.

Assim passei eternidades, até que à Misericórdia Divina aprouve deixar entrar a luz do arrependimento e da resignação em minha alma denegrida; e a calma, o sossego, foram entrando em mim como a claridade entra em um recinto escuro, filtrada por um interstício mal vedado.

E na altura em que te falo o Mousinho, o "grande" Mousinho, já não é o último dos sofredores.

É uma criatura conformada e humilde, sinceramente arrependida; quase curado dos corrosivos estragos feitos pelos ruins sentimentos que o animavam na Terra, e inteiramente curado da ferida que a maldita bala fazia pavorosa e permanente.

Sereno te falo, amigo querido, a quem nem de vista conheci na Terra; sereno te falo, e bem sabes como o que te digo é verdade.

Esta serenidade, depois de tão prodigioso sofrimento, e ainda mais prodigiosa e milagrosamente aliviado do que era merecido, habilita-me a dizer a todos os cérebros onde ainda possa caber um vislumbre de reflexão:

— Acautelai-vos contra o orgulho. Ele faz amar a vaidade, a lisonja e a maldade; ele faz supor a um pigmeu que é um titã fabuloso; e, depois de ter conduzido aí a vida humana por veredas coalhadas de espinhos e de amarguras, precipita-a no Inferno, e não raro pela porta derradeira e mais tormentosa dessa pavorosa estância de Aquém-Morte: — a do suicídio.

Pior do que o suicídio, friamente meditado como uma fuga covarde, há só uma coisa: — o suicídio friamente meditado como uma fuga

covarde.

É possível que outras haja que o igualem na escala da maldade e do sofrimento; é possível; mas contra esta que bem conheço e que me perdeu, é que eu desejo pôr em defensiva quem tenha olhos para ver e alma para sentir, e possa pré-adivinhar quanta verdade e quanta mágoa existe no que deixo dito.

Abram bem os seus olhos, como se diz na obra de Júlio Verne; abram bem os seus olhos!

Hesitas em se deves publicar isto. É da minha vontade que seja publicado.

Os que acreditarem que é meu, compadecer-se-ão de mim.

Os que não acreditarem, dirão: — podia bem ser dele... E isto basta. É a dúvida nestes espíritos; é o interstício, mal vedado, que deixará entrar a luz possível na escuridão das suas almas.

COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS COMUNICAÇÕES TRANSCRITAS

Da publicação das duas comunicações de Antero de Quental e Mousinho d'Albuquerque, feitas no tom doloroso de quem curte dores pungentíssimas, ressaltam, na sua dureza estranha, a lição e o exemplo.

Antero de Quental, Espírito de filósofo e de poeta, enveredou pelo *trilho da ciência positiva* em busca de Deus, e não O encontrando, achando na sua alma o vácuo tormentoso da descrença, da desesperança; desconhecedor das belezas da vida; avergado pelas amarguras, cruciado pela dúvida, varejado pela tristeza, cansado do peso esmagador que para o seu Espírito doente representava o viver, começou a achar na morte, "a deusa da liberdade, que buscou resoluto", como diz em um soneto recentemente publicado.

Ele, o sonhador da tristeza, o bardo da Filosofia, diz a essa deusa negra das suas aspirações:

Via em ti a esperança que sorria

À minha vida triste, atribulada,

Como a um viageiro o fim do dia

Sorri, por ser o termo da jornada:

E pela tua mão gelada eu cria

Entrar na paz, ou ir entrar no Nada.

E com que funda mágoa diz mais em outro soneto:

Mas como me enganei! Tu não me deste

O descanso que tanto apetecia!

Do sofrer nova forma ofereceste!

Atiraste-me a nova *gemonia*,

Onde, em lugar da luz que me acendeste,

Só a noite encontrei, que não tem dia!

É mais um brado de sua alma desiludida e arrependida. E o amargurado, que procurava a paz ou o nada na morte, encontrou só a noite do sofrimento, que na sua angústia supõe eterna.

E a quantos alucinados sucederá o mesmo?

Mousinho, o herói de lenda, o temerário, que desdenhou da morte quando ela o ameaçava nos olhares selvagens dos guerreiros africanos, buscou-a, como amiga, lançando-se nos seus braços de silêncio, supondo encontrar no véu negro com que ela o envolvesse a paz que o seu orgulho lhe roubara na vida.

Ele, o mimoso da glória, ao ver que os seus sonhos de ambição e de arrojada loucura iam ter um despertar triste, não se sentiu com a coragem para arrostar com o ostracismo dourado, e porventura deprimente, a que a sua falta de adaptação à vida da corte, às exigências draconianas da etiqueta, e quem sabe se ao honesto limite do seu natural campo de ação ou de afetividade iam votar.

Não possuindo a fé que salva, a resignação que conforta, o conhecimento de princípios morais ou religiosos que o amparassem na queda, e o robustecessem no propósito de ser superior às vicissitudes transitórias da vida, preferiu, em um gesto romântico, como ele diz, atirar-se para a garganta da morte, em busca do esquecimento, envolto no aniquilamento da existência.

Que horror deve ter sido o da sua alma intemerata, ao reconhecer o engano, ao ver que o tiro que lhe estancava a vida terrena, também espantava para longe, num voo infinito, de que não mais voltariam, às ilusões falazes que sobre a morte possuía!

E o desgraçado, enquanto na Terra entrava na história, como um guerreiro lendário, entrava, no Espaço, no círculo trágico das dores que se imaginam sem terminação.

Toda a sua vida lhe passava em suplício ante o olhar pávido; todas as coisas de que pretendera fugir desabavam sobre ele, qual avalancha infernal; e, a aumentar-lhe esses tormentos, rodados no potro do remorso, sofria o mísero a sensação dolorosa da bala a atravessar-lhe permanentemente o cérebro, e “sem terminação, sem desfalecimento, sem uma suspensão de hostilidade e de martírio!”

Isso não é dantesco, porque Dante não soube descrever um tormento igual!

Quando pela primeira vez lhe falei, fui tomado de pavor e de tristezas indizíveis!

O filho grande de minha pátria, orgulho da minha raça, ídolo da minha alma de patriota, aparecia-me berrando com fúria, blasfemando contra Deus, que supunha carrasco; insultando pessoas que nesta vida foram cultuadas pelos seus mais ardentes afetos!

Era um louco, com momentos lúcidos na agonia!

Muito carinho, muitas súplicas enternecidas e aconselhadoras, e — por que não dizê-lo? — muitas lágrimas escaldantes de fogo e de dor, empreguei, ora num círculo de abnegadas almas, devotadas ao bem, que com todo o seu amor de crentes secundavam a minha ação; ora só, em interminável catequese, para fazer entrar a luz redentora do arrependimento na escuridão cerrada daquela alma; até que Deus permitiu que a claridade se fizesse, e ele se libertasse das torturas que o dilaceravam.

Caiu do pedestal olímpico do seu orgulho no sombrio campo do desespero, e daí saiu pela porta humilde da penitência para a tranquila paz dos redimidos.

Redimido pelo arrependimento, redimido pela humildade, redimido pela regeneração.

E, após, entrou a trabalhar pelos outros, para apagar, de todo, das páginas negras e justiceiras da sua memória, todos os sulcos corrosivos dos sentimentos grosseiros e maus que na sua alma viveram.

Dupla lição se tira do exemplo de Mousinho. Uma, a lição geral, de que não é a morte voluntária a saída por onde quem quer pode fugir aos sofrimentos, consequência fatal das suas ações ou das suas intenções.

E não só não pode fugir como vai avolumar o mal de que ingenuamente crê libertar-se.

A outra ressalta, na sua comunicação, de forma indireta, mas não menos exemplar e apreciável.

Mousinho foi homem e soldado.

Como homem teve os defeitos naturais dos homens que não se furtam aos gozos da vida e não curam das exigências morigeradoras da virtude.

Como soldado, foi guerreiro; como guerreiro, foi áspero, violento e talvez cruel por vezes.

Matou e fez matar gente. Destruiu vidas, que, por pertencerem a aborígenes africanos, não deixavam de ter tanto direito a existir como as dos outros homens.

Semeou horrores, espalhou a desolação. Queimou, aniquilou.

Passou como um ciclone, como passam os heróis conquistadores.

Pois da sua comunicação não ressalta o menor pesar, o menor indício de sofrimento por isso.

Queixa-se do orgulho e da vaidade. Maldiz o suicídio.

A sua morte, pela própria vontade buscada, deu-lhe os martírios de que sofreu; enquanto todas as outras não lhe crivaram de espinhos do remorso.[33]

É isso revelador de dois corolários: — primeiro o de que, perante a Lei de Deus, é mais grave arrancar a própria vida, com a intenção condenável de fugir às consequências da sua responsabilidade, do que arrancar outras — sem deliberada intenção de fazer o mal pelo mal; segundo, que as responsabilidades vêm pesar sobre nós pela intenção dos atos que praticamos, e não pelas consequências desses atos.

Além de Antero e de Mousinho, muitos outros suicidas têm transmitido pavores das suas situações.

Camilo, o grande e inolvidável escritor português, em todas as suas comunicações publicadas nos volumes *Do país da luz*, acentua, como ritornelo plangente de tocante marcha fúnebre, a sua queixa dorida pela desgraça que cumulou todas as suas desditas, buscada por ele próprio no *auto-homicídio*.

Constitui cada uma um grito de angústia, ao mesmo tempo em que uma aflitiva súplica a Silva Pinto, outro talento que esteve às bordas do suicídio e que via querer lançar-se no mesmo inferno, — para que se salvasse.

Salva-te! — dizia Camilo — salva-te! que a teus pés está o abismo pavoroso, onde o teu corpo, ao cair, pode fragmentar-se em esquírolas insignificantes, e em cada esquírola podem condensar-se em uma dor todas aquelas que na tua vida inteira te trucidaram e trituraram pavorosamente.

Recua amigo, recua que Deus te estenderá a mão! Recuar será avançar para a luz; avançar será cair nas trevas. E que trevas, meu Deus, que trevas!

E, mercê de Deus, Silva Pinto foi salvo! Não se suicidou; e, mais do que isso: — renegou todas as suas ideias de negativismo e se fez um crente!

É o próprio Silva Pinto quem narra, no encanto do seu estilo original, a instrutiva história da agoniada situação em que se encontrou, e da qual saiu por um modo inteiramente providencial, fora da sua cogitação, mostrando-lhe, de modo indireto — mas eloquente, que nos desígnios insondáveis do destino das criaturas há um poder capaz de resolver os mais intrincados problemas da vida humana:

Eu precisava, para o dia seguinte, da quantia de dois contos de réis, e não tinha em meu poder nem duzentos réis. Nem tinha onde ir procurá-los. Há muito tempo que eu via aproximar-se o termo em que me era absolutamente indispensável aquela quantia, e não encontrava recurso algum de que lançar mão para arranjá-la.

Os poucos amigos a que podia recorrer eram tão pelintras como eu. Os ricos que eu conhecia não eram capazes de me emprestar dois patacos. E reconhecia-lhes razão. Um miserável como eu nunca lhes poderia pagar. Mas eu precisava do dinheiro. Lembrei-me de todos os expedientes, e não encontrei um razoável que me valesse. Razoável ou não. Não encontrei nenhum.

Com a aproximação da hora para que me era indispensável o dinheiro, aumentava o meu desânimo.

Já não me enfurecia; já não pensava, com inveja, nos ricos burgueses, nos brutos merceeiros, nos agiotas, nos canalhas, que tinham os seus cofres cheios, e francos créditos nos bancos.

Essas invejas, esses exasperos, essas raivas, pertencem ao começo das nossas aflições.

Depois, à proporção que a aflição aumenta, esses sentimentos pulhas vão desaparecendo, esmagados pela impotência do desespero para remediar o mal. E chega, então, lentamente, pesado como uma zorra, o desânimo.

Esmaga tudo, nivela tudo.

Não há nervos, não há protestos, não há insultos, não há inveja, não há blasfêmias. Ele passa, rodando, calcando, esmagando, nivelando.

E fica só ele, e nós debaixo dele. Não se luta mais.

Não há mais coragem. O cérebro cerra-se pesadamente; os braços caem. Não pensamos mais, não mexemos mais.

Para quê? As dificuldades avolumaram-se, cercaram-nos, fustigaram-nos energias, reduziram-nos a besta cansada e inerte. Eu tinha chegado ao ponto solene onde perdemos a consciência de nosso ser. Atingi o momento em que o homem honrado se torna conscientemente ladrão ou se mata. Para se tornar ladrão ainda depende de audácia e de oportunidade. Não rouba quem quer. É indispensável que tenha feitio, arrojo e ensejo.

O ladrão terá de ser honesto se não tiver onde roubar.

Ora eu não sei se poderia ser ladrão naquele momento da minha vida. Ainda que pudesse, não sabia onde poderia sê-lo. E depois, dois contos de réis, se não encontrava quem pudesse emprestar-mos, também não encontrava onde pudesse roubá-los. Eram dois contos de réis!

Nunca soube tão bem o valor do dinheiro! Mas eu precisava dos dois contos! Exausto, vencido, deixei de pensar em obtê-los. Deitei-me a pensar como sair do apuro.

Honradamente, logicamente, só tinha uma saída: — matar-me.

Mas você e o Camilo já tinham vindo meter-se na minha vida.

O meu cérebro, que já não atinava solução para viver, desentranhou-se fecundamente em soluções para morrer.

E vinham céleres, frescas, novas. Vê? A besta humana, quando cansada, estúpida, ou refratária ao bem, ainda desenvolve vasta quantidade de energia para o mal. Para isso nunca está exausta. É manancial perene. É por isso que se veem aí criaturas inúteis para qualquer coisa útil, incapazes de fazer o menor ato bom, mas a fazer mal a todos.

Pois bem, eu não fugia à regra. Estava decidido. Matar-me-ia.

E, a súbitas, as palavras que você me havia posto ante os meus olhos, davam rebate.

Rebate doloroso, rebate pungente.

Eu ouvia, e pensava: Será verdade? Eu ainda hei de ir sofrer mais do que tenho sofrido na porca desta vida?

E eu ouvia o Camilo, ouvia o Antero, ouvia o Mousinho, através do seu livro, a bradarem que me não matasse.

Mas respondia-lhes exasperado, berrando, levantando no ar os punhos cerrados, como se quisesse esmurrá-los pela impertinência das suas advertências.

— Que hei de fazer? Vocês, que gritam para não me matar, deem-me dois contos de réis, que é o preço da minha vida... Digam-me onde hei de ir buscá-los... Não é só dizer: vive. É indispensável dizer — como. Se querem que eu resista, auxiliem-me na resistência. Não me deem conselhos, deem-me dinheiro. Se não podem, deixem-me.

E, de fato, pareceu-me que eles me deixavam. Na minha imaginação febril, tive a desoladora impressão de que ficava só, de que alguém se afastava lentamente de ao pé de mim, aflito e choroso, cabeça baixa, como que cedendo à fatalidade a presa que em vão lhe disputava. Senti

que a minha consciência se acomodava e se aninhava, como uma podenga humilde que eu ameaçasse.

Animei-me. Estava decidido. Ia liquidar. Não seria uma liquidação muito a gosto dos meus credores, mas eu lhes dava o que tinha — a vida, e, com ela, a certeza de não os prejudicar mais. É alguma coisa essa certeza. Fica-se seguro de que se perdeu só a primeira parte, e que não se corre risco de perder mais nenhuma outra.

Eu ia dar aos meus credores essa certeza, e afigurava-se-me que eles ainda me ficariam em mercê.

Restava ver como faria o caso.

Ora, em minha casa, não.

Não queria dar aos meus, nem a vergonha, nem o desgosto de me verem estirado e agonizante, como um cão que ingerisse estricnina. Para dor, bastava a que lhes legava com a miséria. Porque, meu amigo, não há dor maior que a miséria.

É a mãe de todas, creia.

Todas as outras dores são brotoejas. A que fere fundo, a que apunhala o coração, trespassando-o envenenadamente, é a dor da miséria. Miséria material ou miséria moral, mas miséria.

Ora, se eu não queria dar-me em espetáculo aos meus, menos o queria fazer aos estranhos.

Porque é sempre um espetáculo a agonia de um desgraçado.

Eu não quero a consideração inconsciente do vulgo, nem lágrimas de desconhecidos, visto estar certo de que de conhecidos também não as teria. Veja esse contrassenso; eu que sabia não ter as dos amigos, recusava aquelas que pressentia vir a ter dos indiferentes.

É que eu sabia que a alma popular é como um grande esgoto, onde corre de tudo.

Tateei-a muita vez, e se encontrei muita ingratidão, que me mordeu, muita criatura alvar, que depois de receber o benefício me insultou, se encontrei muita hipocrisia e muita doblez, também encontrei muitos sentimentos puros, gratidões inigualáveis, amorezinhos simples e bons, lágrimas puríssimas, que me faziam esquecer e perdoar todas essas coisas ruins que pela vida fora me vieram derrear como pedradas.

Assim, pois, resolvi friamente que o suicídio fosse em sítio escuso, por modo a furtar-me à possível intervenção de alguém, a qualquer importuno socorro, ou à possibilidade de se verem as fases, tragicamente ridículas, por que eu houvesse de passar, a braços com a morte.

De vez em quando, a minha consciência murmurava coisas, como a cachorra amiga que rosnasse queixumes contra a minha descaroabilidade.

Parecia-me que lembrava ameaças futuras; e eu contemporizava. Ou existia Deus, ou não existia. Se não existia, estava acabada a história, e os seus mortos, meu amigo, as suas ameaças, as suas cartas, os meus receios, os lamentos de minha consciência, eram tretas para adormecer crianças. Se existia, Ele seria de tanta bondade, de tanta justiça, de tanta grandeza que me compreenderia e me absolveria.

Ele havia de saber, melhor do que eu, quanto eu tinha sofrido e até a que limites incalculáveis eu havia levado a minha paciência e a minha resistência em defesa da vida que ia devolver-lhe, como coisa já inútil e imprestável.

Por certo que depois não me havia de torturar mais.

Contra a hipótese bárbara da minha tortura, protestava a ideia que eu começava a fazer de Deus. Se tudo no mundo era do conhecimento dele, Ele não podia punir-me de um possível delito, que só em caso extremo praticava. E praticava por falta de auxílio que mo evitasse.

Bem comigo, por esses raciocínios cômodos e aquietadores, escolhi o matar-me por asfixia, em um quarto fora do meu lar.

Percorri o *Diário de Notícias* e achei um na Rua Augusta.

É uma coisa boa os jornais, para nos tirar de apertos.

Habitação de mulher só, tipo de mulher boa e parva, que me disse não se conservar habitualmente em casa.

Ótimo. Dei de sinal uns miseráveis tostões que me restavam, e fui-me a casa, a pôr as coisas em ordem para a grande viagem. Escrevi, fria e serenamente, as poucas palavras necessárias.

Olhei em silêncio, sem uma lágrima, o pobre quarto, onde tantos anos chorara lágrimas de desespero, onde tanto pensara, onde tanto "vira" desse mundo, onde tanto desengano me feriu e onde tanta mágoa curti! Dardejei-lhe o meu derradeiro olhar, cerrei a porta e fui a despedir-me da família.

Creio que, nesse momento, já não sentia o coração. Tinha um aperto horrível no lado esquerdo do meu arcabouço, mas "isso" já não devia ser coração. Olhei todos demoradamente, para fixar na minha refina vítrea as suas amadas imagens. Queria vê-los no instante derradeiro e imprimir-lhes a imagem, fundamente, na minha retina, para levá-los assim para a cova.

Queria legar o meu pensamento último aos que haviam enchido a minha vida. Não lhes podia legar mais nada.

Saí cambaleante.

Dirigi-me à ara do meu sacrifício. Era em um quarto andar. "Perto do céu", resmoneava eu com um sorriso de amaríssima e cruel ironia.

Esperava encontrar a casa só. Eram onze horas da manhã, a mulher devia ter ido à sua vida há muito.

Enganei-me. A pobre lá estava. Entrei no meu oratório de condenado, e esperei. O tempo decorria pachorrentamente, e a mulher a cirandar pela casa.

Impacientemente, saí ao corredor, e em voz que forçava, por tornar sossegadamente curiosa:

— Então, hoje não sai?

— Ah! hoje saio um pouco mais tarde. Só às duas.

— Estou roubado — pensei.

— Então, a senhora disse que saía sempre cedo...

— E verdade, mas hoje não posso... Há muito que isto me não sucede...Nunca lhe sucedera isso!

Estava escrito. Havia de suceder só quando eu precisava que não sucedesse!

Resolvi sair, a fazer horas.

Iria dar um passeio, fazer a despedida à cidade. É estúpido estar numa casa à espera da hora para matar-se.

Tomei o primeiro elétrico.

Era o do Príncipe Real.

Fui-me nele. Ao chegar à Patriarcal, apeei-me.

Queria atravessar a praça a pé. Tivera ali, outrora, tempos de felicidade, horas de prazer. Queria rememorá-las. Queria vivê-las novamente na hora em que as ia destruir para sempre.

Segui ao longo da praça, cabeça baixa, engolfado no meu pensar. Revia a minha vida como em trágico sonho esmagador. Repassava-a toda ante o meu pensamento. Ódios, amores, lutas, fomes, grandezas, latrocínios, ingratidões, invejas, tudo.

A Humanidade era um charco onde raras coisas se salvavam.

Porca de vida, porca de vida, pensava eu.

Fui chamado à realidade com o bater amistoso em um ombro meu:

— Não é o Sr. Silva Pinto?

— Não tenho a honra de o conhecer...

— Mas não é o Sr. Silva Pinto?

— Sim, senhor, mas já lhe disse: não tenho a honra de o conhecer.

E olhava, com dureza, aquele homem que me vinha arrancar do doloroso prazer de evocar, friamente, a minha vida toda, como que trazendo-a de novo a mim para a aniquilar voluptuosamente em seguida.

Era um homem alto, perfeito, tipo belo de homem, com a alma a espelhar-se-lhe no sorriso com que me envolvia.

— Pois já me não conhece? Eu sou o Alfredo, o Alfredo Anjos...

E abria-me os braços.

— Ah! — respondi.

Era uma evocação da minha vida que me falava.

Não me lembrava dele. Conhecera-o muito, há anos, quando eu não era pobre e miserável. Havia muitos anos!

Nem eu sabia quantos!

Brincava muito no meu colo. Perdera-o de vista.

Ele seguira no caminho que a riqueza abre, e eu descera no declive a que a miséria conduz. Fora-se para o estrangeiro... Sim, era ele. Mas que podia haver de comum entre nós?

Ele abraçou-me, envolveu-me em longa carícia.

Pensei rapidamente que a Humanidade boa vinha despedir-se de mim naquele belo e bondoso rapaz.

Seguimos a pé, vagarosamente.

Ele tinha a caridade de acompanhar os meus passos trôpegos de atáxico. Eu disse banalidades que ele ouvia com complacente interesse.

A certa altura, como que obedecendo a um desígnio, estaca e diz:

— Ó, Sr. Silva Pinto: eu não sei como vive. Desculpe-me a impertinência; mas os homens de letras nem sempre estão livres de dificuldades... Eu sou rico, e devo-lhe saudosas recordações amigas... Se puder servir-lhe de algum préstimo, terei muita satisfação...

Olhei-o, surpreendido e aterrado. Não disse palavra. Ele, como que obedecendo a uma ideia fixa:

— Veja lá. Em qualquer ocasião que precise... Agora, por exemplo, tenho em casa três contos que ponho à sua disposição... se precisar...

Fiquei fulminado. Não atinei com palavra. As palavras são como os amigos, quase nunca acodem nos grandes lances. Tive tentações de fugir, e disse só, que me lembre:

— Sim, aceitarei quando precisar...

Fiquei tão aparvalhado, como se subitamente se abrisse um abismo ante os meus pés. Despedi-me, azoadamente, dele.

Desci a travessa da Palmeira, a casa. Não podia estar na rua. Abafava.

Que quereria dizer aquilo? O diabo viria tentar-me, e dar-me mais uma esperança ilusória, ou Deus queria dar-me os dois contos de réis?

Talvez fosse esta última hipótese.

Sim, porque Ele, sendo o Senhor de tudo, não tinha, entretanto, crédito sobre nenhum banco, nem cofre com dinheiro amontoado. Não me podia mandar diretamente, era de ver. Podia ter escolhido o único homem, o único, que neste mundo tinha dinheiro, e alma para dar-mo...

Podia ter-me arrancado da antecâmara da morte, e levado até à praça do Príncipe Real, sem fim aparente, ao mesmo tempo que conduzia o Anjos até lá, e lhe despertara no cérebro súbita recordação, e na alma súbita caridade por mim. Podia ser, podia ser... Era um meio...

Corri ao meu quarto. A minha esperança dava-Ilhe luz.

Ia experimentar. Não podia viver sob o peso da dúvida em uma felicidade provável.

Escrevi um bilhete, em que dizia isto, pouco mais ou menos: Preciso de dois contos de réis. Se me pode servir, espero às... horas na Praça Luís de Camões, esquina da Rua das Gáveas (se a memória não me falha agora).

Mandei. À hora aprazada eu lá estava.

Sentia-me aflito. Voltava-me o amor à vida, e horrorizava-me que a resposta não viesse, ou fosse mais uma desculpa vulgar, daquelas que eu sabia de cor há muitos anos.

Apavorava-me essa ideia, porque sentia que já não tinha mais coragem para matar-me. Esgotara-se; e novo esforço era superior às minhas forças.

Fugira-me a oportunidade, à chegada da esperança.

Neste mundo, tudo precisa de oportunidade —, até à hora da morte.

Passavam-se séculos de angústia nos minutos que antecipei na minha chegada.

À hora, vi aproximar-se de mim um homem grave, aspecto de mordomo inglês de casa rica:

— É Vossa Excelência o Sr. Silva Pinto?

— Sim, sou.

— Aqui tem, da parte do Sr. Conde de Font'Alva. Peguei no envelope, tremendo. Despediu-se, gravemente.

Abri. Estava salvo! Abria-se o céu ante mim, e eu via Deus, o meu Deus, o grande Deus, que me acudia, que me enviava a vida, a salvação, a honra, tudo, naqueles papéis miseráveis que continham a minha felicidade!

Lá havia os dois contos e mais esta santa aurora de bondade: "Eram três. Ainda cá fica um à sua disposição".

Eu vira Deus! Sentia a sua ação direta, a sua misericórdia, a sua piedade pelos meus sofrimentos.

E pareceu-me também vê-los: você, o Camilo, o Mousinho, a rirem-se, a rirem-se para mim...

Estava salvo do suicídio para sempre. Estava salvo do inferno. Podia morrer de fome, estalar de dor, rebentar com os sofrimentos maiores, esgarçar-me fibra a fibra, que não mais pensaria em matar-me.

Não se esqueça destas coisas.

Nem a todos Deus conduz um Alfredo Anjos; mas a todos que confiam e esperam, Ele aparece sempre.

Sempre, meu amigo, sempre.

Diga isso a essa infortunada, a Angelina, que, como eu, se debate na amargura, na fome, no horror. Diga-lhe isso, depressa. Acuda-lhe, como me acudiu. Tire da sua própria dor consolação para os que são mais infelizes que você. Olhe que isso de fazer bem, tem consolações

> que os marotos não conhecem. É o prazer dos bons. Quando a gente abre a nossa alma, olha para dentro dela e vê alguma coisa de bom, dá por bem empregado todo o mal que suportou, tudo quanto padeceu, e reconhece que ainda sofreu pouco, e lhe custou barato toda a satisfação de que desfruta.
>
> Dezembro, 1911.

Para aquietar incrédulos e estancar sorrisos de irônico pessimismo, convém assegurar que esses casos, que mais parecem contos em que entram miraculosas fadas, não são isolados, nem ocorrem somente em Portugal.

Viriato Correia, um dos nossos mais brilhantes e festejados escritores, membro da Academia de Letras, encontrou-se certa vez numa situação desesperada, cheia de súbito por dificuldades suficientes para levar ao suicídio.

Tendo um grande culto pela memória do iluminado e bondoso Dr. Bezerra de Menezes, lembrou-se da Federação Espírita Brasileira, templo da crença daquele abnegado apóstolo do bem.

Ali, pediu a Manuel Quintão, também muito devotado a Bezerra de Menezes, que servisse de intermediário num apelo ao Espírito do querido amigo, pedindo um conselho paternal ante a situação terrível, irremediável, em que se achava ele, o escritor.

A resposta veio carinhosa, paternal, confortante, com a delicada censura que os pensamentos recônditos do literato estavam a merecer, mas com a solução necessária. Eis, na palavra pública do próprio escritor, a eloquente narrativa, após referir um caso anterior:

> De outra feita (passou-se isto aqui na Federação), surgiu-me na cabeça uma determinada tentativa. No começo, pareceu-me simplíssima, mas, à proporção que fui trabalhando para realizá-la, os obstáculos apareciam. Quando abri os olhos, tinha verdadeiras muralhas diante de mim. Era impossível ir adiante.
>
> Mas o caso, que era material no começo (isso sempre acontece na vida dos homens trabalhadores), já se tinha transformado num caso moral. Estavam empenhados o meu nome e a minha honra.
>
> Eu não podia recuar. Mas não podia prosseguir. Faltava-me tudo, tudo, para ir à frente.
>
> Atirei-me como um doido, como um desesperado, à procura dos elementos.
>
> Bati a dezenas de portas que supus abertas à minha entrada. Encontrei-as com trancas de ferro.

A situação era dessas em que não se tem o direito de ficar parado. Revolvi terras e mundos e tudo falhou. Houve um dia em que tive medo de enlouquecer. Ou em vinte e quatro horas decidia aquilo, ou estaria completamente perdido. Porém, não tinha mais nenhum passo a dar, nenhuma porta a bater.

Há ocasiões em que o consolo de um amigo vale pela própria vida. Eu precisava de alguém a meu lado. Entrei aqui com a alma trespassada. O Manuel Quintão ia chegando.

Contei-lhe por alto o caso.

— Que queres que eu faça? — perguntou-me com tristeza, emocionado pela gravidade da minha situação.

— Quero que peças a um Espírito que me aconselhe. Pede ao Espírito Bezerra de Menezes.

Eu tinha pelo Espírito Bezerra de Menezes uma afeição particular. Tempos antes, por intermédio do mesmo Manuel Quintão, ele me havia dado uns conselhos salutares, com uma sutileza comovedora.

Diante do meu pedido, o Quintão ficou pensativo, concentrado, como se não soubesse se devia fazer ou não.

Afinal, levantou a cabeça, como se tivesse recebido uma inspiração: — Vou pedir. Sobe.

Subi. Fiquei à espera em um dos gabinetes do primeiro andar, contíguo àquele em que o médium se trancou.

Passaram-se dez minutos. O Quintão voltou sereno, sorridente, mas no seu rosto estavam visíveis os traços da funda concentração em que estivera.

— Lê — disse, entregando-me um papel.

Era a comunicação. Era um jato de luz. Era a esperança. Conservo-a entre os meus papéis como um tesouro.

> Começava por uma censura: eu devia ter medido melhor as minhas forças. Mas, concluía, nem tudo estava perdido. “Há uma porta em que ainda não bateste. Vai, conta tudo, fala a verdade, que ela se abrirá com o favor de Deus.”
>
> Curiosíssimo. Até aquele momento, julgava que não havia mais porta nenhuma para que eu batesse. Mas, mal concluí a leitura, vi, vi num relâmpago, como se alguém me inspirasse, a porta a que me esquecera de bater.[34]
>
> Uma comunicação daquelas, vinda através de um médium escrupuloso como aquele, era para deixar tranquilo, mesmo um espírita incipiente como eu.
>
> Eu fui onde a inspiração me mandou, fui sereno, confiante, seguro de que teria a consumação do meu desejo. Encontrei, de fato, as portas abertas de par em par.
>
> Tudo se realizou, graças a Deus.

E a afligida criatura, quiçá exausta de lutar no mundo das letras, onde tantas dificuldades surgem, talvez houvesse cometido um desatino, sem o socorro salvador do amigo do Além, destacado elemento da plêiade de Espíritos bons, compassivos, que, ali e acolá, amparam os desanimados da vida.

E, graças ao auxílio providencial, o escritor prosperou, cresceu em prestígio literário, até que a Academia de Letras lhe sagrou o valor intelectual.

E, talvez, se não fugir ao testemunho, isto é, se tiver destemor para afirmar sempre a verdade da sobrevivência consciente do Espírito fora das fronteiras da vida terrena, quiçá essa valorosa atitude lhe atraia maiores bênçãos, justo prêmio àqueles que, acima das rasteiras conveniências materiais, colocam a afirmação da verdade pura e sublime.

Por essa verdade, todos ficam sabendo que o mundo terreal é uma pequena toca onde os coelhos se escondem temerosos de encarar o Sol. Habituados à treva da noite e à meia-luz do dia, esses infelizes acabam por pensar que o mundo é a toca, e fenecem muitas vezes à míngua da luz salutar do Sol, ardente, mas saneadora.

Esse Sol é a Doutrina dos Espíritos, ensinando que a vida é universal, que ninguém morre, que tudo evolui e se interpenetra, no mistério de transformações formidáveis, que a mente e a ciência dos homens ainda não sabem desvendar.

Feliz do ser que sai da treva subterrânea da ignorância, e se aquece ao calor benéfico das claridades celestes emanadas dos ensinamentos dos Espíritos.

A esses, nenhum desespero assalta, nem a revolta perturba, nem pensam na morte, porque sabem que tudo é harmonia, tudo é justo, necessário, providencial, na sequência dos elos que formam a cadeia das vidas na Terra, no Espaço, no Universo.

Quem acredita nas demonstradas verdades da intervenção dos Espíritos na vida das criaturas humanas jamais será um suicida, pois sabe quantas amarguras irremediáveis aguardam tais criminosos nas fronteiras da erraticidade.

*

O suicídio tem sido objeto de profundos estudos. Neurólogos, psiquiatras, psiquistas, filósofos, teólogos, literatos, toda uma legião de intelectuais já tentou fixar em causas definidas, em leis mais ou menos verossímeis, a origem de tão ilógico quanto desvairado ato.

Filiando-o a perturbações meramente funcionais ou a influências espirituais malsãs, nem a ciência, nem a religião conseguiram chegar a conclusões definitivamente convincentes.

Literatos de renome e escritores de incontestável prestígio têm escrito páginas admiráveis de beleza e eloquência sobre o assunto, mas nenhum conseguiu focar luz suficiente sobre o trevoso mistério que origina a deserção à vida.

Médicos eminentes, de conceito mundial, em vão têm buscado compendiar em tratados eruditos as conclusões a que chegaram pelos estudos procedidos; mas, os próprios casos observados mostram a fragilidade açodada de tais conclusões, as quais assentam afinal na OPINIÃO dos observadores, nas hipóteses formuladas, e não no móvel recôndito e real que deu origem ao caso observado.

Se livros — baseados nas hipóteses e ideias comuns — e suficientemente divulgados —bastassem para educar e fortalecer os espíritos contra o *auto-homicídio*, dois, entre dezenas, já estariam traduzidos e figurando em todas as estantes: *o Tratado do Suicídio*, do Dr. Luís Bertrand (obra premiada pela Academia Imperial de Medicina, em sessão solene de 5 de dezembro de 1848); e *Os suicidas ilustres* (biografia) desde o começo do mundo até nossos dias, de F. Debadie, edição F. Sartorius, Paris.

Esse extravio da Ciência perdurará, enquanto os cientistas teimarem em não admitir nem reconhecer a ação de ignotas e poderosas forças agindo propulsoramente nos *sentimentos* das criaturas, fator moral que constitui a causa mestra, senão única de todas as ações humanas.

Não há função fisiológica a que se possa irrefutavelmente atribuir uma ação, um ato de ordem moral, interessando aqueles fatores intelectuais que distinguem nos vários ambientes coletivos um Machado de Assis, um Osvaldo Cruz, um Farias Brito.

A pressão fisiológica pode, sim, em virtude de sutil perturbação intercorrente, causar uma inibição mental, determinando um ato reflexo de tal perturbação — que pode ser confundida com um *estado* especial, mórbido, do paciente; mas, jamais poderá dar origem a um fenômeno de superlucidez, desses denominados de premonição, dupla vista, desdobramento de personalidade, autoscopia, e tantos outros.

Diante, porém, de fatos insólitos, de premonição, por exemplo, as pontas do dilema tocam a fronte da lógica: ou alguma coisa — organizada — tendo consciência e vontade, sai do corpo físico do vidente e vai colher as informações de todos ignoradas, e depois torna a entrar no corpo do vidente; ou então a inteligência e a vontade agem fora do corpo, independentemente de qualquer condição orgânica que pudesse ser invocada como tendo dado causa ao fato.

No suicídio, somente origens espirituais devem ser admitidas por fator preponderante desse ato, que, sob o principal prisma, significa a destruição do que a criatura mais preza e mais defende.

Em torno de tal assunto, há uma verdadeira biblioteca escrita pelos mais diferentes pensadores, sustentando pontos de vista variadíssimos, antagônicos e bem arbitrários alguns.

Voltaire, no seu irônico *Dicionário filosófico*, diz: “O suicídio é um ato que prova mais ferocidade do que debilidade”; mas, contrariando tal afirmativa, pode-se ver que Sighele, na *Evolução do suicídio ao homicídio*, registra numerosos casos em que suicidas, desiludidos, deixaram, em cartas de despedida, ternas e tristonhas palavras de saudade aos que os desprezaram e deram causa ao ato de renúncia à vida.

Mas, a verdade escapa inteiramente aos acanhados limites — embora extremos — traçados da ferocidade à debilidade, e é quase inacessível à observação material imediata.

Os Drs. Raymonde Pierre Janet, especialistas na Salpêtrière, no seu famoso tratado *Nevroses e ideias fixas* (Ed. Alcan, 1908) assim o confessam.

Narram o caso de uma criança, de oito anos de idade, e que,

> inteligente, viva, amável, não tem senão uma ideia na cabeça: a de morrer. Isso começou aos cinco anos, sem que se possa saber por quê. Ela fala sempre, conversa com as bonecas e prepara tentativas de suicídio. É, dir-se-ia, uma espécie de absurdo, como existe nos delírios histéricos infantis; mas isso dura há três anos, sem modificação, e não sabemos de que modo terminará. Sem dúvida, é filha de um alienado, mas isso não explica o mecanismo de tais desvios de instintos.

Abrindo essa narrativa, dizem os doutos especialistas: “A ideia de suicídio não é sempre fácil de interpretar; ela é muitas vezes quase inexplicável; parece depender de uma modificação desconhecida dos instintos os mais fundamentais”.

E, ainda preludiando outro caso de impulso ao suicídio, num menino de quinze anos de idade, dizem os referidos médicos: “Um dos impulsos, os mais frequentes e dos mais inexplicáveis, é o impulso ao suicídio”.

Arthur Schopenhauer, aliás muito entendido, tanto em Ocultismo quanto em Metafísica, tem, entre outras, uma conclusão quase idêntica, ao comentar uma narrativa do *Correspondem de Nuremberg*, de 18 de julho de 1813:

> Noticia-se de Berna a descoberta, em espessa floresta, de uma cabana no interior da qual se achava o cadáver decomposto de um homem. As vestes não davam elemento de identificação quanto à hierarquia do morto. A coisa mais importante que se encontrou foi uma Bíblia, encadernada com folhas em branco, algumas das quais estavam escritas à mão pelo dono. Aí dizia quando deixara o lar (sem indicação de local) e que se internara no deserto para orar e jejuar. Durante a viagem, havia jejuado durante seis dias, alimentando-se ainda depois disso. Instalado na cabana, recomeçara o jejum, marcando cada dia dessa abstinência com um traço. Havia cinco, sendo de supor que a inanição o matasse ao sexto dia.

E comenta Schopenhauer:

> Entre essa morte voluntária — inspirada por um ascetismo extremo — e o suicídio aconselhado pelo desespero, pode-se intercalar considerável número de matizes intermediários, muitas vezes compostos e mesclados entre si, sendo, em verdade, muito difícil de tal explicar; o coração humano tem profundezas, obscuridades e complicações que darão sempre trabalho extremo a quem quiser esclarecê-las e analisá-las.

A documentação é farta e variadíssima, quanto ao gênero literário dos autores, mas importa acentuar, desde já, que o problema só encontrou explicação verossímil depois que os Espíritos começaram a revelar a situação em que se encontram no Além os suicidas, documentadamente, com a identidade dos sofredores e com a narrativa indubitável dos cruciantes padecimentos lá experimentados por eles.

O espírito seitista tem procurado desmerecer o valor de tal documentação; mas, as inteligências sinceras e sensatas não deixarão de admirar, nessas narrativas comoventes, o fundo de verdade que, translucidamente, penetra na alma de quantos admitem a existência de um prolongamento imortal da vida terrena, e também uma sanção moral abrangendo recompensas e punições para os Espíritos bons e para os maus.

E tal evidência cresce de importância, porque os testemunhos têm surgido nos meios mais diferentes, entre pessoas insuspeitas, de credos de todo alheios à cogitação da existência no Além-Túmulo, até mesmo em ambientes adversos a tais convicções.

Segundo a documentação ministrada pelos Espíritos, sabe-se que a ideia do suicídio obedece a duas causas principais: aos sentimentos malsãos das criaturas sem o controle de uma sã moral; e às influências de Espíritos ignorantes ou inimigos.

Na primeira das hipóteses, a criatura atrai, pela força das afinidades, Espíritos capazes de levá-la ao crime do *auto-homicídio*; nos outros casos, muito mais complexos, são desafeições fundas, cimentadas às vezes de verdadeiros ódios, que exercem vinganças, procurando envolver, dominar o inimigo (indefeso, se não tiver sólida moral religiosa), arrastando-a à prática do suicídio, de vez que — INVISÍVEL — o obsessor pode agir sem que a vítima perceba de onde lhe vem a torpe ideia.

Embora inexplicável à primeira vista, é um fato constatado, acima de qualquer dúvida ou mesmo controvérsia, a afinidade dos Espíritos, que se atraem ou repulsam dentro das mesmas vibrações de sentimentos.

A criatura que envia para o éter magnético, que nos rodeia e envolve, as emanações dos seus sentimentos malsãos, encontra imediata ressonância em Espíritos de idêntico sentir e que, vivendo na atmosfera da Terra, são atraídos pelos seus irmãos afins em atraso moral.

E então ocorre uma espécie de fusão de entidades, cujas ações facilmente se confundem, tornando difícil positivar quais as que pertencem ao indivíduo terreal e quais à entidade espiritual — que aciona o seu afim em sentimentos ou desejos.

Verdadeiras tragédias e muitos atos considerados de loucura pelos mestres das ciências mentais têm origem nessa fusão de almas, que escapa ao arguto exame dos clínicos especializados e oniscientes no ramos da Psiquiatria.

Eis um comprovante, nesta narrativa recebida em Belém do Pará, absolutamente verídica e controlada:

Certo rapaz, de sobrenome Ribeiro, que fora do Exército, sentia raivosa inveja ante qualquer pessoa feliz, próspera ou bem dotada em inteligência, alegria e beleza. Em tais ocasiões, seu pensamento vibrava

ondas de ódio e revolta, ódio por não ter o bem alheio, revolta por não poder destruir a felicidade que coubera a outrem.

Numa noite, transitando à beira do cais do porto, estrugindo de raiva a propósito de fatos relacionados com grandes venturas de terceiros, mais uma vez ruminou a ideia de morrer, para não assistir ao espetáculo das alegrias e das prosperidades de quem quer que fosse.

E pensou mesmo no suicídio, olhando para as águas sinistramente quietas do rio Guajará.

Súbito, sentindo uma espécie de impulso — de origem imprecisa, pensou em lançar-se à água, e sentiu também que seis vigorosos braços de entes invisíveis o projetavam no rio. Lutou em vão. Sofreu a aflição da asfixia durante um tempo imensurável na sua imaginação, na treva mais completa e no desespero maior que um revoltado possa conhecer.

Só depois de um período, cuja duração não lhe foi possível medir, sentiu que alguém dele se aproximava e o conduzia ao cenáculo onde fez a sua narrativa e confissão.

> Sei, disse então, que fui vítima dos meus maus sentimentos. Não me suicidei, verdadeiramente, porque fui precipitado ao rio; mas, esse ato foi provocado por mim, que atraí, por meus sentimentos inferiores, Espíritos capazes de partilhar das tendências malsãs do meu coração, sentindo-se felizes de atirar na desgraça espiritual mais um irmão gêmeo na maldade e no atraso moral. Sei também, agora, que aos maus não faltam auxílios, para a prática dos mais espantosos crimes. Os Espíritos evoluídos, nobres nos sentimentos e grandes no saber, não se acham na atmosfera baixa da Terra, e sim em trabalhos de evangelização, socorro e conforto aos sofredores de toda espécie; enquanto que os inferiores, a quem a luz da verdadeira religião ainda não iluminou, vagueiam errantes nas ruas e em todos os locais onde encontrar possam “companheiros” de ideias e sentimentos, para expansão dos seus próprios desejos e impulsos de intemperança e mesmo de maldade criminosa. Eu atraí e conservei e aumentei cada vez mais o número desses elementos perniciosos, à força de afeiçoá-los com o ímã espiritual dos meus sentimentos de obsidiado pelo mais terrível dos pecados mortais: a inveja. Se reagisse, tê-los-ia afastado; ignorante das verdades evangélicas — que só o Espiritismo explica em realidade, afundei no abismo da morte espiritual. Felizes os que repelem os maus impulsos, pois só assim não se tornam futuros escravos dos Espíritos da treva, desses que, no momento oportuno, levam — irresistivelmente — a criatura à prática do crime.

Muitas vezes, tal atração tem origem na faculdade mediúnica, infelizmente tão mal conhecida e tão mal estudada.

Em geral, as criaturas que possuem o dom da vidência, premonição, audiência, e outros, são tidas por “esquisitas” ou influenciadas pelo diabo, de sorte que, quase nunca procuram elucidar o problema,

buscando no Espiritismo a explicação de tais dons, de modo a torná-los instrumentos de progresso moral, de prosperidade e de paz na vida de todas elas.

Assim, de educação mal cuidada, a criatura cultiva sentimentos desordenados e incoerentes, de forma a ficar indefesa contra os Espíritos errantes e *materialões*, devassos, sem escrúpulos, ébrios, gulosos, assassinos, enfim, que conservam ainda todo o acervo de hábitos e tendências criminosas que exerceram na última encarnação, e dos quais não se libertaram porque permanecem — em Espírito — nos mesmos ambientes e nas mesmas ideias que predominaram nas respectivas existências na Terra.

Vale por um dos mais preciosos exemplos, e constitui também uma grande lição de aviso, o caso do suicídio de um conhecido e distinto funcionário do Ministério da Fazenda, que exerceu, com indiscutível proficiência, a direção de uma das mais importantes repartições arrecadadoras, a Recebedoria do Distrito Federal.

Bacharel em Direito, escritor talentoso, tendo publicado dois livros de poesias, caráter íntegro, polido no modo de tratar, benquisto por todos que o conheceram, esse moço revelara desde muito cedo impulsos e bizarrias que o caracterizavam como médium.

Algumas crises que teve, embora não passassem do âmbito doméstico, jamais foram olhadas devidamente, quer pela família, quer pelos médicos, situados em dois extremos: Catolicismo e Materialismo.

Assim, vicejando sem conhecimento das doutrinas do Espiritismo, o Espírito dessa futura vítima de obsessores foi sendo dominado, até chegar ao extremo por eles desejado.

Enquanto na atividade burocrática, os múltiplos afazeres, absorventes por sua natureza, não davam ao médium em causa vagares de abstração para que os obsessores agissem à vontade no seu Espírito.

O estudo da legislação, despacho de processos, audiências e consultas pessoais sobre a marcha dos negócios da repartição, as preocupações domésticas quotidianas, tudo isso enchia dois terços das vinte e quatro horas do dia.

Aposentado, o médium perdeu o elemento de reação natural e inconsciente que exercera contra a influência traidora dos obsessores, que, desde então, tiveram larga margem para sua ação destruidora, subvertendo o ritmo da vida doméstica daquele lar, predispondo, por essa forma, o Espírito visado para os fins por eles predeterminado.

É certo que houve sinais de alarme; porém, a família, intensa a qualquer ideia que admitisse intervenção dos Espíritos na vida das criaturas, não deu importância aos veementes indícios do fim que se aproximava.

Certa vez, o médium, conversando com um amigo, na residência, sentados num banco de jardim, voltou-se — como que falando a entidade invisível — e disse:

— Fique descansado, porque eu me suicido; já lhe prometi, e cumprirei a palavra.

Esse detalhe, de eloquente e alarmante significação, não teve força para convencer ninguém do grave momento a que chegara o distinto quanto infortunado homem.

A clareza meridiana do incidente não despertou a atenção da família.

E, poucos dias depois, levado por anúncio de jornal, alugou um aposento, em Copacabana, e ai, servindo-se de um lençol, enforcou-se.

A surpresa foi enorme, pois, nas suas palestras com os amigos e colegas, não deixava perceber que o seu Espírito, tão brilhante e culto, estivesse trabalhado pela negrura dos pensamentos obsedantes do suicídio, o maior dos crimes apontados pelas religiões do Ocidente.

E essa surpresa cresce de importância, quando se considera e sabe que a influência e intercâmbio dos Espíritos, em nossa vida quotidiana, já passou do terreno seitista para o das realidades indiscutíveis e insofismáveis.

Na altura a que chegaram os estudos e pesquisas, feitas por cientistas e sacerdotes cristãos, a respeito da comunicação ininterrupta dos Espíritos com o nosso mundo, é imperdoável desprezarem-se os sinais evidentes das obsessões, sob o fútil pretexto de que o assunto é do domínio do Espiritismo, e portanto — herético — para as religiões oficializadas.

O Espiritismo estuda, é certo, os vários fenômenos do psiquismo, e afirma ter recebido um corpo de doutrina ditado pelos Espíritos; mas, meridianamente, está demonstrado que o dom mediúnico e a situação de obsidiado não escolhem a crença da criatura que o recebe ou o sofre.

Médiuns e obsidiados — a história o atesta — têm sido reis e lacaios, papas e noviços, cônegos e sacristães, marechais e corneteiros, ricos e mendigos, sábios e analfabetos, médicos e enfermeiros, freiras e leigas, escultores e sapateiros, de tudo enfim que tenha cabido na contingência humana.

E é ainda a esse preconceito estulto que se deve a frequência enorme dos manicômios.

Mais de metade dos infelizes que são vítimas da ignorância crassa dos pseudoconhecedores das moléstias nervosas não passam de obsidiados, a quem faz falta um espírita conhecedor da Doutrina, para afastar o elemento de inibição mental, e nunca os múltiplos brometos com que se entorpece a atividade nervosa do paciente, impedindo — por esse meio artificial — que os obsessores possam empregar a vítima na prática de desatinos de toda ordem, inclusive o suicídio.

Pessoas insuspeitas, fora de qualquer ligação com o Espiritismo, têm publicado interessantes narrativas de casos autênticos, pessoais; mas, mesmo assim, o testemunho passa e o preconceito fica.

Eis uma dessas idôneas narrativas, publicada sob o sugestivo título — *Vozes d'além-túmulo*, pelo conceituado diário *A Razão*, que se editava nesta capital, em data de 30 de novembro de 1917:

> Um velho amigo nosso, pessoa de toda respeitabilidade e elevada condição social, envia-nos o seguinte:
>
> — Eu nunca me preocupei com os fenômenos do Espiritismo. Tive sempre receio de perder tempo com eles e de ser prejudicado pelos Espíritos inferiores, que por toda parte se manifestam como bons e de cujas manifestações só males resultam para quem os toma a sério, e não sabe conhecer e atrair os bons.
>
> Todavia, em 1870, deu-se comigo um fato estranho.
>
> Estava em São Paulo cursando o 1° ano jurídico.
>
> Em nossa pensão — a pensão da viúva Reis, à Rua de São Bento nº 48 — conversou-se um dia sobre o Espiritismo. Um companheiro de casa convidou-me para irmos ao Campo dos Curros, onde havia um médium interessante. Relutei, mas afinal fui. Sete e meia da noite. Havia lá algumas pessoas, todas desconhecidas. Era natural assim suceder, por ter chegado eu de uma Província havia menos de dois anos.

Feitas as apresentações, meu nome todo não foi pronunciado, mas ditas somente estas palavras: “F., meu colega da Academia”.

Começada a sessão, o médium disse:

— Há alguém no Espaço querendo falar a... (e pronunciou o meu nome).

Intrigado, disse prontamente ser eu, e perguntei quem era.

— Rosa — disse o médium.

— Não sei quem é — retruquei.

— Rosinha, sua tia.

De fato, eu tinha uma tia por afinidade, residente em minha Província. Recordei-me logo e, meio atordoado, perguntei o que ela de mim desejava.

— Mas, que é? Diga, diga.

— Estou muito desgraçada, estou muito infeliz.

O médium calou-se e, às minhas insistências, disse-me:

— Voltou ao seu estado de materialização.

Eu sabia um pouco de técnica do Espiritismo, e pedi ao médium que se concentrasse de novo, e com a precisa calma, que eu a evocaria.

Novo silêncio ainda mais longo; mas não foi possível a volta de minha tia.

Naquele tempo ainda não havia telégrafo para minha Província, mas no dia seguinte escrevi à minha mãe, residente nessa Capital, narrando-lhe todo o ocorrido.

Dias depois, minha mãe me escreveu, repreendendo “por me estar envolvendo em Espiritismo” e aconselhando-me o afastamento

completo “dessas histórias”.

Obedeci, mas, dias depois, chegou um paquete trazendo da Província notícias, cartas e jornais narrando o suicídio de minha tia Rosinha, no mesmo dia e na mesma hora da sessão do Campo dos Curros.

Observei que minha mãe evitava falar-me a tal respeito e eu a imitei — nunca mais falamos da tia Rosinha.

Minha mãe morreu 18 anos depois...

Ultimamente, sucedeu-me outro fato ainda mais impressionador. Dou-me com alguém muito envolvido em Espiritismo. Conversamos longamente sobre ele, porque o acho interessante, e esse amigo sempre me convidava para assistir a uma sessão, o que sempre evitei, pelas razões já expostas. Esse amigo disse-me há dias ter na véspera se posto em contato com alguém que lhe pedira me chamasse, pois precisava falar-me.

— Quem é? — perguntei-lhe.

— Não sei. Interveio numa comunicação e pediu-me chamá-lo. Vá. Talvez se trate de coisa importante ou de uma obra de caridade, talvez uma prece, sempre tão útil aos mortos. Não demore. Vá hoje mesmo.

Embora relutando, fui. Mal entrei na sala, o amigo disse-me:

— Quem o chama, já está à sua espera, muito impaciente, sentindo muitas dores.

— Mas quem é?

— Não sei. Quer falar mesmo com você.

— Pois então ponha-me em contato com ele.

— Acalme-se e espere.

De repente, senti-me estremecer e fiquei com as mãos geladas, e o amigo disse-me logo:

— Já está presente. Fale-lhe.

Perguntei-lhe quem era e o que queria de mim. O médium escreveu: “Jacinto, seu amigo”.

Lembrei-me que há 25 anos conheci alguém com esse nome. Mas esse Jacinto (está visto que lhe altero agora o nome) suicidara-se nessa época, com um tiro nos miolos. Apavorado, perguntei se era esse mesmo Jacinto. A resposta foi imediata:

— Sim, sou eu mesmo. Lembre-se de que na véspera do meu suicídio fui ao seu escritório, à rua da Quitanda, dizer-lhe minha resolução, mas você não me acreditou. Deu-me conselhos, que eu tive a loucura de não seguir.

Saí e no dia imediato matei-me. Vim dizer-lhe o que é o suicídio e pedir-lhe que escreva para escarmento dos outros.

No dia em que me deveria matar, fui para casa desesperado, e você sabe quais os motivos. Depois, eu vi nada valerem, comparados com os sofrimentos que principiei a padecer. Que coisa horrível! Ajeitei o revólver no céu da boca, que era o lugar que eu sabia matar logo, sem salvação possível. Dei o tiro, mas verifiquei logo ainda estar vivo, sentindo a dor, ouvindo os gritos da minha família, mas não me podendo mover.

Continuei paralisado até à hora de sair o enterro. Ia ouvindo, vendo e assistindo a tudo, sempre sofrendo a dor do ferimento da bala na boca.

Carregaram-me até ao cemitério, enterraram-me e deixaram-me sozinho. Senti a sufocação do fundo da cova, mas não podia fazer o mais leve movimento. Todavia, a inteligência estava lúcida: lembrava-me de tudo, raciocinava, seguia e concretizava as ideias. Então, lembrei-me de que um espírita me havia dito: “o Espírito do suicida tem de ficar ligado ao corpo, porque ninguém tem o direito de

alterar a ordem determinada por Deus". Vi a verdade do que se me tinha dito. Comecei a sentir dores fabulosamente incomportáveis. Senti a putrefação do corpo, sentindo todas as angústias, a dor, o cheiro nauseabundo da putrefação, as mordeduras lancinantes dos vermes.

Depois — quanto tempo depois? —, a carne foi-se separando do corpo, acabando, mas sempre sentindo dores pavorosas, vendo meu corpo desligar-se dos ossos, mas eu sempre vendo e sentindo tudo.

A fome e a sede me escaldavam.

Orei, mas não era atendido.

Um dia, meus ossos foram tirados da cova e removidos para o nosso jazigo de família. Eu "vi" essa remoção e fique dentro do jazigo.

A dor intensa do ferimento do revólver no céu da boca nunca me abandonou. Sempre lúcido, sempre raciocinando, jamais conseguindo descanso de um minuto de sono, vendo meus ossos como se os visse com os próprios olhos do rosto...

Depois... quanto tempo depois? — eu nunca mais tive noção do tempo — abriu-se de novo o jazigo, uma, duas, três vezes, e sempre eram colocados mais ossos. De quem? Nunca soube, mas eram os dos meus parentes, naturalmente.

Agora, nestes últimos dias, fui libertado. Agora vou purgar meu crime em nova e mais terrível reencarnação!

Eu conhecia o que o Espiritismo ensinava, mas não quis nunca tomar a sério. Quando me vi morto pelo suicídio, lembrei-me de tudo...

Não pode ser intuito de Deus a perda de uma alma, criada por Ele para no futuro ser agregada à sua Própria Pessoa. Cumpria-me esperar e sofrer com resignação as consequências do meu crime.

Minha fraqueza e minha falta de confiança criaram aquela situação, e por isso sofri horrivelmente, e continuarei a sofrer até remir tão grande falta, tão grave crime.

Há pouco tempo, experimentei um grande alívio. Que era aquilo? Inquiri surpreendido. Lembrei-me logo de ter talvez chegado o momento da aproximação do meu anjo de guarda, que a minha terrível e imensa perturbação havia afastado, desde que principiei a pensar no suicídio e atrair, assim, os Espíritos obsessores que me levaram à morte antes do tempo; e, com o auxílio dele, é que me libertei do terrível estado material e trevoso em que me encontrava, e aqui estou para te pedir que digas o que sofrem os suicidas. Há respeitos humanos que talvez te tapem a boca.

E hei de mostrar a quem eu vir propenso a crer. Minha vontade seria publicar toda a história, mas me detenho diante do respeito humano, que é o maior inimigo da consciência e da verdade.

A comunicação do Jacinto foi feita sob todas as condições de ser recebida e aceita como verdadeira.

A Doutrina Espírita sobre o suicídio é antiga, e eu já a conhecia há muitos anos.

Aí fica a minha contribuição. Ninguém me tome por um impostor.

Rio, outubro de 1917.

Depois das estarrecentes confissões que ficaram nas páginas anteriores, para melhor entendimento é muito importante acentuar que dos sofrimentos espirituais, da vergonha decepcionada, do arrependimento irreparável não se isentam mesmo aqueles que desertaram deste mundo não chibatados pelas fúrias das revoltas, ruminando desesperos, maldições contra as contingências naturais da vida.

Valioso testemunho desse sentir é dado, no seu típico estilo, pelo nosso inolvidável Santos Dumont, o grande e glorioso descobridor da navegação aérea. Consagrando o seu nobre mediunismo totalmente ao cumprimento da missão que o trouxera à Terra, ele renunciou a todos os prazeres que a riqueza e a sua juventude lhe podiam carrear. Teve vida pura, ignorando o mal, os sentimentos inferiores. Mas, apesar disso, devedor faltoso da Lei, teve de pagar o tristonho tributo do suicida.

Eis alguns trechos da persuasiva mensagem recebida esporadicamente pela médium Maria de Lourdes, quando estavam reunidos os diretores da Tenda dos Crentes, tratando de questões de natureza administrativa desse centro, e que foi publicada no *Diário Carioca*, numa reportagem de Ricardo de Almeida, em 3 de junho de 1942:

O fato de ausentar-me voluntariamente deste planeta não significa o mesmo — como eu então cegamente pensava — que voar nos meus dirigíveis ou ascender nos meus aeroplanos. A responsabilidade perante Deus é muito diferente da que assumimos perante os homens.

Não é impossível (e torna-se às vezes bem fácil) convencer os primeiros de coisas que não existem e de direitos que nos assistem, quando, na verdade, nem uns, nem outros têm consciência da justiça ou da verdade.

Uma vez desencarnados, porém, o panorama inteiramente muda de aspecto. Todos os nossos atos adquirem uma transparência de gota de água. Somos então julgados pelo que de fato valemos e não por um ou que outro atributo que supúnhamos ter.

No meu caso particular, tomei deliberações que ultrapassaram de muito o meu livre-arbítrio. Dispus de um bem que me não pertencia, como se acaso fosse coisa minha e de somenos importância. Não atentei sequer em que as Leis de Deus, sobre as quais se baseiam as leis dos homens, teriam fatalmente de me pedir contas, responsabilizando-me pelo meu ato antinatural. Valeu-me nesse transe o fato de muito haver trabalhado pelo bem coletivo. Fui sempre um crente fervoroso na existência do Criador, e, cansado e desiludido, embora, do esforço feito, algo me segredava que a minha luta não tinha sido em vão. Mas, a maldade do meu semelhante teve a força necessária para aniquilar em mim as últimas resistências. Vi-me, então, só e abandonado de tudo quanto outrora amara com fé e exaltação, perseguido por um remorso que me não cabia, esquecido e maldito na minha própria obra revelada. A noite do desespero entrara, afinal, comigo; comigo entrara o anseio de tudo olvidar, perder a consciência de tudo, dispersando-me, afinal, no nada de onde provinha. E foi isso o que desatinadamente tentei naquela manhã de julho de 1932. Ah! como eu, então, me enganava!... O meu despertar no espaço foi mais doloroso e trágico do que as horas mais negras da minha vida terrena. Tinha, agora, uma consciência mais nítida, e o meu desespero — um desespero contínuo, inestancável, sem repouso — torturava-me sem descanso. O meu erro tinha sido enorme, imperdoável, e grosseira a minha falta.

Como a bondade de Deus é, todavia, infinita, as minhas súplicas acabaram por ser ouvidas. Voltou-me, então, a serenidade. E medi bem o abismo em que havia rolado. Não seria, já agora, capaz de repetir o desatino cometido, permitindo que a desorganização do meu corpo

material me comandasse as forças do Espírito. Sou hoje, de novo, um ser consciente, uma partícula viva do Universo. Estou outra vez diante da Luz — que é Deus — e só ambiciono voltar ao vosso planeta para, reencarnado, prosseguir na minha obra pelo progresso moral e material da Humanidade. Sei que o meu desejo será em breve satisfeito.

[...]

Já, então, nessa altura, o invento interrompido pela minha incapacidade mental e, logo depois, pela minha morte, não constituirá mais um perigo. Ao contrário, será uma das grandes conquistas da técnica, a serviço do bem-estar social.

Vós todos me admirais, meus irmãos, porque eu me entreguei de corpo e alma à criação e execução dos meus inventos; porque gastei saúde e fortuna na perseguição do meu ideal; porque, por amor dos meus balões e dos meus aeroplanos, deixei, até, de constituir família, privando-me, assim, das alegrias de um lar, do amor de uma esposa e da glória de um filho, — e destes-me, por isso, o título de *Pai da Aviação*. Pois bem: tudo isso que eu fiz ainda foi pouco. O Brasil — o nosso Brasil — merece bem mais. O lugar que lhe está reservado no futuro da Humanidade, dependendo certamente dos desígnios de Deus, depende em grande parte de nós. Nós o faremos grande e benéfico, como ele realmente o merece. Somos um povo historicamente edificado na paz cristã. Nessa paz e nessa aspiração temos vivido e prosperado. Não será, pois, demais que o mundo futuro nos deva as fontes e as diretrizes de uma nova civilização. Tudo depende de nós, de vós, de todos os brasileiros — a quem Deus ajudará na Sua infinita misericórdia — criando desse modo uma pátria rica, próspera e feliz.

Eis o que, a propósito do assunto, se lê em *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec:

DESGOSTO DA VIDA, SUICÍDIO

943. — De que provém o desgosto da vida que se apodera de certos indivíduos, sem motivos plausíveis?

Efeito da ociosidade, da falta de fé, e, muitas vezes, da saciedade.

Para aquele que exerce as faculdades com fim útil e segundo as aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida escoa-se mais rapidamente; suporta-lhe as vicissitudes com paciência e resignação, porque procede visando a uma felicidade mais sólida e duradoura que o espera.

944. — O homem tem direito de dispor da própria vida?

Não. Só Deus tem esse direito. O suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei.

— O suicídio não é sempre voluntário?

O louco que se mata não sabe o que faz.

945. — Que pensar dos suicidas cujo crime tem por causa o desgosto da vida?

Insensatos! Por que não trabalham eles? A existência não se lhes tornaria uma carga pesada.

946. — Que devemos pensar do suicida que pretende escapar às misérias e decepções deste mundo?

Pobres Espíritos que não têm coragem para suportar as misérias da existência! Deus ajuda aqueles que sofrem e não os que não têm força nem ânimo. As tribulações da vida são provas ou expiações; felizes daqueles que as suportam sem se queixar, pois serão recompensados! Ao contrário, desgraçados daqueles que esperam a salvação daquilo a que, em sua impiedade, chamam acaso ou fortuna! O acaso ou a fortuna, para me servir da sua linguagem, podem com efeito favorecê-los por algum tempo, mas para lhes fazer sentir mais tarde e mais cruelmente o desvalor dessas palavras.

— Aqueles que concitam o infeliz a esse ato de desespero terão de sofrer-lhe as consequências?

Oh! desgraçado deles! Responderão como por assassínio.

947. — O homem a braços com a necessidade e que se deixa morrer de desespero, pode ser considerado suicida?

É um suicida; mas aqueles que lhe foram a causa disso ou que podiam tê-la impedido, são mais culpados do que ele, e a indulgência o espera. Contudo, não penseis que ele seja inteiramente absolvido, quando o fizesse por falta de firmeza e perseverança, e não empregasse toda a sua inteligência para sair da dificuldade. Sobretudo desgraçado dele, quando o desespero lhe nasce do orgulho; quero dizer, se ele é desses homens em quem o orgulho paralisa os recursos da inteligência, desses que corariam de dever a sua existência ao trabalho das próprias mãos, e preferem morrer de fome a renunciar ao que chamam a sua posição social! Não haverá cem vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em arrostar a crítica de um mundo fútil e egoísta, que só tem boa-vontade para aqueles que de nada precisam, e que vos volta as costas desde que dele tendes necessidade? Sacrificar a vida à consideração de tal mundo, é ato bem estulto, porque ele o não tem em conta alguma.

948. — O suicídio para escapar à vergonha de uma má ação é tão repreensível como o causado pelo desespero?

O suicídio não elimina a falta; ao contrário, ficam sendo duas faltas em lugar de uma. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso ter-se a de lhe sofrer as consequências. Deus julga e, conforme a causa, pode em certos casos atenuar o rigor da punição.

949. — O suicídio é excusável, quando visa evitar opróbrio à família?

Quem assim procede não faz bem, mas pensa que o faz, e Deus leva-lho em conta, pois é uma expiação que o indivíduo impõe a si mesmo. Ele atenua-lhe a falta pela intenção; mas o homem não deixa de cometer uma falta. Demais, aboli da vossa sociedade os abusos e preconceitos, e não tereis mais desses suicídios.

Aquele que se priva da vida para escapar à vergonha de uma ação má, prova que dá mais apreço à estima dos homens do que à de Deus, pois vai entrar na vida espiritual carregado de iniquidades, tendo-se privado

dos meios de repará-las durante a vida. Deus é menos inexorável do que os homens; perdoa ao arrependido sincero e leva-lhe em conta a reparação; o suicida não repara coisa alguma.

950. — Que pensar daquele que se mata com a esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor?

Outra loucura! Faça ele o bem, e mais certeza terá de lá chegar; matando-se, só conseguirá retardar a entrada num mundo melhor, e ele mesmo pedirá para vir completar a vida que cortou por uma falsa ideia. Uma falta, qualquer que seja, não abre nunca o santuário dos eleitos.

951. — O sacrifício da vida não será algumas vezes meritório, quando a pessoa tenha por fim salvar a vida de outrem ou ser útil aos seus semelhantes?

Isso é sublime, conforme a intenção e quando esse sacrifício não é um suicídio; mas Deus opõe-se a todo sacrifício inútil e não pode vê-lo com prazer, máxime quando empanado pelo orgulho. Um sacrifício não é meritório senão pelo desinteresse, e aquele que o faz tem algumas vezes segunda intenção, que diminui o valor aos olhos de Deus.

Todo sacrifício feito à custa da felicidade própria, é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, porque é a lei da caridade. Ora, sendo a vida o bem terrestre a que o homem dá mais apreço, aquele que renuncia a ela pelo bem dos seus semelhantes, não comete um atentado: realiza um sacrifício. Mas antes de o fazer, o homem deve refletir se a sua vida não pode ser mais útil do que a morte.

952. — O homem que morre vítima do abuso de paixões que sabe deverem apressar-lhe o fim, mas às quais não tem já o poder de resistir, porque o hábito as tornou para ele verdadeiras necessidades físicas, comete um suicídio?

É um suicídio moral. Não compreendeis que o homem seja duplamente criminoso em tal caso? Além da falta de coragem e da

animalidade, há nele o esquecimento de Deus.

— É mais, ou menos culpado do que aquele que se priva da vida por desespero?

É mais, porque tem ocasião de refletir sobre o suicídio; naquele que o faz instantaneamente, há, às vezes, uma espécie de desvario que toca as raias da loucura; a punição do outro será muito maior, pois as penas são sempre proporcionadas à consciência das faltas cometidas.

953. — Quando qualquer pessoa vê diante de si uma morte inevitável e terrível, é culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos por morte voluntária?

Sempre se é culpado quando não se espera o termo fixado por Deus. Demais, quem pode ter a certeza de, apesar das aparências, ser chegada a sua hora de partir, e de no último instante não lhe vir um socorro inesperado?

— Concebe-se que, nas circunstâncias ordinárias, o suicídio seja repreensível; mas nós supomos o caso em que a morte é inevitável, e em que a vida só é abreviada de alguns instantes...

É sempre uma falta de resignação e submissão à vontade do Criador.

— Quais são, em tal caso, as consequências desse ato?

Uma expiação proporcionada à gravidade da falta e, como sempre, segundo as circunstâncias.

954. — Qualquer imprudência que comprometa a vida sem necessidade é repreensível?

Não há culpabilidade onde não há intenção e consciência de praticar o mal.

955. — As mulheres que, em certos países, se queimam voluntariamente sobre o corpo dos maridos, podem ser consideradas suicidas e sofrem como tais as consequências desse ato?

Obedecem a um preconceito e, muitas vezes, acedem mais à força do que à própria vontade. Julgam cumprir um dever, e não é esse o caráter do suicídio. A sua desculpa está na nulidade moral e na ignorância da maioria delas. Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com a civilização.

956. — Aqueles que, não sabendo suportar a perda de pessoas amadas, se matam com a esperança de encontrá-las, conseguem o seu fim?

O resultado é-lhes inteiramente diferente daquele que esperam, e, em vez de se reunirem ao objeto de sua afeição, afastam-se dele por muito mais tempo, pois Deus não pode recompensar um ato de cobardia, nem o insulto que lhe faz quem duvida da sua providência. Pagarão esse instante de loucura com desgostos maiores do que aqueles que julgam abreviar, e não terão em compensação desses desgostos a satisfação que esperavam.

957. — Quais são, em geral, as consequências do suicídio no mundo espiritual?

As consequências do suicídio são muito diversas: não há penas fixas, e, em todos os casos, são sempre relativas às causas que o provocaram; há porém uma consequência a que o suicida não pode escapar: é o *desapontamento*. A sorte não é a mesma para todos: depende das circunstâncias; alguns expiam a falta imediatamente, outros em uma nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.

A observação, realmente, mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a consequência da interrupção brusca da vida. Há, primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, por estar quase sempre esse laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As consequências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espirita, seguindo-se à ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos.

A afinidade que permanece, entre o Espírito e o corpo, produz, em alguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofreu interrupção. Não é geral este efeito; mas, em caso algum, o suicida fica isento das consequências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu. Assim é que certos Espíritos, que foram muito desgraçados na Terra, disseram ter-se suicidado na existência precedente e se submetido voluntariamente a novas provas, para tentarem suportá-las com mais resignação. Em alguns verifica-se uma espécie de ligação à matéria, de que inutilmente procuram

desembaraçar-se, a fim de voarem para mundos melhores, cujo acesso, porém, se lhes conserva interdito. A maior parte deles sofre o pesar de haver feito uma coisa inútil, pois que só decepções encontram.

A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às Leis da Natureza. Todas nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Entretanto, por que não se tem esse direito? Por que não é livre o homem de pôr termo aos seus sofrimentos? Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram que o suicídio não é uma falta somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes, o contrário é o que se dá, como no-lo ensinam, não a teoria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas.

Sobre o *auto-homicídio* ensina J.- B. Roustaing. no IV volume de *Os quatro evangelhos*, páginas 548-50:

O homem que se deixa arrastar ao suicídio usa do seu livre-arbítrio, quer quando atenta de qualquer modo contra a vida, quer quando afasta a arma que dirigira contra si mesmo, ou renuncia ao projeto de matar-se e ao gênero de morte que escolhera. Se, porém, a hora que ele, ao tomar as suas resoluções espíritas, fixou para morrer — é e se conserva irrevogável, por haverem sido, de sua parte, cumpridas todas as obrigações que lhe importava cumprir para que seu corpo durasse até ao termo de suas provas, os Espíritos prepostos a velar pelo cumprimento destas prepararão e lhe porão ao alcance os meios adequados a se subtrair à morte. O suicídio abortará; ele será salvo.

Não se conclua daí que o homem possa seguir impunemente o seu pendor para o suicídio e a ele ceder, atentando contra a própria vida, porquanto, de um lado, o suicídio é crime perante Deus, e, de outro, o homem não sabe se chegou ou não a hora da sua partida.

A duração da vida é limitada, mas o livre-arbítrio do homem pode fazê-lo sucumbir ao mau pensamento de interromper — ele mesmo — o curso da sua existência, ou levá-lo a dominar esse arrastamento culposo.

Aquele que se suicidou, qual o que morreu assassinado ou de qualquer outra forma, morreria sempre, mas de maneira diversa, de modo natural, desde que houvesse chegado para ele a hora de partir, quer por haver atingido o limite natural marcado para fim da vida humana que segue o seu curso regular, quer por haverem suas provas atingido o termo que ele próprio se fixou ao tomar suas resoluções espíritas, quer,

finalmente, por ter, pelos seus atos, infringido as obrigações que precisava cumprir, a fim de fazer que seu corpo durasse até o termo daquelas provas.

Cedendo ao arrastamento que lhe cumpria combater, o gênero de morte a que sucumbiu foi de sua escolha, mas ele partiu porque chegara a hora de partir. Se houvesse combatido os pendores que o impeliam a matar-se, teria saído vencedor da prova, não se veria condenado a recomeçar nas mesmas condições.

O sentimento que induz o homem a se suicidar não lhe nasce no íntimo instantaneamente. É um gérmen que se desenvolve, como que devido a uma tendência constitutiva de uma prova de que ele precisa triunfar. Se, ao invés de combater essa tendência, o homem se lhe entrega, morre culpado: faliu. Se, ao invés de se lhe entregar, investe contra a ideia de destruir a existência que o Senhor lhe concedeu, a hora da libertação, quando soar, o encontrará isento da mancha de uma ação má e da dos maus pensamentos que a houverem causado.

Combatendo as tendências que o propeliam para a destruição de si mesmo, evitando a série de acontecimentos que poderiam levá-lo a tal ato de desespero, o suicida teria podido evitar o crime.

O homem pode evitá-lo, pois que pode, pela força da sua vontade, repelir as tentações.

Aquele que escolheu por prova resistir à tendência ao suicídio, pode sair vencedor da luta. A bondade de Deus lhe faculta os meios; cabe-lhe alcançar a vitória, porquanto, nas provas em que o homem, para purificar seu Espírito no cadinho da reencarnação, é chamado a vencer suas tendências, Deus lhe deixa a liberdade de escolher entre o bem e o mal.

Assim, há sempre luta e possibilidades de triunfo ou de derrota.

Quer sucumba na prova do suicídio, quer triunfe dela, morre sempre no tempo preciso, isto é, quando chega para ele a hora de partir, de uma das maneiras que acabamos de assinalar; mas, Deus, conhecendo

> todas as coisas, por efeito da sua sabedoria infinita e da sua presciência, vê se o homem vencerá ou sucumbirá. Se tiver que sair vencedor, o Senhor, por intermédio dos Espíritos prepostos a velar pela execução das provas, prepara circunstâncias que lhe acarretem um fim natural; se houver de sucumbir na prova, o Senhor deixa que, na inviolabilidade do seu livre-arbítrio, o homem consuma a obra criminosa, dando à sua existência o fim que ele próprio preparou e que constituirá um ato culposo da sua vontade.
>
> Eis quanto se pode dizer sobre esse instante da morte, o qual se fosse, como falsamente alguns o consideram — fatal de modo absoluto e, em todos os casos, constituiria um atentado ao livre-arbítrio do homem e envolveria, inevitavelmente, a ideia de fatalismo.

Não se julgue, entretanto, que a condenação do suicídio — sob o fundamento dos deveres superiores que prendem a criatura à vida — seja nitidamente de cunho religioso.

Jean-Jacques Rousseau, tão celebrado por milhões de admiradores das suas belas teorias, deixou imortais períodos plenos de eloquência e sentimento (*Nova Heloísa*, III, XXII), condenando o suicídio, para afirmar que a vida — onde os bens estão mesclados de males — não muda, e sim os indivíduos, na má disposição dos quais reside todo o mal. Corrija-se o indivíduo, refreando os exageros, cumpra os seus deveres para com a sociedade, com a Pátria, em retribuição ao que recebeu em segurança e instrução, e achará a razão de viver. O suicídio “é morte vergonhosa e furtiva; é um roubo feito ao gênero humano”.

Aliás, essa conformação com as contingências inelutáveis da vida está sintética e concisamente ensinada em meia dúzia de linhas, no *Emílio*, assim:

> A primeira lei da resignação nos chega da Natureza. Os selvagens e os animais pouco se debatem contra a morte, e a suportam quase sem lamentos.
>
> É do abuso de nossas faculdades que provém a nossa desventura e a nossa maldade. O homem, ativo e livre, age por si próprio; tudo quanto faz, livremente, está fora do sistema ordenado pela Providência, e não pode ser a esta imputado. Não está na vontade de Deus o mal que o homem pratica, ao abusar da liberdade que lhe foi dada, porque o homem foi feito livre para que fizesse, não o mal, e sim o bem — por sua própria escolha. A felicidade suprema consiste em estar contente de si mesmo, e foi para merecer esta felicidade que viemos à Terra e fomos dotados de livre-arbítrio, e somos tentados pelas paixões — e FREADOS PELA CONSCIÊNCIA.

Há muitos e variados aspectos curiosos do suicídio, segundo a moral e a mentalidade dos povos e das épocas, suscetíveis de transformações, à proporção que evoluiu o conceito da vida, com a experiência e a instrução, com o progresso, em suma.

Em todos os tempos, em todas as coletividades a morte voluntária tem sido exercida por homens de várias hierarquias, ilustres ou rústicos, sob diferentíssimos fundamentos, inclusive por motivo de ordem religiosa — fanática.

Para dar de tal variedade uma notícia completa, seria necessário um verdadeiro tratado, fora dos moldes de um pequeno registro destinado a alertar nos Espíritos desalentados os avisos salutares que se conhecem e recebem sobre os martírios dos suicidas.

Seria mesmo indispensável ingressar até nos domínios da Medicina, e recuar alguns séculos antes da nossa era, onde se encontra a figura inconfundível do erudito filósofo grego — Demócrito, o “divino materialista”, que se aponta por suicida.

Tornar-se-ia longa e copiosa a documentação, para que fosse completa.

Um desses aspectos, por exemplo, vale fixar, por interessante e algo paradoxal: o suicídio por vingança.

Tão estranho modo de sacrificar a própria vida, tem origem na crença, tipicamente oriental, de que a alma não perece com a morte do corpo, mas continua participando da vida dos seus amigos ou inimigos, tudo conforme a situação em que o suicida deixou a Terra, e ainda em harmonia com os sentimentos que caracterizam as personalidades de uns e outros.

Nas velhas civilizações da Índia e da China, essa criminosa prática teve foros de lei consuetudinária.

Todo perseguido ou desesperado que tivesse a sua situação motivada por outrem, e contra esse alguém — mais poderoso — nada pudesse fazer, recorria ao suicídio, deixando, verbal ou por escrito, a acusação contra o causador desse ato de morte, a fim de que a repulsa geral ou a lei caísse depois com os seus rigores sobre o involuntário assassino.

Mais ainda: sempre que possível, a vítima se suicidava à porta da residência ou do estabelecimento do seu alvejado algoz ou inimigo.

O Dr. Matignon, médico militar, que foi adido à Legação da França, na China, tem, no livro que escreveu sobre aquele país, curiosas observações referentes à verdadeira epidemia de suicídios que ali ocorrem.

É fato bem conhecido, diz ele, que o chinês (e assim todos os orientais, aliás) não teme a morte e faz bem pouco caso da vida, o que bem se pode resumir num preceito típico a que dão largo curso e aceitação: “Nasce-se, vive-se, morre-se. A vida me pesa; desembaraço-me desse fardo sem importância para mim e ainda menos para os outros”.

A sua pouca sensibilidade à dor física (o que o Dr. Matignon diz verificado nos copiosos serviços hospitalares, ao praticar a pequena cirurgia), reunida a nenhuma incerteza quanto à vida no Além-Túmulo, faz que a morte voluntária seja entre eles coisa banal, ocorrendo até o caso de haver quem se dê em substituição de condenados, mediante remuneração e promessa de “um bom enterro” (particularidade esta que tem absoluta influência no ânimo dos chineses). Um funeral pomposo é para eles o maior passaporte para a eternidade.

Quando houve, em Tien-Tsin, em 1870, um massacre de europeus, conta-o o Dr. Matignon, a justiça apurou a culpabilidade de alguns mandarins, açuladores da matança, e os condenou à morte. Pois bem: nenhum foi executado. Um certo número de mendigos e encarcerados consentiu em sofrer a pena, em lugar dos culpados, mediante o preço de 500 a 600 francos e um belo funeral.

Daí a expansão da ideia e do ato do suicídio tornar-se em quase banalidade no antigo Celeste Império.

Um velho missionário, que ali viveu largo período, estimou o número de suicídios em um para cada 3.000 habitantes, o que corresponde a 130.000 por ano, calculada a população chinesa no mínimo de - 400 milhões de almas.

Não estará nesse insignificante detalhe um dos contingentes que contribuem para o ambiente de sofrimentos e desgraças do povo chinês, tão cheio de glórias e de invejáveis qualidades de coragem, abnegação, sabedoria?

Não estará influindo nos ambientes domésticos, e mesmo em muitos aspectos sociais, a aura desses Espíritos insatisfeitos, revoltados, odientos, ávidos de vinganças, lutas cruentas, dissolução de harmonias e uniões?

A expansão da ideia malsã levou naturalmente o suicídio a todas as mentalidades, inclusive à especulação e às revanches, formas estas que já interessam à lei, à Justiça, à punição criminal.

O temor causado por essas formas aberrantes de suicídio é, por vezes, espertamente explorado para regular situações difíceis (financeiras, principalmente), e convertido em perfeita chantagem.

Um comerciante, crivado de compromissos, às vésperas da falência, apregoa, a todos quanto pode, estar deliberado ao suicídio, a fim de satisfazer a seus credores. Prepara, então, ostensivamente, a corda, arma o laço, coloca a banqueta no lugar e se dispõe a morrer, — tendo antes a ardilosa precaução de enviar os filhos à casa dos credores principais, para fazê-los cientes da resolução paterna.

Sabedores disso, estes correm à casa do quase suicida, e, ante ele, de corda ao pescoço, terminam perdoando o grosso das dívidas.

Isso porque o suicídio, praticado com acusação contra alguém, constitui um péssimo assunto para o alvo da acusação.

A justiça chinesa é dispendiosíssima, ruinosa mesmo, sem falar nos maus-tratos que, durante longos meses, são infligidos nas prisões.

Casos há em que, para evitar a ruína dos seus e a penosa situação de acusado, o que o foi pelo suicida, também se suicida. Esses casos de morte em ricochete são bastante conhecidos.

O suicídio por vingança parece naturalíssimo aos chineses.

O único pesar que se sabe desses suicidas é não poderem repetir o suicídio.

Conta-se o caso de um homem que, no momento de tal ato, lastimava as circunstâncias que não lhe permitiam matar-se diante da moradia de dois inimigos seus e o obrigavam a limitar-se a um deles (narra o Dr. Matignon).

Os suicidas por vingança tomam precauções para que sua morte dê os frutos visados. Não só se restringem a tal ou qual modo de suicídio, mas têm o cuidado de esconder, no colete ou no calçado, uma espécie de libelo no qual explicam os motivos que os levaram a tomar a resolução extrema e denunciam à justiça a pessoa causadora da morte. Tal papel cai em mãos da autoridade pericial a quem incumbe o primeiro exame cadavérico.

Vale assinalar um detalhe de refinada premeditação. Certos suicidas, temerosos de que o seu requisitório seja furtado, e, em tal hipótese, não lhe possa a justiça dar a esperada satisfação póstuma, escrevem-no sobre a pele, na prévia certeza de que ninguém o apagará, pois uma crendice chinesa pretende que é impossível apagar os caracteres traçados sobre a epiderme de um morto.

Nem sempre, porém, as tentativas de vingança, por meio do suicídio, são coroadas de êxito.

O Dr. Matignon narra o caso autêntico de uma pobre mulher que, perseguida por impiedoso usurário, certo dia engoliu dose mortal de ópio, e se foi rumo do escritório do seu perseguidor, no intuito de lá morrer.

O onzenário, porém, apercebendo-se do estado e intenções da visitante, fez fechar as portas e, com o concurso dos seus domésticos, a assassinou de um golpe, conduzindo, depois, à noite, o cadáver para sítio

distante, sob a muralha da cidade.

O temor à vingança do morto serve, às vezes, de defesa contra os gatunos. Simon, na *Cidade Chinesa*, conta que certo homem atravessava uma ponte, levando grande quantidade de sapeques (moeda perfurada no centro e que se conduz em enfiadas), quando foi assaltado por outro, que lhe arrebatou o dinheiro.

— Ladrão, dá-me os meus sapeques!

O outro não deu resposta.

— Ladrão, se não me restituíres meu dinheiro, eu me afogarei.

Ao ouvir a ameaça, o assaltante devolveu as moedas ao dono.

E comenta: Adorável país onde o medo do suicídio pode, economicamente, substituir a polícia!

Mas, o comentário irônico é injusto, e não tem razão de ser, pois o temor à ação vingadora dos Espíritos, contra os seus algozes ou inimigos, é remotíssimo e vem ensinado desde a índia, a vetusta fonte religiosa de tantos povos.

E sabe-se, até nossos dias, o perigo de contribuir para a morte de alguém que nos tenha ódio. Ai de quem causar um suicídio!

Os testemunhos estão registrados por autores insuspeitos.

O Dr. Charles Letourneau, o primoroso escritor e príncipe do materialismo científico, refere (*A sociologia*, ed. 1880, p. 158), tratando da Índia, que no caso de perda de um litígio, de sofrer ou iminência de sofrer uma injustiça, recorria-se ao suicídio para que o sangue da vítima caísse sobre o causador do mal.

Um residente no distrito de Gazipur (Indostão), despojado de suas terras por sentença judicial, conduziu a esposa ao local e aí fez que se suicidasse, queimada viva, a fim de que seu Espírito permanecesse preso àquele solo — tornando-o maldito.

Antes da conquista inglesa, o supremo recurso das populações contra a tirania dos rajás era reunirem-se diante do palácio do senhor, e deixarem-se morrer de fome — se necessário — caso não fossem atendidas.

Essa forma de suicídio coletivo tem, nos dias de hoje, o rótulo de — “greve da fome”, ou se designa, mais eufemisticamente, de — “resistência passiva”.

Muitos, inúmeros e insuspeitos autores asseguram o perigo e a nocividade da ação perseguidora dos Espíritos dos assassinados e dos suicidas.

Addison, professor da Escola Teológica Episcopal de Cambridge (Mass.), no seu livro — *A vida depois da morte*, diz:

> É hábito constante de os fantasmas voltarem para assombrar com a cena do crime e atormentar o criminoso, até que este confesse e pague, do seu próprio sangue, o sangue que derramou.
>
> O fantasma do suicida é pior ainda.
>
> Seu ato *contra-natura*, tendo-o deixado insatisfeito, encheu-o de mau humor e malignidade. Ele pode constituir perigo para um vivo qualquer, ou simplesmente para um inimigo contra o qual tenha uma queixa personalíssima.

Acredita-se comumente, parece-me, que, depois do suicídio, o Espírito assombrará a pessoa que lhe haja causado um dano, e que por isso o reduziu ao extremo de pôr fim aos seus dias.

É preciso, pois, contar entre os móveis do suicídio uma incitação suficiente para determiná-lo — por despeito.

Entre os indígenas da Rodésia setentrional, por exemplo, quando um homem, que foi lesado, não obtém a reparação correspondente ao dano sofrido, vai à casa do seu adversário e lhe diz: Eu vou matar-me, e reaparecer, qual Espírito maligno, para vos atormentar.

O mesmo motivo de vingança é por vezes alegado na índia, para explicar um suicídio ocasional, qual aquele do brâmane, que se atirou num poço, a fim de que, daí em diante, seu Espírito pudesse perseguir seu vizinho.

E, perseverantemente, chineses, no curso dos séculos, têm-se enforcado à porta do seu inimigo.

Por duro que seja este remédio para o suicida, presume-se seja mais duro ainda para a “vítima viva”.

Fora das lições eloquentes e autênticas do Espiritismo, dificilmente poderá alguém compreender o perigo e as agruras a que está exposto, se possuir inimigos ou vítimas rancorosas entre os Espíritos!

*

Essa perseguição, aliás, tem gradações várias que os Espíritos exercem de acordo com o resultado que possam obter contra os seus perseguidos.

Incontáveis testemunhos certificam que o Espírito dos assassinados voltam, em regra geral, para acusar seus matadores, quer denunciando-os — por meios eficientes de convicção, quer mostrando-se — materializados — para tormento dos criminosos, que padecem, assim, horrivelmente, tendo diante da vista o fantasma da sua vítima, e, não raro, a cena do crime em flagrante crueza.

Outras vezes, por motivos que escapam à insanável ignorância humana nesses assuntos, o Espírito dos que perecem por morte violenta permanece errante, e durante muito tempo, fixado, em alguns casos, em

um preferido ponto, assombrando incautos transeuntes ou mesmo agredindo-os, quando estes lhe desobedecem às ordens e aos avisos inaudíveis quase sempre.

Em outros casos, o Espírito adverso (mesmo o de inimizade de reencarnações anteriores) persegue a sua vítima sugerindo-lhe ideias malsãs, de crimes e até mesmo de *auto-homicídio*.

Rápidas narrativas, tiradas a esmo de milhares de fatos ocorridos em todos os continentes da Terra, darão ideia do que desejamos demonstrar, apresentando o acontecimento para que cada um — fora do espírito de seita religiosa — o estude, aceite e explique MELHOR, SE PUDER.

Eis um desses casos, ocorrido em Araranguá, Estado de Santa Catarina, em 1919, narrativa a que deixamos a mesma linguagem simples usada pelo jornal dali:

> Johann Freündel, moço, solteiro, de nacionalidade alemã, trabalhador e honesto, depois da morte de seu pai, viu-se na contingência de viver só, cultivando a terra, mas obtendo sempre farta colheita, além de enorme criação que possuía. Era, entretanto, sujeito a ataques epilépticos.[35]
>
> Em 22 de novembro passado, já alto dia, a casa de Johann permanecia de portas fechadas; resolveram chamá-lo, na suposição de que estivesse doente ou ainda dormindo. Ao entrarem na casa depararam com o cadáver do desditoso moço banhado em sangue, degolado e com sinais de quarenta e tantas facadas!
>
> Feito o corpo de delito, constatou-se o arrombamento de móveis, gavetas, armários, etc, a falta de diversos objetos, bem como de 400$000 de uns animais que Johann havia vendido dias antes.
>
> Suspeitou-se logo haver sido o roubo o móvel do crime. Pensou-se ser o autor um vizinho de Freündel, de nome Natalício Américo, pois, às vezes, à noite, ia a casa daquele para jogar.
>
> À meia légua distante da casa onde se deu o crime, reside com sua família o Sr. Manuel Emerino, que goza geral estima e consideração. Essa família tem em sua companhia uma mocinha de 14 anos de idade, muito meiga, e querida dos seus pais adotivos. Ao ter ela conhecimento do assassinato, ficou muito comovida, embora não tivesse conhecido o moço.
>
> Quinze dias depois, em três noites consecutivas, viu uma luz no seu quarto, em forma de pequena estrela. Na quarta noite, notou à sua

frente a formação de uma figura, a princípio quase transparente, depois mais visível, até que se tornou completamente materializada. Essa figura começou a falar-lhe em idioma alemão que ela não compreende. Para não enfrentar mais o Espírito, ela virou o rosto, mas o Espírito aproximou-se e bateu-lhe no ombro. Ela chamou seus pais, contou-lhes o que se passara, mas eles julgaram ter sido um sonho.

Na noite seguinte, reproduziu-se o mesmo fenômeno, e no dia seguinte a mocinha sentiu-se triste, abatida, e em dado momento caiu em "transe", falando alemão. As pessoas presentes não a entendiam e resolveram chamar um alemão, que conversou largamente com o *Espírito incorporado na médium*.

Era Johann Freündel, que denunciou o criminoso, o qual disse ser Natalício Américo, e narrou tudo que ocorrera durante a dolorosa cena, os objetos roubados, inclusive os 400$000, e contando ainda outras coisas que eram ignoradas.

O delegado de polícia, presente à manifestação, nomeou um intérprete e tomou novas declarações do Espírito. Logo após a mocinha melhorou.

No dia seguinte, caiu novamente em transe, com a boca aberta, quase sem movimentos nos braços, dedos duros, apresentando todos os característicos de Freündel quando ficava com ataques.

Os assistentes pediram-lhe que falasse em português, pois não havia ali pessoa que entendesse o alemão. Freündel começou a falar então em português, mas tão mal que só se compreendia uma ou outra palavra.

No dia seguinte, a família Emerino mandou chamar o nosso confrade Bernardino de Campos, que entreteve longa palestra doutrinária com o Espírito.

Freündel disse a Bernardino que se vingaria dos que duvidassem das suas comunicações e julgassem injustamente a mocinha.

Com efeito, dois descrentes, que repeliam arrogantemente as manifestações, tendo-as como farsa, tiveram em suas casas provas evidentes da presença de Freündel, que fez ali enorme rebuliço, deixando as suas famílias completamente aterrorizadas. Uma destas chegou a abandonar a casa.

O Espírito Freündel foi visto, então, ao lado da mocinha, embora esta se achasse dormindo tranquilamente em casa de seus pais.

Ultimamente, a mocinha não tem caído mais em “transe”, porém desenvolveram-se-lhe as “mediunidades vidente e ouvinte”. A mocinha vê sempre a seu lado Johann Freündel e com ele conversa horas inteiras.

Sob os títulos abaixo, o prestigioso vespertino *A Noite*, de 8 de janeiro de 1935, inseriu o seguinte, que nos abstivemos de resumir:

APRESENTOU-SE À PRISÃO, DEZ ANOS DEPOIS

“Entrego-me porque não posso mais dormir nem comer!”

S. PAULO, 7 (Da sucursal de *A Noite*) — Conforme telegrafamos ontem, entregou-se à prisão, apresentado-se ao Delegado de Segurança Pública, Dr. Durval Vilalva, Francisco Alves, que, no ano de 1924, envenenou um companheiro de quarto numa pensão da ilha do Caju, no Rio. O caso esteve em mistério até hoje, porque o assassínio passou como morte natural. Com a apresentação de Francisco Alves à Delegacia de Segurança Pública, esclarece-se mais um crime, graças ao poder do remorso. Passaram-se dez anos, e Francisco não pôde esquecer a cena terrível: o companheiro de quarto estorcendo-se em dores, depois de ele lhe haver dado, como remédio, uma pílula de estricnina!

Trêmulo, com a barba de vários dias, óculos fortes sobre uns olhos amortecidos —, o homem se apresentou na Delegacia de Segurança Pública, pedindo para falar ao Dr. Durval Vilalva. Na presença do Delegado, deixou cair os braços e disse:

— Doutor, venho apresentar-me à prisão...

Sua voz era fraca e cheia de emoção. O homem parecia um sonâmbulo. Seus movimentos eram mecânicos, sua fala arrastada.

— Quem é o senhor? — perguntou o Dr. Durval Vilalva.

— Sou Francisco Alves... tenho 50 anos... sou desempregado...

E depois de rodar o chapéu nas mãos:

— Matei, há dez anos, um companheiro de quarto. Ele foi mau para mim; mas, apesar disso, o remorso não me abandonou e... isso que eu vivo não é vida! Entrego-me à prisão porque não posso mais comer nem dormir!

Declarou que no ano de 1924 veio para o Rio, procedente de Minas, sua terra natal. Desejava arranjar emprego. Soube que na ilha do Caju poderia solucionar sua vida. Foi hospedar-se numa pensão que cobrava preços módicos pela diária. Não havia quarto vago, e por essa razão ficou morando no mesmo aposento de um homem da sua idade, de nome João.

Poucos dias depois, obteve a promessa de emprego num armazém de secos e molhados. Devia falar na manhã seguinte ao proprietário do armazém a fim de obter o emprego. Chegando à pensão, contou o caso ao companheiro de quarto. João teve um gesto desleal. No dia seguinte, antes que ele fosse ao armazém, foi ao proprietário e contou várias infâmias acerca da pessoa do companheiro, e se inculcou para o cargo. Obteve o emprego. Quando ele, Francisco, chegou ao armazém, o lugar estava tomado. Averiguou toda a história, e ao falar a João, verberando seu procedimento, este lhe respondeu, cinicamente: “O mundo é dos águias!”

Apesar do procedimento indigno de João, ficou morando em sua companhia, no mesmo quarto da pensão. Entretanto, empolgava-o cada dia mais o desejo de vingar-se. Pensou em matar o companheiro. Com esse pensamento, saiu uma tarde. Procurou um amigo, prático de farmácia na Praia Vermelha, e pediu-lhe uma pílula de estricnina.

Disse-lhe que desejava matar um cachorro. O amigo forneceu-lhe o veneno.

Esteve com ele no bolso vários dias à espera de ocasião oportuna. Uma noite, João regressou à pensão com fortes dores no estômago e lhe perguntou se não tinha um remédio para combater o mal.

— Tenho um formidável. Este é o remédio! — disse a João, apresentando-lhe a pílula.

O companheiro engoliu-a e os seus efeitos foram instantâneos. Terríveis convulsões o agitaram. Veio o proprietário da pensão que, diante da gravidade do caso, pediu socorro médico. Mas foi tarde: pouco depois, João falecia.

— Com receio de que houvesse qualquer complicação comigo — prossegue —, saí da pensão e me dirigi para o Rio, não mais regressando à ilha do Caju. Vim para São Paulo e aqui encontrei emprego.

Em 1930, fiquei desempregado e a vida começou a ser dura. Passei até fome. Veio-me à lembrança ser aquilo talvez um castigo para o meu crime. Comecei a me impressionar a ponto de uma noite tomar uma dose de heroína. Arrependi-me a tempo, e bebi um vomitório que me pôs a salvo de perigo.

Com riso pálido, Francisco relata sua alegria por haver escapado à morte:

— Saí, posso dizer, da morte para a vida de novas esperanças. Rezei para o meu sossego e encarei a realidade com firmeza de ânimo.

Pareceu que Deus me perdoara, pois, alguns dias mais, tirava 20:000$000 na Loteria. Alegrei-me com a felicidade daquela sorte e disse: “Louvado seja Deus, que me socorre num instante de tanto arrependimento.” Mas os 20:000$000 se foram em três anos, não fosse certo o ditado que diz “dinheiro que não é suado, não dura...” Fui,

então, para Mogi das Cruzes, onde me empreguei. Há 4 meses passados, desempreguei-me.

Voltaram-me as visões terríveis. Via o João em toda a parte. Na parede, junto ao meu leito, até na rua — estorcendo-se de dores, sob o efeito da estricnina. Também chegaram os pesadelos medonhos. O meu antigo companheiro de quarto, num *ríctus* trágico e braços voltados para mim, implorava socorro.

É assim, minha vida de há quatro meses. Acordo suando frio. Não tenho fome, não encontro alegria em nenhum divertimento. Ontem, gritei: “Isto não é vida; é melhor o suicídio ou a prisão!” De acordo com a religião, julguei que deveria me entregar às autoridades. Precisava aliviar minha consciência e somente confessando meu crime e sofrendo suas penas é que eu poderei afugentar os remorsos.

Francisco Alves baixou a cabeça. Estava comovido. Levou a mão aos olhos, que se encontravam úmidos, por trás dos óculos fortes.

*

Corroborando outro aspecto da erraticidade, escolhemos esta narrativa, idoneizada por um nome ilustre e feita pela primorosa prosa do grande Humberto de Campos. É do seu preferido matutino *Diário Carioca*, de 24 de abril de 1932:

A SOMBRA DE MANOEL ANTÔNIO

Com pensamento em Manoel Bonfim, que há dois dias dorme o sono da morte, manuseio lentamente o meu *Diário*, em que fixei as nossas palestras sob a vasta latada de parreiras, no Hotel D. Pedro, em Correas. E encontro, no meio de muitas outras, as notas que vou transcrever, num culto do meu espírito à sua memória.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 1928 — Professor de Psicologia, Manoel Bonfim contava-me, há dias, em Correas, uma história, para

demonstrar o efeito do medo sobre os indivíduos, mesmo os mais corajosos.

— No caminho que unia a fazenda de meu pai a outra fazenda vizinha, e que era o mesmo da vila, em Sergipe — começou — havia um trecho que, no dizer do povo, era mal-assombrado. Segundo era corrente, alta noite, principalmente nas sextas-feiras, aparecia aí a alma de um caboclo do lugar, o Manoel Antônio, se bem me lembra o nome, assassinado anos antes nas imediações. Dezenas de pessoas já haviam visto o fantasma, e desistido de franquear a estrada, à noite, voltando do caminho. Na fazenda havia, porém, um caboclo, o Raimundo, que era, como se costuma dizer no sertão, “valente como as armas”. Bravo, decidido, desassombrado, a sua fama era das melhor firmadas entre todos os valentões das redondezas. Tinha fama, e era valente mesmo.

Uma noite, um sábado — continua Bonfim — terminados os trabalhos da fazenda, depois do jantar, por volta das sete horas, apareceu o Raimundo com o cavalo selado, pronto para ir à vila, que ficava a umas três léguas de distância.

— Olha se o Manoel Antônio te aparece pelo caminho! — objetou meu primo, que era rapaz.

O caboclo respondeu com uma bravata, meteu as esporas no cavalo, e partiu, desaparecendo na curva da estrada.

Uma hora depois, estávamos conversando no mesmo lugar, quando vimos surgir, aproximando-se, a figura de um cavaleiro. Era o Raimundo, que voltava. Interpelamo-lo com pilhérias, perguntando se tinha tido medo de encontrar o Manoel Antônio.

— Medo mesmo eu não tive, — respondeu-nos, visivelmente sucumbido —; mas ver, eu vi.

E contou-nos, pausadamente, o que lhe havia sucedido. Ao chegar ao ponto da estrada em que Manoel Antônio costumava aparecer, saíra do mato um vulto, que se pusera no meio do caminho. Ordenou-lhe que se retirasse, mas a visagem ficara firme. Dera de espora no cavalo, para

passar por cima; o cavalo, porém, cabritara, recuando, sem obedecer à rédea. E, como ia desarmado, não insistira.

A sua narrativa fez-nos calar. Impassível sobre o cavalo, o caboclo ficou em silêncio durante alguns momentos. Refletia, talvez sobre os efeitos inevitáveis daquela aventura, prevendo o desaparecimento da sua fama de cabra corajoso e decidido.

A capitulação, naquele caso, diante do sobrenatural, seria um suicídio. De repente, levantou o busto, firmou-se no animal que estremeceu, e declarou resoluto:

— Mas, eu volto lá!

De um salto, apeou-se. Entrou no seu quarto, tomou um trago alentado de cachaça, prendeu o facão à cintura, pôs a garrucha no cós e, não obstante o nosso conselho para que não fosse, passou a perna no cavalo, agitou o chapéu de couro, e partiu, a galope.

Duas horas mais tarde, conversávamos todos, ainda no terreiro da casa, quando vimos aproximar-se, a passo, o cavalo do Raimundo. Em cima, caído para frente, os pés nos estribos, a cabeça no arção da sela, os braços moles tombando pelo pescoço do animal, vinha ele. Saímos ao seu encontro.

— Raimundo!... Raimundo!... Chamamo-lo. Sacudimo-lo. Estava morto.

Mandamos preparar os animais, prossegue Bonfim, e partimos, cinco ou seis homens, para apurar aquele mistério. No local em que o fantasma costumava aparecer, havia um toco, à margem do caminho. Ao lado do toco, no chão, onde a areia revolvida mostrava sinais de luta, estava a garrucha do Raimundo. Cravada no toco, reluzia, à claridade da Lua que acabava de nascer, a lâmina do seu facão.

Contando-me essa história, Manoel Bonfim, o psicólogo, que a iniciara com o propósito de demonstrar os efeitos do terror preventivo, evitou,

depois de narrado o caso, tirar qualquer conclusão. Contou-o, e calou-se.

Há dois dias repousa, agora, o narrador de 1928, nos domínios do eterno mistério. E terá desvendado, talvez, já, o segredo da morte do Raimundo, e, mais ainda, o da sombra do Manoel Antônio...

*

Outro episódio, no estilo e testemunho de um dos nossos mais talentosos e encantadores literatos, Viriato Correia, ilustre entre os ilustres da Academia Brasileira de Letras:

Uma noite, a dois quilômetros de minha casa morreu um velho roceiro que o povoado inteiro estimava. Na roça, a morte de um vizinho é sempre um acontecimento. É dos hábitos ir todo o mundo para a casa do finado, fazer o que lá se chama o “quarto de defunto”.

Fui, como toda a gente, e lá fiquei até duas da madrugada. Às duas da madrugada despedi-me para sair. Queria voltar para casa, para ferrar no sono. Quando me despedia, no terreiro, de uns matutos que ali pairavam, um deles me perguntou com interesse:

— Aonde vai?

— Para casa, dormir.

— Sozinho, por esse caminho?

— Por que não? Não sou homem?

A Maria, uma velha mulata que me conhecera em menino, disse, com a sua voz arrastada, num tom de pouco caso:

— Está aí uma coisa que eu duvido. *Vossemecê* deixar o defunto estirado no meio da casa e ir embora por esse caminho, sozinho, com um luar branco como esse, hoje, sexta-feira, dia em que as almas

andam soltas! Está aí uma coisa que eu duvido e faço pouco. Vossemecê volta!

Senti, de súbito, um choque. Arrepiou-se-me a pele, arrepiaram-se os cabelos. Respondi de cara amarrada:

— Serei alguma criança?!

Um sertanejo disse, em galhofa, no meio do terreiro:

— Isso de alma do outro mundo, *siá* Maria, é para nós, matutos, que não lemos nos livros. Seu doutor não acredita. Elas não bolem com ele.

— Ele volta — repetiu a Maria, calmamente, a fumar o seu cachimbo.

Parti. Não dei duzentos passos. O luar estava de uma alvura de espuma de sabão. Não há nada mais misterioso que o luar, por noite velha, na roça, caiando aqueles caminhos solitários.

Não sei que impressão foi aquela que se apoderou de mim, esfriando-me os ossos, tolhendo-me os pés. Não dei duzentos passos, não dei. Um medo...

É crença no sertão que quem começa um “quarto de defunto” deve terminá-lo; não se deve nunca deixar o cadáver no meio da casa e ir para outro lugar. A alma do finado nos perseguirá pelo caminho.

Mas eu era materialista, não acreditava, nem podia acreditar em almas do outro mundo.

O que é certo é que não pude dar duzentos passos. A brancura da Lua, a solidão da estrada, os galhos e as folhas das árvores espelhando o brilho do luar, o pio das aves noturnas, o vento que ciciava, tudo, tudo me infiltrou uma tal mudança, um tal temor, um frio, uma compressão no peito, uma tonteira na cabeça, que voltei, senhores, voltei à pressa para casa do defunto, onde havia gente, muita gente, e gente viva.

Fui recebido pelos roceiros com uma gargalhada de troça.

A Maria, com o seu cachimbo na boca, deliciou-se com o meu fiasco, soltando uma baforada de fumo.

— Eu sabia que ele voltava. Essa gente que estuda é toda assim: da boca para fora — uma valentia; mas na hora, na hora da coragem — cadê?

*

Espíritos há que, tendo residido num local ou ocupado um lugar qualquer, por largo tempo, não admitem que alguém ali se instale, sob pena de perseguição — nem sempre inofensiva.

Durante alguns lustros frequentou as sessões da Federação Espírita Brasileira um confrade, que ocupava — invariavelmente — a mesma cadeira, num determinado ponto do vasto salão, à frente, junto ao estrado da Presidência.

Desencarnou. Pois bem: pessoa alguma jamais conseguiu, por muito tempo, ocupar tal assento. Tão logo se utilizava da cadeira, começava a sentir-se mal, agitava-se e, dentro em pouco, levantava-se irresistivelmente. Se outra pessoa (de vez que o lugar era ótimo para ouvir) vinha substituí-la, passava pelo mesmo estado de incômodo, de agitação, e... tinha de levantar-se também.

Ao fim de certo tempo, o fenômeno se tornou notável, e a cadeira foi retirada.

Quando se trata de moradias, e particularmente de aposentos, muitas vezes o caso se torna mais sério e perigoso.

As casas assombradas são de todos os tempos, e constam do registro de todos os povos conhecidos.

Quando morreu o famoso capitalista que o Rio de Janeiro conheceu sob a alcunha de *Pão Duro*, o aposento onde o infeliz se finou sem qualquer conforto material — dada a sua avarícia, foi ocupado pelo proprietário da casa comercial instalada no térreo do prédio, o de n° 1 da Rua Visconde do Rio Branco, e pelo gerente do estabelecimento, muito amigo daquele.

Segundo todas as evidências, com essa moradia não esteve de acordo o Espírito do desencarnado, pois o negociante foi atacado de males que o levaram à... neurastenia (obsessão), para terminar de modo tristemente trágico, no molde das obsessões por perseguição.

Às 5h10, de 10 de junho de 1934, três empregados, ocupantes do prédio, foram despertados por gritos aflitivos de socorro, que partiam do antigo aposento do *Pão Duro*, ora ocupado pelo negociante Adriano Gonzales e seu empregado e amigo, Herculano Lopes.

São do conceituadíssimo *Jornal do Brasil*, de 12 de junho, estes concisos períodos:

Ainda tontos de sono, levantaram-se e acudiram ao apelo.

Era justamente daquele quarto que partia.

Bateram à porta e ninguém respondeu; mas os gritos de socorro continuaram e os referidos empregados puderam distinguir perfeitamente a voz do Sr. Herculano.

Depois de se consultarem, com os olhos, os três homens, de uma feita, foram sobre a porta, que estava trancada à chave.

Como a porta estivesse muito bem segura tiveram dificuldade, mas conseguiram arrombá-la.

Atônitos, os três homens pararam ante o quadro que se lhes surgiu. Atracados no meio do aposento, encontravam-se Adriano e Herculano.

O segundo, seminu, apresentava o corpo banhado em sangue, dos ferimentos que recebera.

Adriano, também banhado em sangue, tinha um profundo golpe no pescoço.

O empregado da padaria, João Nogueira, foi o primeiro que se atirou aos dois lutadores, no intuito de os separar.

Foi quando viu o patrão cair desfalecido ao solo, tendo, ao lado, uma navalha.

O Delegado do 4º Distrito, fazendo-se acompanhar do escrivão da mesma Delegacia, dirigiu-se ao Hospital de Pronto Socorro, onde reduziu a termo as declarações de Herculano, que parecem ser verdadeiras. Disse ele que residia no compartimento onde se verificou o fato, por ser solteiro e muito amigo do patrão.

Sempre viveram os dois homens em perfeito entendimento.

Há meses, Adriano, adoecendo, mostrava-se muito neurastênico. Por várias vezes tinha crises nervosas, ficando bastante agitado.

Conta Herculano que despertou com um ruído no aposento. Ao abrir os olhos, deparou com o patrão e amigo completamente vestido, no centro do quarto, de navalha em punho.

Ainda não se havia refeito do espanto, quando o ouviu dizer-lhe que não se movesse.

Adriano, então, de um salto, alcançou o leito do depoente e começou a desferir golpes em todos os sentidos, com a navalha que tinha na mão.

Com os pés e com as cobertas, Herculano procurou defender-se, sendo ferido muitas vezes. Por fim, gritando por socorro, conseguiu levantar-se e atracar-se com o seu agressor.

Foi nesse momento que Adriano deu o golpe no próprio pescoço, caindo por terra. Foi também nessa ocasião que os empregados da padaria arrombaram a porta do quarto. As autoridades, de regresso do Pronto Socorro, ouviram D. Edith Martins, moradora, com seu marido, em um aposento fronteiro ao quarto em que se verificou a tragédia. Declarou aquela senhora que, ouvindo os gritos de socorro, abriu a janela de seu quarto e viu que Adriano, de navalha em punho, agredia desesperadamente Herculano.

Este se achava na cama e procurava defender-se, com os pés e as cobertas. Foi quando verificou que já os empregados da padaria batiam à porta do quarto onde se desenrolava a cena.

*

A *Folha do Norte*, diário líder da Amazônia, publicou em sua edição de 19 de maio de 1929:

Lídia Bezerra de Oliveira é uma criatura de 28 anos de idade e que aparenta ter muito mais do que isso, devido ao físico alquebrado.

Usa *pitó*,[36] à moda ainda do tempo do *círio com corda*,[37] e tem um olho defeituoso.

É casada com Pedro Augusto de Oliveira, residente em Val de Cães.

Ontem, fomos dar com ela na enfermaria Santa Luzia, da Santa Casa de Misericórdia, ajudando a varredura do salão.

Dirigimo-nos à Lídia, que nos disse estava ali se tratando, mas que o Dr. Cascalho...

— Quem?

— Eu num *seiu* bem o nome.

— Cascais?

— Isto. O doutor... como é?

— Cascais.

— ...*Vae mi dá árta aminhã*.

— Qual é a sua doença?

— Eu *tumei* uma *dosa* de “verde Paris”.

E riu encabulada.

— Por quê?

— *Pur causo dos isprito*...

— A senhora é espírita?

— Não. Nem penso nisso.

E a doente informou-nos que, em Val de Cães, era assediada por visões noturnas, por estranhos habitantes das sombras, que tentavam carregá-la e lhe ordenavam se matasse por isso ela ingeriu o tóxico, dando em resultado ir parar ali.

Lídia, apesar do que nos disse, parece ter o juízo perfeito, pois não demonstra em nada desequilíbrio mental.

Disse-nos mais que as suas visões muitas vezes apareciam quando estava ainda acordada.

Hoje, completamente restabelecida, vai a estranha mulher ter alta daquela casa de saúde.

Nem sempre, porém, a obsessão ataca diretamente, num impulso momentâneo, sem causa aparente.

A ideia da morte vem através de um desgosto, de uma série de circunstâncias que conduzem em lógica aparência a vítima ao suicídio. O traço identificador da OBSESSÃO permanece, porém, evidente para quem tenha olhos de ver: a quase insciência do ato, a calma diametralmente oposta ao estado nervoso que deveria exteriorizar-se na criatura à beira de um ATO DE DESESPERO.

Salvo por um barco de pescadores, foi apresentado à Polícia Marítima um desses atuados para a morte voluntária, sem que se lhe saiba de desventuras suficientes para determinar a deserção da vida.

São de *A Noite*, de 25 de abril de 1931, estes detalhes:

— Chamo-me Márcio Gonçalves Reis, tenho 44 anos de idade, sou casado, empregado do comércio.

Parou. Percebeu-se que tinha mais alguma coisa a dizer. Insistiram para que continuasse, e o infeliz completa a qualificação:

— Eu queria morrer... Esta, se não me falha a memória, é a terceira ou quarta vez que me mato...

Compreenderam, na Polícia Marítima, que Márcio era um enfermo das faculdades mentais.

— Continue. Diga alguma coisa a respeito de sua vida. Por que tantas vezes cometeu esses gestos?

— Sou um criminoso. Sou um louco, de verdade. Falo a verdade. Meti-me, certa vez, no trilho onde ia passar uma locomotiva. Antes disso, bebi veneno. Este falhou...

— E você, então, saiu do trilho...

— Eu queria morrer. Não saí do trilho, mas a locomotiva... desviou-se para outra linha...

— E agora, Márcio?

— Sou um evadido do Manicômio Judiciário...

O homem abaixou a cabeça, ao mesmo tempo que metia para trás das costas o braço esquerdo. É velho hábito seu. Márcio, aliás, tem defeituosa a mão desse lado.

E não falou mais.

Era tudo verdade. Márcio tinha tentado contra a vida, ontem, pela terceira ou quarta vez. Natural de São João de Meriti, onde talvez existam parentes seus, de lá saiu há muito tempo. Conta, ainda, que, há cerca de sete anos, tentou, pela primeira vez, contra a vida. Por causa de uma namorada, deu um tiro na cabeça. Foi salvo. Depois, vem a história da locomotiva. Mais tarde, brigou com um desafeto. Matou-o. Preso, durante o processo os médicos verificaram que era um enfermo das faculdades mentais e mandaram-no para o Manicômio Judiciário. Daí fugiu. Não se recorda se há 15, 20, 30 dias ou mais. Também não se lembra se viajava na barca *Icaraí* ou *Gragoatá*, quando, ontem, mais uma vez procurou morrer.

Esta manhã, quando o fotografamos, o infeliz Márcio não se dispunha a falar.

— Então, Márcio, que foi isso?

— Eu estava boiando... fiquei todo molhado...

Respondeu isso, apenas, e, sorrindo, procurou o caminho do xadrez.

Neste outro exemplo, embora o Espírito tenha sido trabalhado por um motivo conduzido ao exagero, ruminadamente, espevitado para bruxulear no ânimo da vítima, também se nota a antítese perfeita entre o estado condizente com o processo brutal, horrorizante do suicídio, e a calma brejeira, sorridente do obsidiado.

Pertence também a *A Noite*, de 18 de março de 1929, as linhas que se seguem:

Dois casos de suicídio a dinamite houve aqui no Rio. Um, que parece ter sido o primeiro, nesse gênero, foi o de um tal Pegado, que, sendo hóspede do Hospital de Alienados, de onde saía, às vezes, para passear, escreveu uma carta, dizendo que ia fazer uma viagem à Lua, e, deitando-se sob enorme e frondosa mangueira, num terreno da rua

Conde de Bonfim, lugar onde há hoje a rua Rego Lopes, fez travesseiro de uma bomba de dinamite, esteve a fumar um cigarro até que, aproveitando o último lume, acendeu a bomba. A cabeça de Pegado estilhaçou, indo os estilhaços do crânio e dos miolos atingir folhas da mangueira.

O segundo caso foi nas obras do aterro próximo à lagoa Rodrigo de Freitas. Um operário fez explodir uma bomba, sobre a qual se sentara.

São raros, raríssimos, gestos como o desse homem que, ontem, em Botafogo, pôs termo aos seus dias. Dificilmente o noticiário dos jornais registra gesto tão excepcional, cometido com tão grande fleugma e tanta tranquilidade de espírito. O homem sorria no momento de morrer, com a consciência plena do ato que praticava, fisionomia serena.

Ninguém, vendo-o naquela posição, calcularia que ia estourar a cabeça com uma bomba de dinamite.

Era de nacionalidade portuguesa, e viúvo, o operário Alfredo da Cunha Ferreira, que contava 55 anos de idade e trabalhava, como cavouqueiro, numa pedreira do Morro da Viúva. Morava nos fundos de um restaurante existente à rua General Polidoro n° 266 e tinha como companheiro de quarto outro trabalhador como ele, de nome Raimundo Valente.

Há tempos, ao procurar, no quarto, sua corrente e seu relógio de ouro, Ferreira teve uma surpresa desagradável: não os encontrou. Perguntou ao companheiro.

— Não vi teu relógio nem tua corrente, Ferreira!

O homem pensou um pouco e, depois, saindo, foi à delegacia local, que é a do 7º Distrito. Contou ao comissário de dia que fora furtado naqueles objetos. A autoridade interpelou-o sobre se não suspeitava de alguém.

— Sim: de meu companheiro de quarto, o Raimundo Valente.

O investigador Dória foi buscar Valente e o interpelou. Ele se mostrou surpreso e, depois, indignado com a acusação. Isso não o livrou de “mofar” alguns dias na Delegacia, até que a polícia apurou que a suspeita era improcedente, e pôs Valente em liberdade.

Ferreira, informado disso, partilha da opinião policial. Data daí a atribulação de seu espírito.

— Cometi uma grave injustiça. Foi uma miséria que fiz, e o Valente nunca me poderá perdoar.

Desde então ele não teve mais sossego de espírito, fazendo, a todo o momento, referência ao fato.

— Que injustiça! — exclamava, falando aos seus amigos. — Acusar um velho amigo e companheiro de tão feio crime!

João Ferreira, filho do operário, conta que este, por mais de uma vez, disse que ou o ladrão de seu relógio acabaria com a sua vida ou ele liquidaria a do autor do furto.

Um dia, exclamou:

— Ainda farei uma punição tremenda para reparar a acusação infundada que formulei!

E fez mesmo.

Essa punição ele a praticou ontem, com a maior calma, suicidando-se de modo bárbaro, com indescritível fleugma.

Alfredo da Cunha Ferreira chegou, cerca de 17 horas, no botequim da firma J. Ferreira & Souza, à rua São João Batista n° 70, e pediu uma garrafa de cerveja. Serviram-no e ele se pôs a brincar com os empregados da casa, aos quais conhecia muito. A uma pilhéria qualquer de um garçom, disse o operário:

— Os santos são muitos... A água benta é que é pouca...

Riu muito e, depois, saiu, em demanda do restaurante em cujos fundos ocupa um quarto.

— Até um dia! — disse ele, ao sair.

Deu uma gargalhada e partiu. Ia morrer. Levava a ideia preconcebida de dar fim aos seus dias.

Ainda não eram 17h30, quando Ferreira entrou no Restaurante da rua General Polidoro, n° 266. As mesas estavam cheias. Todos eram seus conhecidos e, para cada um, teve ele uma frase amável e trocista.

Ferreira dirigiu-se à área. De onde estavam algumas pessoas o viram colocar à cabeça alguma coisa, sobre a qual pôs o chapéu. Fumava. Levou a mão, com o cigarro, à altura da cabeça. Depois, desceu-a novamente e colocou as duas nos bolsos da calça.

Assim ficou o pobre operário, a sorrir fleugmaticamente, como quem pensasse em alguma troça que pretendesse fazer.

Momentos depois ouviu-se formidável estampido. Toda a casa estremeceu. Para a área se projetaram fregueses e empregados. Da rua corria gente. Em pouco o estabelecimento estava repleto de vizinhos, alarmados.

As pessoas que chegaram ao local encontraram o infeliz estendido no solo, com o crânio esfacelado! Colocara uma bomba à cabeça, cobrindo-a com o chapéu, chegando em seguida o cigarro aceso ao estopim, metendo depois as mãos nos bolsos.

O infeliz homem era muito estimado nas redondezas e conceituado entre seus companheiros.

Quantos se encontrem nas terríveis malhas do sofrimento mais acerbo e duro, lembrem as eloquentes páginas deste livro. Orem, peçam o auxílio dos Espíritos bons, conformem-se com a provação e convençam-se de que a revolta ante a desventura só serve para aumentar e prolongar as dores.

Mas — principalmente — repilam a ideal do SUICÍDIO, crime, fonte de martírios inenarráveis, bem eloquentemente espelhados nas instrutivas narrações dos que cederam à tentação de tal ideia.

Um ensinamento, afinal, resulta de tudo quanto se conhece através das lições da experiência do passado:

O suicídio é o começo do maior tormento que a criatura humana possa sofrer, porque continua viva (apesar de morto o corpo) e sem receber socorro, nem ter alívio do seu padecer, pois esse alívio só a seu tempo terá lugar.

Ninguém pode alterar a ordem natural da vida. Cada ser nasce e morre naturalmente, dentro da evolução e do tempo que lhe corresponda.

Essa é a Lei no Universo. Louco, quem pretender lutar contra ela.

---

1 N.E.: Encarar sem medo.

2 N.E.: Autocídio ou suicídio.

3 N.E.: Prisioneiros.

4 N.E.: Cuia

5 N.E.: Preguiçoso; indolente.

6 N.E.: Lastimava-se, demonstrando arrependimento.

7 N.E.: Moeda vigente no Brasil quando da redação da obra.

8 N.E.: Abundantes; fartos.

9 N.E.: Dolorosíssima.

10 N.E.: Antiga, a que o tempo conferiu respeitabilidade.

11 N.E.: Atualmente, a postura das religiões dogmáticas tem sido menos extremista, algumas delas reconhecendo a necessidade do amparo, pelo conforto da crença, ao suicida e seus familiares.

12 N.E.: Funestos; detestáveis; abomináveis.

13 N.E.: Tormenta; sofrimento intenso.

14 N.E.: Pelos ensinos espíritas, entende-se que Deus é eterno (não teve começo nem terá fim) e o Espírito é imortal (foi criado por Deus em algum momento, teve começo, mas não terá fim).

15 N.E.: O Espírito comunicante expressa a sua emoção ante o estado em que se encontra e se utiliza de forças de expressão para traduzir seus sentimentos.

16 N.E.: Que sofre de dispepsia, sensação de desconforto digestivo.

17 N.E.: Vaidosamente; presunçosamente.

18 N.E.: Que se opõe à adoração; que é contra qualquer tradição.

19 N.E.: Cárcere; prisão.

20 N.E.: Traiçoeiras.

21 N.E.: Fraco.

22 N.E.: Assustadora.

23 N.E.: Tagarelices; conversações exageradas sem dizer coisas importantes.

24 N.E.: Sabor amargo.

25 N.E.: Enganados pela astúcia.

26 N.E.: Severa; mordaz.

27 N.E.: Íntimo; santuário secreto.

28 N.E.: Quanto basta.

29 N.E.: Imperfeitos; defeituosos moralmente.

30 N.E.: Amarguras; aflições.

31 N.E.: Descendência.

32 Alusão a coisas que, por outros médiuns, disse em presença de muitas pessoas. (Nota do médium Fernando de Lacerda.)

33 É Alusão a coisas que, por outros médiuns, disse em presença de muitas pessoas. (Nota do médium Fernando de Lacerda.)

34 Geraldo Rocha, grande proprietário, inclusive de jornais, que fundou.

35 N.E. Ataque epiléptico é um transe mediúnico de baixo teor... associação de duas mentes desequilibradas que se prendem [...] um encarnado e um desencarnado, jungidos um ao outro [...] (André Luiz — *Nos domínios da mediunidade* — 1. ed. da FEB, p. 72.)

36 Nota do autor: Penteado antigo, entrelaçando uma fita nos cabelos.

37 Nota do autor: Alusão ao tempo em que a imagem de N. S. de Nazareth era conduzida em berlinda puxada a cordas, pelos fiéis, na procissão anual, na famosa e tradicional festa que se celebra anualmente em Belém, do Pará, no mês de outubro.

O Martírio dos Suicidas

Este livro é destinado a exercer missão socorrista de urgência, a ser consultado por aqueles que estão em aflição e desespero, atormentados ou desiludidos, vencidos e desorientados, vítimas do negativismo e da rebeldia, e que, por isso mesmo, reclamam ou imploram esclarecimento às dúvidas e aos problemas que os afligem, mas em poucas linhas, em poucas palavras, ainda a tempo de serem libertados da ideia ilusória de autodestruição.

Almerindo Martins de Castro reúne, nesta obra, comunicações de Espíritos suicidas, narrando as circunstâncias, sentimentos e emoções que os levaram a decidir por esse ato extremo.

Com isso, o autor ainda nos estimula ao socorro dos irmãos predispostos ao suicídio, convidando-nos a ampará-los através dos esclarecimentos oferecidos pela Doutrina Espírita.

Conselho Editorial:
Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Evandro Noleto Bezerra
Marta Antunes de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:
Rosiane Dias Rodrigues

Revisão:
Elizabete de Jesus Moreira
Jorge Leite de Oliveira
Mirela Hakime de Andrade Ramos Lírio

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação:
Thiago Pereira Campos

Foto de Capa:
istockphoto.com/themacx
istockphoto.com/m-gucci

Normalização Técnica:
Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

E-Book:
Diego Henrique Oliveira Santos

Mantenha-se atualizado sobre os lançamentos da FEB Editora, cadastrando-se no site www.febeditora.com.br.